

CLASSE NOMINAL E GÊNERO NAS LÍNGUAS ARUÁK

Alexandra Y. Aikhenvald¹

RESUMO - O presente trabalho contém uma análise sincrônica detalhada dos sistemas de classificação nominal e de gênero em 28 línguas da família Aruák, na maioria pouco ou não descritas, no quadro da teoria tipológico-funcional. A maioria das línguas Aruák apresenta vários tipos de classificação nominal que inclui os classificadores numerais, de concordância, de incorporação verbal e, raramente, os classificadores intralocativos. Algumas línguas possuem também o gênero como categoria de concordância à parte. Propõe-se um cenário da gênese e do desenvolvimento da classificação nominal e de gênero do Proto-Aruák até as línguas modernas.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Aruák. Classe nominal. Gênero. Classificador. Concordância.

ABSTRACT - This study provides a synchronic typology of noun classification and gender in twenty eight languages of the Arawak language family (some of them previously undescribed). The majority of Arawak languages are shown to have noun classification devices, which include numeral, concordial, verb-incorporated and, very rarely, intralocative classifiers. Some also have gender as a concordial category. Gender and noun classification devices are shown to have been distinct Proto-Arawak categories. A tentative description is proposed for the genesis of different systems of classifiers from Proto-Arawak to modern languages.

KEY WORDS: Arawak languages, Noun class, Gender, Classifier, Agreement.

¹ Australian National University, Linguistics, Faculty of Arts, Canberra 0200 ACT Austrália.

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - OBSERVAÇÕES GERAIS

O propósito do presente trabalho é duplo: apresentar uma análise sincrônico-tipológica dos sistemas de classificação nominal e de gênero da família lingüística Aruák, conhecida como a mais extensa da América do Sul e da América Central, e propor uma interpretação da gênese dos padrões de classificação nominal atestados nas línguas Aruák, a fim de responder a seguinte questão: é possível considerar a classificação nominal de vários tipos como apenas um traço geográfico de línguas amazônicas ou este fenômeno tem origem Proto-Aruák?

Analisando a noção de classificação nominal e de gênero, convém lembrar que, segundo alguns autores (entre outros, Corbett 1991), a classe nominal inclui o gênero. A possibilidade de uma substituição do conceito tradicional de gênero pelo conceito mais abrangente de classe de concordância foi proposta por Zalizniak (1967) e retomada em Corbett (1991:147). De acordo com Zalizniak (1967: 66-70), “classe de concordância é um conjunto de substantivos tal, que cada dois de seus membros, em qualquer forma gramatical igual para ambos, exigem o mesmo conjunto de segmentos no determinante, dentro de um grupo nominal”.

Nas línguas do mundo, classe nominal ou classe de concordância entendida desta maneira inclui o conceito de gênero. Contudo, mostraremos mais adiante que algumas línguas da Amazônia podem apresentar dois ou mais conjuntos de classes de concordância simultaneamente, sendo um baseado na oposição feminino/masculino e outro envolvendo outras oposições semânticas (tais como estrutura, tamanho e outras características físicas do objeto). Nestas línguas, então, gênero e classe nominal coexistem como duas categorias gramaticais independentes.

Em algumas línguas o número de classes de concordância equivale ao número de gêneros, como é o caso do latim, lituano, alemão. A situação em outras línguas é diferente. O russo é conhecido como uma língua com três gêneros gramaticais: masculino, feminino, neutro. Contudo, em russo, cada classe de concordância apresenta, na realidade, um conjunto de traços: gênero, com três gramemas: masculino, feminino, neutro; e animado - inanimado. Isso resulta na existência de sete classes de concordância, de acordo com Zalizniak (1967:79). Seguindo o mesmo princípio, chegamos a uma conclusão de que o



hebraico moderno, tradicionalmente conhecido como uma língua com dois gêneros gramaticais, masculino e feminino, teria oito classes de concordância, de acordo com Aikhenvald (1990:48). No hebraico, a divisão dos substantivos em classes de concordância faz-se de acordo com a concordância "externa" do nome-núcleo com os determinantes, o determinante podendo constar em forma masculina (não-marcada) ou feminina, assim como de acordo com a forma do singular e plural em *status absolutus*, isto é, forma absoluta de nome, e em *status constructus*, isto é, forma do nome possuído na construção possessiva.

Uma possível solução seria, neste caso, continuar chamando de "gênero" apenas os sistemas gramaticais fechados, predominantemente baseados na oposição semântica de sexo e animado/inanimado, e de "classe de concordância" os sistemas mais complexos, que envolvem mais de dois parâmetros de subcategorização. Esta é a solução proposta em Corbett (1991: capítulo 3). Por outro lado, para uma distinção operacional entre os conceitos de gênero e de classe de concordância, pode ser usada a oposição entre o gênero-alvo ("target gender"), para o primeiro caso, e o gênero de controle ("controller gender"), para o segundo (Corbett 1991:6.3.).

Assim, o presente trabalho visa a contribuir para o estudo tipológico, dentro do quadro metodológico do modelo tipológico-funcional (Croft 1990), dos sistemas e padrões de classificação nominal e subcategorização nas línguas da família Aruák. Definiremos as principais características das línguas Aruák, levando em consideração os traços gerais das línguas amazônicas e padrões tipológicos encontrados nas outras línguas do mundo. Desta maneira, testaremos o escopo geral da classificação nominal, a fim de descobrir tanto os traços já atestados em outras línguas pouco ou não descritas (tais como yawalapiti, warekena do rio Xié, baniwa do Içana etc), quanto novos padrões tipológicos de classificação nominal.

Outro objetivo do nosso trabalho é contribuir ao estudo histórico e comparativo das línguas Aruák, já que temos como um dos objetivos a reconstrução dos padrões morfológicos e sintáticos da classificação nominal em Proto-Aruák e dos morfemas marcadores de gênero e de classes nominais nas línguas desta família.

O problema da análise dos padrões tipológicos ocorrentes nas línguas geneticamente aparentadas, como é o caso das línguas da família Aruák, é de suma importância para o presente estudo. Possível correspondência e até interdependência entre as relações genéticas e semelhanças tipológicas são

estritamente ligadas à seguinte questão: até que ponto um paralelismo de padrões tipológicos pode servir de critério e de evidência do parentesco genético das línguas? E vice versa: até que ponto o parentesco genético estabelecido entre duas línguas pressupõe uma semelhança tipológica?

Esses problemas continuam apresentando um ponto de controvérsia há bastante tempo (cf., entre outros, discussão em Vinogradov 1982). Sem dúvida alguma, parâmetros de cunho tipológico podem servir para ampliação e aprofundamento do nosso conhecimento sobre as línguas geneticamente aparentadas. Assim, os parâmetros tipológicos estão sendo usados na classificação interna das línguas das diferentes famílias lingüísticas, como, por exemplo, da família Tupi-Guarani (Rodrigues 1986). A famosa classificação das línguas indo-européias em línguas "centum" e "satəm" é baseada em um parâmetro tipológico (a saber, tratamento das oclusivas palatais do proto-Indo-europeu nas línguas da família). Na história dos estudos das línguas Bantu (Vinogradov 1982) a classificação baseada nos parâmetros tipológicos, de fato, substituiu a classificação genética. No entanto, nota-se a importância de um estudo tipológico das línguas geneticamente aparentadas, a fim de contribuir para o nosso conhecimento sobre a relação entre as semelhanças tipológicas e relações genéticas em uma família lingüística da América do Sul.

Uma tentativa de integrar a classificação sincrônico-tipológica com a classificação genética das línguas da mesma família foi efetuada por nós, no material das línguas Bérberes da África de Norte (Aikhenvald 1984). O objetivo principal do trabalho era elaborar uma classificação genético-tipológica exaustiva, com base em isoglossas morfológicas e correspondências regulares entre sessenta línguas bérberes. Neste caso, os resultados da classificação tipológica coincidiram no seu total com os da classificação genética feita na base de cálculo de retenções e inovações lexicais (Aikhenvald & Militarev 1991). Portanto, o presente estudo pode ser considerado um passo no mesmo sentido. A maior diferença deve-se ao fato de que agora será levantado apenas um aspecto da estrutura morfológica de uma família lingüística muito mais antiga que a família Bérbere. A profundidade temporal da família lingüística Aruák calcula-se como sendo em torno de cinco-seis milênios. Esta família pode ser comparada com a família indo-européia, enquanto que a família bérbere, cuja profundidade é de apenas 2 - 1,5 milênios, compara-se com as línguas neolatinas (Aikhenvald & Militarev 1991).

1.2 - METODOLOGIA E ESTRUTURA DO TRABALHO

A metodologia a ser seguida será a da análise sincrônica dos padrões tipológicos da classificação nominal, classes de concordância e de gênero ocorrentes nas línguas da família Aruák. Depois, far-se-á uma tentativa de reconstrução de padrões e marcadores das categorias estabelecidas para o Proto-Aruák.

A descrição e análise serão feitas de acordo com os postulados da teoria tipológico-funcional (Kibrik 1977; Croft 1990; Shopen 1985). A metodologia de reconstrução gramatical é a convencional (Diakonoff 1989; Kaufman 1990; Wise 1990; Hock 1991).

A estrutura do presente trabalho é a seguinte.

O item 2 será dedicado à descrição dos padrões tipológicos e princípios semânticos de classificação nominal e de gênero nas línguas do mundo, com uma atenção específica aos padrões recorrentes em línguas da Amazônia.

O item 3 contém uma descrição detalhada do nosso material de estudo - línguas da família Aruák.

O item 4 contém uma análise sincrônica dos padrões de classificação nominal em 28 línguas da dita família.

O item 5 apresenta algumas conclusões a respeito das características tipológicas dos sistemas de classificação nominal e subcategorização nas línguas Aruák e uma discussão a respeito da possibilidade de uma reconstrução das categorias em questão para o Proto-Aruák.

2 - PROBLEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL NA PERSPECTIVA TIPOLOGICA

2.1 - CATEGORIZAÇÃO LINGÜÍSTICA E CLASSIFICAÇÃO NOMINAL

Não seria exagero afirmar que nos últimos dez anos o interesse pela classificação nominal, assim como outros meios de subcategorização lingüística cresceu em proporção quase exponencial. Usando as palavras de Kibrik (1990:15), podemos dizer que "este boom... não se deu por acaso: é uma consequência natural do fato de que o ponto central das investigações teóricas passou a ser ocupado pelos problemas da tipologia de conteúdo", principalmente dentro do quadro teórico da tipologia semântica, ou funcional. Importante é que os sistemas de categorização e de subcategorização lingüística nas línguas

do mundo podem ser considerados como a estruturação do mundo externo refletido na língua e gramaticalizada de uma maneira única. Desta maneira, a classificação nominal oferece a única possibilidade de introversão nas maneiras de como as línguas naturais refletem o mundo (Lakoff 1986, Craig 1986a, b, 1992).

A categorização deve, então, ser considerada como um dos pontos principais da cognição humana. Convém lembrar que o "boom" dos estudos de classificação e subcategorização nominal está intrinsicamente vinculado à "descoberta" de novos "continentes" lingüísticos - ou seja, Austrália e América do Sul, cujos padrões lingüísticos não habituais forçam uma reformulação dos vários conceitos lingüísticos, e.g. flexão e derivação: v. Payne (1990); relações gramaticais: v. Dixon (1994), etc.

A categorização lingüística através da classificação nominal manifesta-se tipologicamente em duas formas distintas (Dixon 1986; Craig 1986a) que podem ser consideradas como dois "extremos", ou duas funções prototípicas de classificação nominal. Sobre a noção de protótipo na tipologia moderna veja-se Croft (1990), Payne (1990: Cap.5), Craig (1992), sendo elas:

- categorização lingüística através da classificação nominal por meio de morfemas chamados classificadores (v. §3.2.) com as seguintes características principais:

"Noun classifiers are always separate lexemes... There is a largish set of classifiers" (Dixon 1986:105):

- categorização através de categoria gramatical de classe nominal de concordância, que inclui a maioria dos sistemas rotulados de "gênero" (Corbett 1991) ou "classe de concordância" (Zalizniak 1967). Compara-se a análise dos sistemas correspondentes em Niger-Kongo por Demuth, Faraclas e Marchese (1986); em proto-Bantu por Denny & Creider (1986); em alemão por Zubin & Köpcke (1986), sendo a maior particularidade dos sistemas de línguas com classificação nominal, de acordo com Dixon (1986:105).

"Noun classes constitute an obligatory grammatical system where each noun chooses from a small number of possibilities".

As maiores diferenças entre os sistemas com classificadores nominais e aqueles com classificação nominal consistem em:

- tamanho e número das classes: as classes envolvem um agrupamento de todos os substantivos da língua em um número de classes relativamente pequeno (de duas até vinte), enquanto que o número de classificadores nominais pode ser muito maior;

- realização: classes nominais constituem um sistema gramatical fechado, sendo os seus marcadores codificados como afixos, palavras separadas ou clíticos, por exemplo, artigos, enquanto que os classificadores nominais sempre são formas livres;
- escopo: a marcação da classe nominal pressupõe a existência de uma classe de concordância (cf. a definição em Corbett 1991); isto é a marcação de classe nominal não ocorre dentro de uma palavra morfológica apenas. No entanto, o comportamento dos classificadores é outro:

"classifiers...behave quite differently: there is never any reference to them outside the noun phrase in which they cooccur with the specific noun (or, sometimes, occur in place of a specific noun)" (Dixon 1986:107).

Convém salientar, que o problema de concordância, suas regras e construções sintáticas, onde se fazem obrigatórias, são de suma importância para o estudo da classificação nominal e, mais especificamente, da sua gênese. Recentemente, na literatura linguística, foram considerados dois tipos básicos de concordância, a saber: concordância como "registro" de uma categoria gramatical nos modificadores, e concordância como "repetição" ("copying") do mesmo elemento, ou do constituinte, nos constituintes concordantes (Anderson 1992:112). Entretanto, o problema do *status* teórico da concordância não será abordado no presente estudo, constituindo ele um assunto independente, que envolveria uma ampla discussão de vários problemas gramaticais. Uma discussão dos padrões de concordância em algumas línguas Aruák do Norte, referente também à relação marcado/não-marcado na concordância em classe, gênero, número e pessoa, e que depende, entre outras coisas, da ordem de constituintes e da estrutura discursiva "topic-comment", encontra-se em Aikhenvald (1995a).

Assinalaremos aqui apenas que, à primeira vista, as línguas Aruák do Norte formam exceções às seguintes colocações universais formuladas em Greenberg (1963:94-95):

"Universal 32: Whenever the verb agrees with a nominal subject or nominal object in gender, it also agrees in number", e

"Universal 33: When number agreement between the noun and the verb is suspended and the rule is based on order, the case is always one in which the verb precedes and the verb is in the singular".

O fato de as línguas baniwa do Içana e achagua serem exceções ao Universal 32 vem, aparentemente, do caráter não obrigatório da categoria do

número nestas línguas, como é, possivelmente, o caso também nas outras línguas Aruák. O não cumprimento do Universal 33 é um fenômeno comum ao achagua (§4.6.4) e baniwa do Içana (§4.6.8.2) (cf. também Taylor 1952 sobre fenômenos deste tipo em *island carib*).

A seguinte colocação geral, que diz respeito à noção marcado/não-marcado na concordância gramatical, pode ser posta em dúvida com base no material das línguas Aruák do Norte:

"In the language with grammatical agreement, it is the absence of concord, rather than its presence, that is irregular or marked" (Polinskaya 1989:271). O caso do achagua (Wilson 1992:6.4.) mostra o contrário. Os casos mais complexos, como o do baniwa do Içana (Aikhenvald 1995a), merecem uma discussão à parte. Anderson (1992:114-115) trata o fenômeno da variação em concordância como "discordância" ("dis-agreement").

As duas definições - a da classificação nominal, de um lado, e a dos classificadores nominais, do outro lado - podem ser consideradas como prototípicas, já que, segundo o próprio Dixon (1986:107), existem vários sistemas que fogem dos esquemas já descritos. Isto seria o caso de línguas com um número consideravelmente grande de classes nominais, como munduruku (Tupi), nasioi (Papua Nova Guinéa) e algumas outras línguas a serem consideradas a seguir.

Adiante, mostraremos a possibilidade de coexistência, em uma língua, de classes nominais e de classificadores simultaneamente, tendo, cada subsistema, suas funções distintas.

Porém, a distinção entre ambos os tipos de subcategorização nominal continua tendo uma certa importância tanto para definição de cada sistema lingüístico no plano sincrônico, quanto, e principalmente, para descobrir as origens dos sistemas no plano diacrônico e discutir o *status* teórico dos morfemas-marcadores de subcategorização.

De qualquer maneira, a renúncia de uma divisão rígida entre línguas com classes nominais e línguas com classificação nominal, de acordo com a definição acima proposta por Dixon (1986), e a tentativa de se apresentar ambos os conceitos como "extremidades" de um continuum conceitual, justifica-se no seguinte sentido: primeiro, mesmo em Dixon (1986), assinala-se a existência de tipos lingüísticos "intermediários", como o athabasco; segundo, a distinção e oposição das línguas com classificação nominal e com classes nominais está intrinsecamente ligada à oposição de dois tipos morfológicos

de línguas, sendo que as línguas com classificadores seriam predominantemente isolantes e as com classes nominais - flexionais ou aglutinantes. Contudo, as línguas da Amazônia fogem desta "regra", mostrando várias particularidades de caráter intermediário. Mais adiante (v. especialmente §4.6.8.3 sobre tariana) mostraremos a possibilidade de coexistência de ambos os tipos em uma língua, em uma relação de distribuição complementar. No caso de uma análise diacrônica, a reconstrução de um desenvolvimento do sistema com classificadores ou com classificação nominal, no sentido prototípico (Payne 1990) para um sistema parecido ao de classes nominais, pode explicar, por exemplo, a existência em algumas línguas de número excessivamente grande de classes de concordância.

2.2 - CLASSIFICADORES: CARACTERÍSTICAS FORMAIS E SEMÂNTICAS

Segundo definição, proposta em Allan (1977), classificadores são definidos a partir dos seguintes critérios principais:

"(a) they occur as morphemes in surface structure under specifiable conditions: (b) they have meaning, in the sense that a classifier denotes some salient perceived or imputed characteristics of the entity to which an associated noun refers" (Allan 1977:285).

Portanto, "classifier languages can be distinguished from non-classifier languages on three criteria...: (a) they have classifiers, at least some of which are restricted to classifier constructions although classifiers exist which function in other environments as nouns: (b) they belong to one of four types - (i) numeral classifier languages, (ii) concordial classifier languages, (iii) predicate classifier languages, (iv) intralocative classifier languages" (ibid.:287).

No presente estudo, trabalharemos em termos de três dos quatro tipos mencionados em Allan (1977), considerando, além destes, os classificadores com incorporação verbal sugeridos por Mithun (1984, 1986), Derbyshire & Payne (1990). Convém salientar que o quarto tipo de classificadores - intralocativos - é bastante raro e quase não ocorre nas línguas da América do Sul; v. adiante, §4.6.1.1, sobre possível ocorrência deste tipo em uma língua Ta-Aruák do Suriname, lokono dian (Pet 1987).

Apresentaremos a seguir a definição dos vários tipos de classificadores proposta por Allan (1977) e adotada no presente estudo.

1. *Classificadores numerais* - Podem ser definidos como formas lexicosintáticas, "distinct from closed grammatical systems...., often obligatory in expressions of quantity" (Derbyshire & Payne 1990:245). Eles podem funcionar tanto em forma de afixos, quanto em forma de palavras, isto é unidades lexicosintáticas separadas, como seria o caso "clássico" das línguas conhecidas como as com classificadores numerais - principalmente as línguas isolantes, como birmanês, thai etc. Essa característica dos sistemas de classificadores numerais foi levantada como uma das particularidades das línguas da Amazônia, cf. análise do munduruku (Tupi) e palikur (Aruák) em Derbyshire & Payne (1990), o que permite desvincular a existência de classificadores numerais na língua do tipo morfológico isolante. Contudo, o número das classes distintas pode ser bastante grande.
2. *Classificadores de concordância* - ("concordial classifiers") são normalmente afixos ou clíticos que formam um sistema gramatical, isto é obrigatório, flexional e paradigmático fechado. Para definir os conceitos de categoria gramatical e flexão vs derivação, utilizaremos os critérios propostos em Anderson (1985, 1992). Os componentes do grupo nominal ou verbal que levam marcadores de concordância variam de uma língua para outra, e a marcação de classe de concordância varia de acordo com o tipo de determinante. É um fenômeno característico tanto para as línguas Aruák do Norte - palikur, baniwa do Içana, tariana - quanto para línguas de outras famílias, e.g. as da família Tukano Oriental, v. Barnes (1990).

Convém salientar que no presente estudo os sistemas de concordância de gênero, baseados nos traços semânticos tipo "masculino", "feminino", "neutro", "animado", "inanimado", vão ser incluídos como um subtipo de sistemas de concordância, mesmo sendo eles, às vezes, gramaticalizados ou estando em relação de distribuição complementar com outros tipos de concordância, ou classificação nominal. Este fenômeno foi rotulado por nós de "marcação cindida do gênero" (Aikhenvald 1994a).

Allan (1977) exclui da sua análise os sistemas de gênero do tipo das línguas indo-europeias, pelo fato de serem altamente gramaticalizados e semanticamente vazios. Esta última colocação é, por sua vez, discutível; basta lembrar o trabalho de Köpcke & Zubin (1986), sobre as motivações semânticas do gênero em alemão, e as colocações feitas em Corbett (1991:7), sobre os sistemas de gênero semanticamente motivados, baseadas nos exemplos das línguas indo-europeias. Aqui, optamos por incluir os sistemas de gênero no escopo do nosso estudo, pelo fato de serem integrados nos outros sistemas gramaticais das línguas amazônicas e serem semanticamente motivados.

Uma análise adequada de classificadores de concordância é vinculada à própria noção de concordância. Convém salientar que, atualmente, na teoria lingüística, faz-se uma distinção entre dois tipos de concordância: a concordância tipo registro de características do núcleo no modificador e a concordância tipo "cópia". Um exemplo deste último tipo seria a concordância que consiste em pura repetição de elementos fonológicos. Isso acontece, por exemplo, na língua yimas (Sepik Oriental, Papua-Nova Guinéa), que possui onze classes de concordância, sete das quais têm concordância puramente fonológica, sendo o marcador de concordância pura repetição de uma ou duas consoantes da raiz nominal (Foley 1986:85-89; Corbett 1990:55-57).

3. *Classificadores predicativos* - são até certo ponto parecidos com classificadores de concordância. Eles assinalam a concordância entre predicado e argumento - isto é um grupo nominal - classificado. Um subtipo de classificadores predicativos são os classificadores de incorporação verbal, que ocorrem quando:

"lexical items are incorporated into the verb stem, which signal some classifying characteristics of the entity referred to in an associated noun phrase" (Derbyshire & Payne 1990:245).

Outro tipo de classificadores, os genitivos, foi assinalado recentemente em Craig (1992). Estes classificadores aparecem no genitivo ou elemento possuidor da frase possessiva e refletem as características do possuído. Na maioria dos casos, os classificadores deste tipo são semelhantes aos classificadores numerais.

Os classificadores de "repetição", chamados de "repeaters" por Craig (1990), apresentam um tipo formal de classificadores que funcionam da seguinte maneira: o substantivo a ser classificado é repetido como o classificador de si mesmo. Esse tipo de classificador é estreitamente ligado à concordância de tipo "cópia" (v. acima).

De acordo com as hipóteses existentes sobre a origem de sistemas de classificação nominal, estes sistemas frequentemente provêm de incorporação de classificador-item lexical, no modificador, já que frequentemente, classificadores têm itens lexicais como origem (Craig 1992).

As bases semânticas de classificação nominal nas línguas do mundo em princípio seguem os agrupamentos maiores assinalados em Allan (1977), a saber:

- "material" : animado, não-animado; aqui, em algumas línguas inclui-se a oposição masculino/feminino, vs masculino/não-masculino, ou feminino/não-feminino, de acordo com uma oposição prototípica e relação marcado/não-marcado entre os membros de cada classe:

- “configuração”, que inclui parâmetros referentes à forma do objeto classificado, tais como chato, longo, redondo etc.;
- “consistência”, incluindo parâmetros como duro, flexível, não-discreto etc.;
- “tamanho” (grande, médio, pequeno);
- “quantidade” (singular, plural, contável, não-contável, par etc.).

Nota-se que os classificadores deste último tipo podem ser confundidos com quantificadores, isto é, expressões com semântica de quantidade, cuja coocorrência com vários nomes não depende das suas características semânticas. Os exemplos (1), (2) da língua baniwa do Içana (Aruák do Norte; dialetos siuci, hohôdene) ilustram o caso de quantificadores. O exemplo (3) mostra um classificador numeral:

- (1) apa-ma “um par” (de qualquer coisa)
 um- PAR
- (2) apema < apa-ima “um lado” (de qualquer coisa)
 um -LADO
- (3) apa- kha a:pi “uma cobra”
 um -CL:CURV cobra

Há que assinalar a possibilidade de existência de uma classe dita geral, que inclui “o resto”, ou substantivos não classificados. Podem existir, também, classes restritas, ou “específicas”, que reúnem seus membros pelo conjunto de traços especiais e únicos, como a classe de “casas” ou “fezes” em baniwa do Içana; “pernas” e outras partes do corpo em terêna, ignaciano etc.

A constituição de cada classe nominal, ou formação do escopo semântico de cada classificador, procede a partir de um núcleo, ou protótipo semântico, incluindo, subsequentemente, a periferia semântica.

Foram formulados alguns princípios básicos usados frequentemente nas línguas naturais, para inclusão dos membros periféricos, ou não-prototípicos em classes nucleares (Dixon 1982:157, 1986; Lakoff 1986; Craig 1986, 1992).

Esses princípios incluem:

-Princípio de domínio de experiência (“Domain of experience principle”):

“If there is a basic domain of experience associated with A, then it is natural for entities in this domain to be in the same category as A” (Lakoff 1986:15).

Por exemplo, em baniwa do Içana (siuci) “homem, ser humano” pertence à classe de seres animados não-femininos; então, de acordo com o dito princípio, objetos tais como óculos, ou camisa, sendo atributo exclusivo do ser humano não-marcado e fazendo parte do seu domínio de experiência, pertencem à mesma classe.

Um dos subprincípios de organização semântica na classificação nominal é o princípio “Mito e crença” (“Myth and belief principle”), conforme o qual:

“If some noun has characteristics X (on the basis of which its class membership is expected to be decided), but is, through belief or myth, connected with characteristics Y, then generally it will belong to the class corresponding to Y and not that corresponding to X” (Lakoff 1986:15).

A ação deste princípio não é fácil descobrir. Um exemplo apropriado é a classificação da palavra *itjĩtjĩ* “arco-íris” em tariana como “ser animado não-feminino”, por razão da crença de que o arco-íris seria uma cobra de água (cf. uma crença similar em dyirbal: Dixon 1972). De acordo com o mesmo princípio, *paʒatu* “prato” (empréstimo do Português) em baniwa do Içana é classificado como um objeto comprido e sinuoso. Isso pode ser explicado tanto por uma analogia entre a cobra enrolada e prato, quanto pela trama da narrativa mítica “Javali”, onde se fala da transformação de uma cobra em um prato e vice versa.

-Princípio da propriedade importante (“Important property principle”):

“If a subset of nouns has some particular important property that the rest of the set do not have, then the members of the subset may be assigned to a different class from the rest of the set to mark the property” (Lakoff 1986:16).

Assim, em baniwa do Içana, música (lambada) devia ser classificada como parte do domínio de experiência de homem, pelo princípio 1. Mas na realidade está classificada como “objeto sinuoso, curvilinear” (v. §4.6.8.2), sendo essa classificação explicada pelo próprio informante como consequência de movimento “sinuoso” da melodia como “particularidade importante” do próprio objeto - música.

Nas línguas com classificação nominal, existe a possibilidade de um "conflito" entre vários critérios. Este conflito pode ser tema de um estudo à parte. Várias vezes, porém, o uso de diferentes critérios para classificação nominal pode revelar diversas nuances semânticas.

Segue uma ilustração no material da língua baniwa do Içana:

- | | | |
|-------------------------------|---------------|----------------------------------|
| (4) apa-dapana
um -CL:CASA | panʃi
casa | "uma casa" (habitação humana) |
| (5) apa-da
um -CL:REDONDO | panʃi
casa | "uma casinha" (habitação animal) |

Os seguintes princípios de categorização na cognição humana (Lakoff 1986) regulam a atribuição dos nomes às classes:

- *centralidade*, ou seja, uma distinção entre o núcleo semântico e a periferia semântica em cada categoria;
- "*encadeamento*", ou seja: as categorias complexas estão sendo estruturadas pelo princípio das cadeias de associações semânticas; assim, por exemplo, a lente de óculos vai entrar na mesma classe que os óculos;
- *domínios de experiência específicos para cada cultura*, o que ressalta a importância dos estudos antropológicos para melhor análise dos sistemas de classificação nominal (cf. Craig 1986a, b);
- *possibilidade de existência da classe do "resto"* - um restante semântico não classificado e não classificável.

Esses princípios básicos ajudam, até um certo ponto, a explicar a organização dos substantivos em classes. Mesmo assim, o nosso "poder de previsão" em que diz respeito à classificação dos diversos objetos continua dependente do grau de conhecimento da respectiva cultura e da sua visão de mundo.

2.3 - CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL NAS LÍNGUAS DA AMAZÔNIA

Consideraremos em seguida alguns princípios gerais de organização dos sistemas de classificação nominal nas línguas da Amazônia, para depois passar às características correspondentes das línguas da família Aruák.

Segundo assinalado em Derbyshire & Payne (1990:245), que continua sendo o maior estudo sobre classificação nominal e classificadores como traço areal das línguas da Amazônia (v. §3.2).

“the chief characteristics of most of the Amazonian classification system...is that they cannot be labelled discretely as any one type, but are a mixture of two or all three types”.

Outras particularidades dos sistemas de classificação nominal nas línguas da Amazônia incluem o seguinte:

- a) Os classificadores podem ocorrer como marcadores de função anafórica no discurso, referindo-se a uma entidade não marcada no texto de uma maneira explícita. Eles podem também ter uma função dêitica. A presença do classificador normalmente indica um certo grau de “proximidade” do objeto ao falante, ou “referencialidade” da entidade envolvida. Os diferentes marcadores de classificação nominal podem corresponder às diferentes características referenciais do substantivo. Veja a seguir, uma análise das características discursivas e anafóricas dos classificadores em baniwa do Içana e tariana (v. §§ 4.6.8.2,4.6.8.3).
- b) Os classificadores podem ter uma função puramente discursiva, rotulada como “discourse-backgrounding” (Derbyshire & Payne 1990:266). Neste caso os classificadores podem marcar, por exemplo, a saliência do futuro tópico no discurso ou enfatizá-lo. A função discursiva dos classificadores em baniwa do Içana e tariana será analisada a seguir.
- c) Os classificadores nominais podem ter a função tanto flexional, quanto derivacional (cf. §5.1.1)
- d) Além disto, podemos apontar, como um traço comum aos sistemas de classificação nominal nas línguas da Amazônia, a expansão de incorporação nominal e verbal como técnica morfológica de marcação, assim como as dificuldades em distinguir entre dois extremos: a classificação nominal, com um número limitado de classes gramaticais e um conjunto aberto de classificadores.

Em seguida apresentaremos as particularidades tipológicas das línguas da família Aruák que, no decorrer do nosso estudo, serão definidas do ponto de vista da sua origem genética comum.

- a) Podem coexistir os sistemas de classificação nominal com o sistema semântico baseado na oposição de gênero, com uma possível distribuição complementar entre as duas, dependendo do tipo de determinante-modificador: marcação “cindida” de gênero (Aikhenvald 1994a).

Em relação à marcação de gênero, as línguas Aruák apresentam as seguintes possibilidades:

- a1) distribuição complementar dos classificadores com oposição de gênero e os demais, isto é, marcação "cindida" do gênero, propriamente dita;
- a2) integração do sistema com oposição de gênero dentro do sistema de classificação nominal, sendo gênero reservado como único parâmetro de classificação para algumas subclasses de palavras e determinantes, tais como pronomes pessoais, ou pronomes pessoais e marcadores de referência verbal cruzada e/ou demonstrativos, como é o caso do tariana, baniwa do Içana. Chamaremos aqui este último tipo de "marcação de gênero parcialmente cindida".
- b) Algumas línguas Aruák possuem exclusivamente os sistemas de classificadores numerais (com ou sem gênero cindido), como o achagua e warekena do rio Xié. Esses casos, porém, são relativamente raros.
- c) Vários jogos de morfemas classificadores podem ser usados em função da classe gramatical do determinante (caso do tariana, palikur etc).
- d) Os classificadores podem ser usados tanto como morfemas flexionais (isto é marcadores de concordância), quanto como morfemas derivacionais.
- e) Assinalamos uso extenso da repetição, ou "incorporação" do item classificado no atributo - seja verbo ou nome, assim como origem lexical de vários classificadores (com a dupla função mencionada no item d acima). A origem da "incorporação" dos classificadores pode ser ligada a um tipo específico de concordância - tipo "cópia". Isso resulta em um número bastante elevado de classes nominais e faz com que se torne difícil uma distinção nítida entre sistemas com classes nominais e os com classificadores, de acordo com Dixon (1986). Surgem, igualmente, problemas de cunho teórico referentes ao possível uso de cada lexema como marcador derivacional e/ou flexional (v. discussão em §5.2).

A distinção de dois tipos de marcação de gênero - cindida e parcialmente cindida - é importante para uma definição sincrônica do *status* do gênero como categoria gramatical nas línguas Aruák.

Do ponto de vista diacrônico, a distinção entre os dois tipos é importante, porque ajuda a estabelecer a origem das oposições semânticas que servem de base para a classificação nominal. É importante também para se saber se a oposição de gênero é mais antiga ou não em relação às outras oposições, para que possamos eventualmente definir o caráter primário ou secundário da semântica das classes nominais e do gênero. Finalmente, uma definição do *status* da classificação nominal e de gênero para o proto-Aruák será importante

para a possível consideração da classificação nominal como um traço geográfico das línguas da Amazônia (Derbyshire & Payne 1990) e poderá nos trazer mais uma evidência a favor ou contra a convergência tipológica das línguas geneticamente aparentadas e possíveis interdependências existentes entre várias classificações lingüísticas baseadas nos princípios genéticos e tipológicos.

3 - MATERIAL DO ESTUDO

3.1 - LÍNGUAS ARUÁK

O material de estudo para o presente será o da família lingüística Aruák, chamada também de Arawak, ou Aruák *stricto sensu* (Rodrigues 1986:65), sobre a tradicional homonímia do Aruák - nome da língua lokono e denominação usada para a família inteira.

Na presente etapa dos estudos das línguas da família lingüística Aruák, conhecida como a maior família lingüística da América Central e da América do Sul, não há mais dúvida quanto ao parentesco genético da maioria das línguas. É importante, contudo, distinguir a família lingüística Aruák (chamada também de Maipure, ou Maipuran na tradição lingüística norte-americana), dos agrupamentos lingüísticos de ordem taxonômica mais alta e, portanto, mais duvidosos, tais como o tronco Aruák, ou Arawak (ou Arawakan) e Macro-Arawak.

Na literatura correspondente (Payne 1991a; Loukotka 1968) existem divergências quanto ao número das línguas Aruák. Na sua maioria, essas divergências devem-se às dificuldades de distinguir entre dialetos e línguas a serem consideradas separadamente. Outro problema sério para os estudos Aruák é a existência, bem frequente, de vários nomes para uma língua/dialeto e de uso de um nome para duas línguas distintas. O levantamento dos vários nomes empregados para uma língua constitui um problema à parte: cf. *pareci* ou *aliti* ou *haliti*; *terêna* ou *etelena*, ou *teleno*; *guajiro* ou *wayyu*; *parauhano* ou *añun*. Em muitos casos, os autores confundiam-se, colocando diferentes denominações de uma língua como se fossem línguas distintas, como acontece em Greenberg (1987); Valenti (1986). Caso contrário é o mesmo nome usado para duas línguas distintas. Um exemplo disso é a denominação baniwa, literalmente "mandioca", usada para duas línguas da família Aruák, baniwa do Içana e baniwa do Guainia. Se bem que ambas pertençam ao grupo Aruák do Norte, elas são muito diferentes. A denominação do rio (Içana, Guainia), determinando a locação geográfica da língua, tem que ser colocada junto ao nome da língua, para fazer a distinção.

As línguas Aruák (v. mapa) são atualmente faladas desde o centro-sul do Brasil (terêna) até a América Central (garífuna ou kariff), cobrindo a Venezuela, o litoral do Suriname e as Guianas, o Brasil, partes preandinas do Peru e da Colômbia, em quase todas as partes da bacia Amazônica. A maior concentração das línguas está assinalada na região do rio Negro e seus afluentes.

Aqui estudaremos apenas as línguas sobre as quais dispomos de material suficiente para uma análise gramatical.

No escopo do presente trabalho, vai ser aceita a seguinte classificação interna preliminar das línguas Aruák. Convém salientar que essa classificação é um resultado do nosso estudo histórico e comparativo das línguas Aruák, em andamento, cujos resultados coincidem, em parte, com os obtidos por Payne (1991a).

1 - Grupo Aruák do Sul.

1.1 - Subgrupo brasileiro: terêna

Além do terêna, pertencem ao mesmo subgrupo as línguas faladas desde a parte Centro-Sul do Brasil até as cabeceiras do rio Paraguai, hoje em dia todas extintas: guaná, chané, kinikinao. O material dessas línguas não vai ser considerado aqui, por falta de dados necessários referentes à morfologia. Uma comparação destas línguas com o terêna (Aikhenvald & Vegini 1992) mostra, entretanto, um grau elevado de proximidade entre elas.

1.2 - Subgrupo boliviano: ignaciano, bauré

2 - Grupo pareci-xinguano.

2.1 - Subgrupo pareci: pareci.

2.2 - Subgrupo xinguano: waurá, mehinaku, yawalapiti.

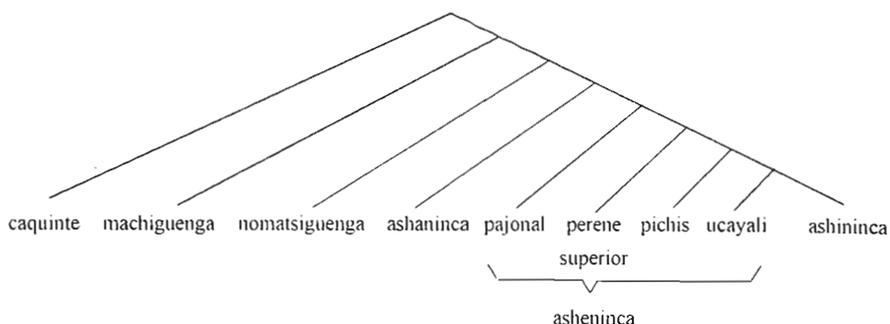
O subgrupo xinguano se divide em dois subagrupamentos nítidos: waurá, mehinaku e kustenaú (uma língua extinta), de um lado, e yawalapiti, de outro, conforme os resultados da análise histórico-comparativa e reconstrução do proto-Aruák xinguano em Seki & Aikhenvald (1993).

3 - Grupo preandino.

3.1 - Subgrupo piro- apuriña: piro, apuriña.

3.2 - Subgrupo campa: complexo lingüístico, ou conjunto de dialetos campa, com os seguintes representantes principais: nomatsiguenga, machiguenga, caquinte, ashaninca, ashininca, asheninca (pajonal, pichis, perene superior ucayali) (de acordo com Anderson 1991, Wise 1986).

A seguinte classificação dos “dialetos”ampa encontra-se em Anderson 1991, dos quais a maioria nem são mutuamente inteligíveis:



- 4 - Grupo amuesha: amuesha (v. sobre a afiliação aruák do amuesha: Payne 1991a, Wise 1986 etc).
- 5 - Grupo resígaro: resígaro (uma língua extinta, cuja afiliação genética à família Aruák foi comprovada em Payne 1985).
- 6 - Grupo Aruák do Norte.
 - 6.1 - Subgrupo Ta-Aruák: guajiro, parauhano, lokono aruák, *island carib*/garífuna (conhecido também como *black carib*).

A história do *island carib* e *black carib* (garífuna ou kariff) é uma das mais aventurosas na história das línguas Aruák. *Island carib* era descendente de um dialeto do lokono-aruák, igneri, ou ineri, cujos falantes migraram para ilhas do Caribe um pouco antes do descobrimento da América. De acordo com Taylor (1977b), uma parte dos falantes da língua *island carib*, por terem sido conquistados por falantes de uma língua da família carib, sofreram influências dessas línguas a ponto de desenvolver uma língua mista, ou criouliizada, usada principalmente por homens e que depois caiu em desuso (Taylor 1952). Esses índios, misturados já com uma parte dos descendentes de escravos negros fugitivos e que adquiriram a língua dos índios moradores das pequenas Antilhas, foram deportados em 1797 da ilha de San Vicente e Santa Lucia para o território da América Central, principalmente Honduras. A razão desta migração forçada eram os conflitos entre os ingleses e os índios guerreiros. A língua dos deportados, que recebeu o nome tradicional de *black carib*, ou garífuna, ou *island carib* da América Central começou a se desenvolver separadamente do *island carib* que continuou na ilha Dominica, até a morte do último falante em 1920. Àquela época, já se perdera o entendimento mútuo entre o *black carib* e o *island carib* propriamente dito.

6.2 - Subgrupo palikur: palikur.

6.3 - Subgrupo Rio Branco: wapishana, mawayana (v. sobre possíveis dialetos do wapishana e o possível *status* da língua atoraí como tal, v. Migliazza 1985; sobre mawayana (mapidian) v. Howard 1986).

6.4 - Subgrupo colombiano: yukuna, achagua, piapoko.

6.5 - Subgrupo médio rio Negro: manaó, bahwana, kawishana.

6.6 - Subgrupo baniwa-yavitero: complexo lingüístico, ou agrupamento de dialetos incluindo baniwa do Guainia ("baniwa verdadeiro"), yavitero, ou baniwa do Yavita (extinto) e warekena do rio Xié.

As línguas/dialetos deste agrupamento são mutuamente inteligíveis. (Sobre as migrações e mudança de língua dos warekena do rio Xié, v. Aikhenvald & Amorim 1992).

6.7 - Subgrupo baré: baré.

Estudos preliminares mostram uma certa proximidade entre o baré e o subgrupo baniwa-yavitero.

6.8 - Subgrupo Içana-Uaupés: complexo lingüístico baniwa do Içana-kurripako, tariana, guarequena, este último estando atualmente falado na Venezuela e no rio Xié, Brasil.

Uma classificação preliminar das línguas/dialetos pertencentes ao complexo lingüístico baniwa do Içana/kurripako foi proposta por Nimuendajú (1955, 1982) (v. também Rodrigues 1986:67).

Os dialetos/línguas deste complexo lingüístico apresentam uma grande "confusão" quanto à denominação. O *status* destes dialetos ainda não foi definido. No presente estudo, usamos o material dos dialetos siuci e hohôdene coletado durante nossa pesquisa de campo no Alto Rio Negro em 1991 e 1994.

Das línguas Aruák que não foram consideradas no presente estudo convém citar chamicuro, uma língua falada na província Loreto no Peru e atualmente quase extinta (Parker 1991). Segundo Payne (1991a), o chamicuro constitui um agrupamento à parte dentro da família Aruák. Nós não dispomos dos dados referentes à morfologia dessa língua, entretanto, segundo Payne (1991a), o chamicuro não possui oposição de gênero, nem de classe nominal.

De acordo com frases e palavras coletados e publicados em Koch-Grünberg (1928), guinau pode ser considerada como praticamente um dialeto do baré (§6.7). A língua cabiyari (Colômbia) é aparentemente próxima ao

subgrupo Içana-Uaupés (Huber & Reed 1992). Os dados sobre outras línguas Aruák da região, como mandawaka, yabaana, yumana, pasé, wainuma são escassos demais para serem usados (Loukotka 1968: Payne 1991a).

3.2 - PROBLEMAS DE GÊNERO E DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL NAS LÍNGUAS ARUÁK: ESTUDOS ANTERIORES

Ainda que existam poucos estudos consagrados especificamente aos problemas de classificação nominal e gênero nas línguas Aruák, alguns dos problemas a serem considerados aqui já foram abordados nos vários trabalhos referentes à problemática da classificação nominal e subcategorização das línguas da Amazônia. Contudo, essas tentativas estão longe de ser completas, tanto do ponto de vista das línguas analisadas, quanto do ponto de vista dos padrões tipológicos (v. a seguir).

A proposta de que o gênero, como categoria gramatical do substantivo, baseada em uma oposição prototípica entre o masculino e o feminino, seria um traço comum das línguas Aruák - e até descendente do proto-Aruák - foi formulada em Mosonyi (1968, 1988); Wise (1986); Payne (1991a). Contudo, essa observação foi feita de uma maneira rápida, sem efetuar uma reconstrução sistemática de semântica ou de marcação formal de gênero.

Os classificadores nominais, ou seja, classes nominais, foram assinalados como traço comum das várias línguas Aruák em Payne (1991a,c). Em Payne (1991c), atribui-se uma atenção especial aos processos fonológicos que ocorrem com referência aos classificadores, assim como a curiosa correspondência entre alguns itens lexicais e classificadores nominais. Contudo, não foi levado em consideração todo o material atualmente disponível das línguas Aruák. Da mesma maneira, não foi feita uma análise sincrônico-tipológica nem histórico-comparativa dos padrões da classificação nominal nas línguas Aruák, principalmente no quadro dos padrões atestados nas línguas da Amazônia em geral.

A classificação nominal e o gênero, como características das línguas aruák, foram mencionadas, igualmente, nos trabalhos de cunho tipológico-descritivista geral, e.g. Derbyshire (1986); Wise (1986).

Uma discussão dos padrões tipológicos dos sistemas de classificação nominal nas línguas da Amazônia encontra-se em Payne (1987), Derbyshire & Payne (1990). Nestes artigos foram considerados, com distinto grau de detalhe, as seguintes línguas Aruák que possuem sistemas de classificação nominal

e/ou gênero: *preandinas*: piro, apuriña, campa, nomatsiguenga; *aruák do Sul*: terêna; *amuesha*; *grupo pareci-xinguno*: pareci, waurá; *aruák do Norte*: palikur. Os sistemas de classificação nominal vêm sendo considerados dentro do quadro tipológico e geográfico das línguas da Amazônia como uma área lingüística. Essas tentativas de análise revelaram muitas características importantes dos sistemas de classificação nominal nas línguas consideradas, ajudando a mudar o próprio quadro teórico de análise tipológica dos sistemas de classificadores (v. acima, §2.3), apesar de alguns equívocos (v. § 4.1.1, §4.2.1, §4.2.2).

Mesmo assim, estas tentativas não podem ser consideradas completas, nem do ponto de vista da análise exaustiva dos padrões existentes de classificação nominal nas línguas da Amazônia (v. a seguir os dados das línguas do subgrupo Içana-Uaupés), nem do ponto de vista do estudo de línguas da família Aruák e reconstrução morfológica da classe nominal, classificadores nominais e gênero em proto-Aruák.

As considerações acima justificam, ao nosso ver, um trabalho à parte, tratando dos sistemas de classificação nominal e de gênero nas línguas Aruák.

Convém ressaltar, igualmente, a possível importância de um trabalho como este para o desenvolvimento da teoria lingüística, na medida em que os dados das línguas apresentando padrões tipológicos pouco ou não conhecidos vêm sendo incluídos dentro do paradigma do conhecimento lingüístico científico. Estes dados podem ajudar a resolver algumas controvérsias - tais como *status* e origem da concordância nas línguas Aruák, classificação nominal e estrutura discursiva, uma possível coexistência de classificadores nominais e de gênero, entre outras.

4 - SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL E DE GÊNERO NAS LÍNGUAS ARUÁK

4.1 - OBSERVAÇÕES GERAIS

Antes de proceder a uma análise sincrônico-tipológica dos sistemas de classificação nominal e de gênero nas línguas Aruák, assinalaremos algumas particularidades da estrutura gramatical dessas línguas. Algumas destas características já foram apontadas nos estudos prévios de cunho histórico-comparativo (Mosonyi 1988; Payne 1991a).

As línguas Aruák são predominantemente aglutinantes e sufixais. Os únicos prefixos são os marcadores pessoais de referência verbal cruzada,

prefixos atributivo **ka-* e negativo-privativo **ma-*. Pertencem ao tipo de línguas que marcam núcleo (“head-marking”), de acordo com a tipologia proposta por Nichols (1992). São altamente “verbais”, no sentido de que a maioria das distinções gramaticais vêm sendo expressas na forma verbal e não na nominal. Por esta razão, a maioria das línguas não possui a categoria de caso morfológico, sendo as línguas tariana e apuriña as raras exceções (Aikhenvald 1994b; Facundes mss).

Para o proto-aruaq, reconstrõe-se um sistema ergativo cindido de marcação de pessoa, ou referência verbal cruzada, no verbo. Os prefixos pessoais eram usados para expressar sujeito do verbo transitivo (A) e sujeito do verbo intransitivo ativo (S_n) (terminologia de Dixon 1979, 1994), enquanto que os sufixos pessoais eram usados para marcar objeto direto do verbo transitivo (O) e sujeito do verbo intransitivo estativo (S_o) (Aikhenvald & Angenot 1991; Seki & Aikhenvald 1993). Essa oposição conserva-se na maioria das línguas. No entanto, algumas línguas Aruaq não conservaram os sufixos pessoais, perdendo desta maneira a base para uma ergatividade morfológica, como foi o caso do baré, das línguas xinguanas e do tariana. Outras línguas fizeram uma reinterpretação dos sufixos verbais de referência verbal cruzada, como foi o caso do guajiro, achagua, yukuna, piapoko.

Na grande maioria das línguas Aruaq a oposição de gênero nos afixos de referência verbal cruzada e pronomes pessoais é marcada apenas para terceira pessoa do singular, havendo apenas duas exceções: yawalapiti, com a oposição de dois gêneros nos pronomes de segunda pessoa singular, e apuriña, com a dita oposição para pronomes e afixos de terceira pessoa plural (v. § 4.2.2.2 e 4.3.1).

4.2 - LÍNGUAS ARUÁK DO SUL

4.2.1 - Subgrupo brasileiro: terêna

O terêna foi várias vezes citado como a única língua Aruaq brasileira que não possui a oposição de gênero. De fato, em terêna, como em outras línguas do mesmo subgrupo - guaná, chané, kinikinao (Schmidt 1903, Taunay 1875) - a oposição de dois gêneros - feminino e masculino - aparentemente foi substituída pela oposição entre duas classes de concordância pelo traço animado/inanimado. Os exemplos (6)-(9) a seguir contradizem a colocação em Derbyshire & Payne (1990:252), de acordo com a qual o terêna teria apenas os classificadores de incorporação verbal.

O terêna possui um sistema desenvolvido de classes nominais de concordância, assim como os classificadores de incorporação verbal. Os mesmos morfemas são usados para ambas as funções. As oposições semânticas incluem:

- animado(humano/não-humano) vs não-animado;
- forma: redondo, forma não-especificada etc;
- estrutura: líquido, constituído de fios etc;
- quantidade: plural, singular etc.

A oposição animado vs não-animado descende, provavelmente, da oposição de dois gêneros, sendo o marcador da classe "animada" -o- em terêna proveniente do proto-Aruák *u "feminino", e o marcador da classe não animada -i-, do proto-Aruák *i "masculino, não-feminino".

Além destas oposições semânticas, o terêna usa para classificação nominal o procedimento de incorporação, no determinante, de algumas raízes lexicais - principalmente partes do corpo, e de alguns morfemas locativos (Ekdahl & Butler 1979), ver exemplos em (10). Isto resulta em um número elevado (mais de 70) de classes e classificadores.

Convém lembrar que tanto na incorporação verbal quanto na classificação por meio de classificadores incorporados no verbo, o constituinte incorporado ou classificado corresponde a S ou O, sujeito intransitivo ou objeto direto, respectivamente; de acordo com Dixon (1994).

Os exemplos apresentados a seguir ilustram estas características do terêna. Os dados estão transcritos de acordo com a ortografia proposta em Ekdahl & Butler (1979).

- | | | | |
|-----|----------------------|-----------------------------------|------------------|
| (6) | mópoi
pedra | hhopú-'i-ti
branco-CL:INAN-ADJ | "pedra branca" |
| (7) | tapi'i
galinha | hhopú-'o-ti
branco-CL:AN-ADJ | "galinha branca" |
| (8) | tûti
cabeça | puru-pu'i
grande-CL:REDONDO | "cabeça grande" |
| (9) | úhi-ti
mato-NPOSS | puru-hi-ti
grande-CL:FIO-ADJ | "mato grande" |

O bauré possui classificadores de incorporação verbal, com as seguintes oposições semânticas:

- forma: redondo, alongado;

- estrutura: líquido, duro.

Infelizmente, o material limitado do qual dispomos não nos permite definir o número exato de classificadores de incorporação verbal, e.g. ex.(15).

No bauré, como no terêna, há incorporação de alguns itens lexicais, principalmente nomes de partes do corpo, como classificadores no lexema verbal, e.g. ex.(16).

(15) ka-topó-p-aro

CAUS-sujo-APL-CL:LIQ

“sujar (algo líquido)” (Baptista & Wallin 1967)

(16) ni-tapa-pa-siri

1sg-sujo-APL-CL:NARIZ

“meu nariz é sujo” (Adam & Leclerc 1880)

Os classificadores podem ser usados como afixos derivacionais, e.g. ex (17), (18) (Baptista & Wallin 1967:71).

(17) etobi-bi-aro

“bebida muito doce”

doce-AUG-CL:LIQ

(18) pó-pi

“outra coisa flexível”

outro-CL:FLEX

4.2.2.2 - Ignaciano

O ignaciano (Ott & Ott 1983) possui um sistema cindido de marcação de gênero nos marcadores prefixais e sufixais de referência verbal cruzada, pronomes pessoais de terceira pessoa do singular, usados também como artigos e pronomes demonstrativos. O ignaciano distingue três gêneros prototípicos - masculino, feminino e neutro. Neste último são incluídos todos os objetos inanimados (Ott & Ott 1983:26). O gênero feminino divide-se em duas subclasses, de acordo com o sexo do falante: feminino com falante feminino (fala feminina) e feminino com falante masculino (fala masculina).

Relacionamos abaixo os morfemas que mostram a oposição de três gêneros no ignaciano:

Alguns nomes de partes do corpo podem ser incorporados no verbo, como classificadores, e.g. ex.(24).

- (24) su-caepapa-hauqui “ela se pinta olhos”
3sg fem-pinta-CL:OLHO

Os classificadores podem ser usados tanto como afixos derivacionais, quanto como partes de palavras compostas, e.g. ex.(25), (26). Na realidade, a distinção entre a derivação e a composição de palavras não é sempre clara; (v. a discussão em Anderson 1992).

- (25) isavi-pe “facaço”
espada-CL:LONGO

- (26) tijarauqui “alguém com vista clara”, “profeta”
claro+CL:OLHO

4.3 - SUBGRUPO PARECI-XINGUANO

4.3.1 - Pareci

O pareci possui um sistema de marcação cindida de gênero, com a oposição de gênero feminino e masculino, nos pronomes demonstrativos, adjetivos e algumas nominalizações.

Segundo Rowan & Burgess (1979), Rowan & Rowan (1978), o pareci teria apenas resíduos da oposição de gênero em alguns adjetivos e nominalizações, e.g. ex.(27),(28) (Rowan & Burgess 1979), ex. (29), (30) (Melo 1942; Rondon & Faria 1948). As fontes mais antigas (Melo 1942; Rondon & Faria 1948) indicam a existência dos pronomes demonstrativos com a oposição de dois gêneros, (cf. adiante, a respeito de situação semelhante em Waurá). Provavelmente, em pareci o gênero está em processo de perda.

As formas demonstrativas que distinguem dois gêneros, de acordo com Rondon & Faria (1948), são masc sg *ee*, fem sg *o-hiro* “este”. Seguem os exemplos de dois gêneros nas nominalizações:

- (27) tiya-hare “alguém que está chorando”
chorar-NOM:MASC

Os dados da terceira língua xinguna próxima ao waura e mehinaku, kustenaú, já extinta, são muito escassos para se estabelecer o sistema gramatical. Podemos apenas assinalar a existência da oposição de dois gêneros em alguns nomes, isto é nas nominalizações: *nise-re* "irmão" (irmão- MASC) vs *nise-tu* (irmão-FEM) "irmã" (Steinen 1886).

O waurá e o mehinaku não possuem oposição de gênero nos pronomes pessoais e marcadores (prefixos) de referência verbal cruzada, conservando, porém, a oposição de dois gêneros para alguns demonstrativos, por exemplo, waurá, mehinaku "este": masc *eze*, fem. *izi* (Richards 1988; Medeiros 1990).

O waurá tem sistema de classificadores numerais e de incorporação verbal, no qual está integrada a oposição de dois gêneros prototípicos - masculino e feminino (Richards 1988). No entanto, o sistema em si pode ser considerado como tendo marcação de gênero parcialmente cindida. Os mesmos morfemas são empregados tanto como classificadores numerais, e.g. ex. (33),(34), quanto como de incorporação verbal, e.g. ex. (35),(36).

Os seguintes parâmetros semânticos são usados para a classificação nominal:

- forma: pontudo, plano, esférico, linear, foliforme, cilíndrico;
- estrutura: líquido, oco;
- gênero: masculino, feminino;
- estado: morto.

Existem também alguns classificadores específicos (como *casa*, *arco* etc), sendo o total de classificadores em torno de vinte.

Seguem alguns exemplos:

Waurá:

- | | |
|--|---|
| (33) pawã-ka
um -CL:PLANO | "um objeto chato" (Richards 1988) |
| (34) mepiawa-pa
dois-CL:PONTUDO | ita "dois chifres" (Jackson 1966)
chifre |
| (35) atakahi
capim | ityula-pana "capim é verde" (Jackson 1966)
verde -CL:FOL |
| (36) i-tsitya-pi-tsa
CAUS-amarrilho-CL:LIN-CAUS | "enlaçar objetos lineares" (Richards 1988) |

Mehinaku:

- (37) kami ipeka-puna “sol é redondo” (Collins 1962)
sol redondo-CL:REDONDO

Os classificadores podem ser usados como afixos derivacionais tanto no waurá, e.g. ex.(38),(39), quanto no mehinaku, e.g. ex.(40).

Waurá:

- (38) ata-kana “caixa de madeira”
madeira-CL:OCO
- (39) kunuma-tai “linha” (Jackson & Richards 1966)
linha-CL:CURV

Mehinaku:

- (40) kamalu-pi “tipo de panela” (Medeiros 1990)
panela-CL:PANELA

4.3.2.2 - Yawalapiti

O yawalapiti, à diferença do waurá e mehinaku, possui um sistema de marcação cindida de gênero, com uma oposição de dois gêneros nos pronomes pessoais, mas não nos marcadores-prefixos de referência verbal cruzada) e demonstrativos (Mujica 1992).

Tabela 3 - Demonstrativos e pronome de 3ª pessoa em yawalapiti

	“este” e pronome de 3ª pessoa sg	“aquele”
masc	ifi	itifa
fem	ifu	ifutifa

Uma inovação interessante do yawalapiti é a extensão da oposição de gênero para pronomes da segunda pessoa 2 sg fem *tisufu*, 2 sg masc *tisufi*.

O yawalapiti possui um sistema de classificação nominal de concordância, e.g. ex.(41), (42), (43), e classificadores de incorporação verbal, e.g. ex.(44), (45), usando os mesmos morfemas. A oposição do gênero está integrada aos classificadores nominais, como no waurá, o que faz com que a marcação de gênero possa ser considerada como parcialmente cindida. Não são atestados classificadores numerais. Os exemplos abaixo são de Mujica (1992).

Por causa do caráter preliminar da descrição gramatical do yawalapiti existente (Mujica 1992), não foi feito um levantamento completo da classificação nominal em yawalapiti. Foram estabelecidas apenas as seguintes oposições semânticas:

- consistência: líquido;
- forma: alongado, esférico, plano, foliforme;
- arranjo: envoltório.

Vejam os seguintes exemplos:

- | | | | |
|--|---------------------------------|-----------------------------------|----------------------------|
| (41) katika-ja
frio-CL:LIQ | nuka-ja
mingau-CL:LIQ | “mingau frio” | |
| (42) matsi
milho | juma-ti
verde-CL:ALONGADO | “milho verde” | |
| (43) amaka
rede | autsa-ka
novo-CL:PLANO | “rede nova” | |
| (44) ifutifa
aquela-FEM
“Aquela folha é verde” | ata-pana
arvore-CL:FOLIFORME | firula-pana
verde-CL:FOLIFORME | |
| (45) ata-pana
árvore-CL:FOL
“A folha que morreu está aí” | kuka
PAS | ifu
DEM+FEM | kama-pana
morrer-CL:FOL |

Os classificadores têm uso anafórico conforme assinalado em Seki & Aikhenvald (1993), e.g. ex.(46).

- | | |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| (46) iti-pa
pequeno-CL:CASA | “pequena(casa)” (falando da casa) |
|--------------------------------|-----------------------------------|

Os classificadores podem ser usados como afixos derivacionais, conforme ilustrado a seguir:

- ka* “CL:objetos planos”: *ama-ka* “rede”, *uiku-ka* “praça”;
 -*apu* “CL:caminho”: *wakun-apu* “caminho para o rio”, *asiñ-apu* “caminho”;
 -*na* “CL:objetos verticais”: *kasira-na*, *tu-na* “tipos de árvore”;
 -*pi* “CL:panelas”: *siw-pi* “panela”;
 -*pana* “CL:objetos foliiformes, folhas”: *ata-pana* “folha de árvore”;
 -*zu/lu* “CL:seres femininos”: *uikiñi-zu* “velha”;
 -*zi/li* “CL:seres masculinos”: *uikiñi-zi* “velho”;
 -*kana* “CL:objetos ocos”: *atapana-kana* “caixa de folha de papel”.

4.4 - SUBGRUPO PREANDINO

4.4.1 - Línguas piro-apuriña

De acordo com os dados das descrições gramaticais das respectivas línguas, tanto o piro (Matteson 1965), quanto o apuriña (Pickering 1973, 1977) possuem apenas a oposição de dois gêneros e não apresentam a categoria de classe nominal. A oposição de dois gêneros - feminino e masculino - é regular nos marcadores de referência verbal cruzada (prefixos e sufixos), pronomes pessoais de terceira pessoa e pronomes demonstrativos, assim como pronomes indefinidos e nominalizações, conforme ex. (47)-(52) abaixo (v. também Wise 1986; Derbyshire & Payne 1990).

Piro (Matteson 1965):

- (47) *yimakle-ru* “homem que está sendo ensinado”
 ensinar -MASC
 (48) *yimakle-ro* “mulher que está sendo ensinada”
 ensinar-FEM

Apuriña (Pickering 1973):

- (49) *kiki* *ma-ereka-ti* *apope-ka*
 homem NEG-hom -NOM:MASC chegar-PERF
 “Chegou homem ruim”

- (50) anio Pedro jorota-karo okapeẽ-ka
 mosquito Pedro morder-NOM+FEM morrer-PAS
 “Mosquito que mordeu Pedro morreu”

Vide abaixo uma amostra de prefixos e sufixos de referência verbal cruzada no piro e apuriña:

Tabela 4 - Prefixos e sufixos pronominais em apuriña

	prefixos		sufixos	
	piro	apuriña	piro	apuriña
3sg masc	ri-	i-	-ru	-ri
3sg fem	to-	o-	-ro	-ro

O apuriña é, aparentemente, a única língua da família Aruák que apresenta a distinção de dois gêneros para circunfixos pronominais de referência verbal cruzada de terceira pessoa no plural: masc. *i-...-na*, fem. *o-...-na* (Pickering & Pickering 1964) (cf. proto-Aruák 3pl. **na-* reconstruído em Payne 1991a).

Ambas as línguas usam afixos derivacionais que, provavelmente, originam-se nos classificadores nominais, e.g. ex.(51), (52). O material disponível não permite determinar suas propriedades sistêmicas:

Piro (Matteson 1965):

- (51) myo-xi “dedo”
 mão-DERIV.AFF:PEQUENO

Apuriña (Pickering & Pickering 1964):

- (52) kimi-a “bebida de milho”
 milho-DERIV.AFF:bebida

4.4.2 - Subgrupo *campa*

Todas as línguas/dialetos do complexo lingüístico *campa* possuem um sistema de marcação cindida de gênero (Wise 1986; Payne 1991a; Payne 1989; Derbyshire & Payne 1990). O gênero está obrigatoriamente expresso nos marcadores de referência verbal cruzada, pronomes pessoais de 3ª pessoa singular e demonstrativos, e.g. ex. (55).

Tabela 5 - Marcadores de referência verbal cruzada em *asheninca campá*

	prefixos	suffixos
3sg masc	i(r)-	-ri
3sg fem	o-	-ro

A semântica de gênero em *asheninca* (*pichis*) foi examinada em Payne (1989). Foram discriminados os seguintes significados prototípicos de dois gêneros:

- masculino: seres de sexo masculino e seres animados em geral;
- feminino: seres de sexo feminino, seres inanimados.

Algumas exceções poderiam ser explicadas a partir da própria cultura e mitologia dos *asheninca*, de acordo com o princípio “Mito e Crença” de subcategorização humana formulado em Lakoff (1986). Desta maneira tais substantivos, como *shinqui* “milho”, *paampari* “fogo”, *cashiri* “lua”, *oorya* “sol” pertencem ao gênero masculino (Payne 1989:130).

Aparentemente, o *campa* também possui classificadores numerais, que podem ser usados em função de classificadores de concordância e de incorporação verbal, e.g. ex.(54), (55), (56). Não existem trabalhos específicos a respeito; as descrições gramaticais dos vários dialetos *campa* não mencionam a existência dos classificadores, como é o caso de Swift (1982) (*caquinte*), Payne (1978) (*asheninca apurucayali*) etc). Por isso é difícil dar uma característica exaustiva do sistema. Entretanto, segundo Wise (1986), Derbyshire & Payne (1990), todos os dialetos do complexo *campa* têm um sistema de classificação nominal estruturalmente parecido.

Tabela 6 - Prefixos e sufixos de nominalizações em resígaro

	prefixos	sufixos de nominalizações
3sg masc	gi-/d-	-gi
3sg fem	do-	-do

O resígaro possui também um sistema de classificadores numerais, e.g. ex. (62), (63) (Allin 1976a). Por isso, o resígaro pode ser considerado como uma língua com marcação cindida de gênero.

(62) sá-mi hiítú “uma canoa”
 um-CL:CANOA canoa

(63) sá-koomí “uma”(aldeia)
 um-CL:ALDEIA

A concordância pelo classificador ocorre nas construções nome-adjetivo e nome-demonstrativo. Algumas raízes nominais - como nomes de partes do corpo, substantivos tais como *dia*, *aldeia*, *caminho*, *canoas* - podem ser usados como classificadores específicos, sendo incorporados, ou “copiados” ao modificador, como é o caso no ex.(65). O total dos classificadores é de vinte.

Os parâmetros semânticos da classificação nominal são:

- forma: plano, longo, redondo, horizontal;
- animado - não-animado;
- estrutura (líquido).

Os mesmos morfemas são usados como classificadores de concordância, e.g. ex.(64),(65), e de incorporação verbal, e.g. ex.(66), (67).

(64) hí-ga va?a-gu “esta faca”
 DEM-CL:FACA faca-AFF

(65) jijaa-?aami apana-?aami “folha grande”
 grande-CL:FOL folha-CL:FOL

- (66) hamoo'-fú "ser quente(tempo)"
 quente-CL:TEMPO
- (67) hamoo'-tsu "ser quente (coisas)"
 quente-CL:OBJ

Aparentemente, os classificadores podem ser usados como afixos de derivação nominal, e.g. ex.(65), (68).

- (66) sakoo?gi-pi "bebida de banana"
 banana-CL:LIQ

4.7 - GRUPO ARUÁK DO NORTE

4.7.1 - Línguas Ta-Aruák

4.7.1.1 - Lokono (aruák) e garífuna

O lokono (aruák, arawak ou dian: Pet 1987; de Goeje 1928), assim como garífuna (*black carib*, kariff: Taylor 1952, 1951a,b) possuem a oposição de dois gêneros prototípicos expressa nos marcadores de referência verbal cruzada, pronomes pessoais e demonstrativos. A concordância de gênero é obrigatória nas construções com determinante-pronome ou adjetivo.

Tabela 6 - Prefixos e sufixos pronominais e pronome demonstrativo em lokono e garífuna

	prefixos		sufixos		artigo/demonstrativo "este"	
	lokono	garífuna	lokono	garífuna	lokono	garífuna
3sg masc	ly-	l-	-i	-ti	li	lea
3sg fem	thy-	t-	-no	-tu	tho	to'a

Os dois gêneros têm semântica distinta em lokono e garífuna. Em lokono (Pet 1987), ao gênero masculino pertencem seres humanos de sexo masculino, crianças, animais, objetos e seres espirituais considerados "positivos". São considerados femininos, além dos seres humanos de sexo feminino, seres masculinos que não pertencem à tribo do falante, assim como animais, objetos

e seres espirituais sem valor positivo. Em garífuna, distinguem-se três classes de concordância, na base de dois gêneros: a) classe dos substantivos tratados sintaticamente como “masculinos”, conforme o tipo de concordância; nessa classe, além dos seres de sexo masculino, inserem-se partes do corpo, plantas silvestres, sol, lua, alguns líquidos; b) classe dos substantivos tratados como “femininos”, à qual pertencem, além dos seres de sexo feminino, pássaros, instrumentos, plantas cultiváveis, comidas; c) classe cuja concordância varia de masculina para feminina, dependendo do sexo do falante; nesta classe inserem-se nomes de plantas e partes do corpo (Taylor 1951a), sobre a distinção entre a fala masculina e a fala feminina, tanto no *island carib*, quanto no garífuna), e.g. ex. (69), (70) (Taylor 1952).

- | | | | | |
|------|--------|------|-------------|------------------------------------|
| (69) | ɔba | uéue | uáiri-tu | “árvore é grande” (homem falando) |
| | árvore | DEM | grande-FEM | |
| (70) | ɔba | uéue | uáiri-ti | “árvore é grande” (mulher falando) |
| | árvore | DEM | grande-MASC | |

O lokono, além de gênero, possui também um sistema semelhante ao rotulado de classificadores intralocativos por Allan (1977), ou seja, classificadores cuja semântica é ligada à forma e estrutura do objeto classificado e que aparecem vinculados à justaposição locativa:

loko “dentro” (de um objeto oco ou sólido)

roko “na superfície”

koborokon “dentro” (de corpo animado)

kolokon “dentro” (de fogo ou luz) (Pet 1987: 37)

Esse fenômeno parece ser quase único nas línguas aruák e precisa ser estudado com mais profundidade (v. adiante, sobre os classificadores em palikur).

4.7.1.2 - Guajiro e parauhano

O guajiro (Olza Zubiri & Jusayu 1986) e o parauhano (añun) (Patte 1989), duas línguas próximas, demonstram a existência apenas de sistemas de gênero, com dois gêneros prototípicos, na marcação de referência verbal cruzada, pronomes pessoais, demonstrativos e adjetivos. A concordância de gênero é obrigatória em grupos nominais.

A oposição semântica de dois gêneros em ambas as línguas é de masculino - não-masculino, este último sendo o termo não marcado da oposição.

O caráter não-marcado do gênero masculino em guajiro foi apontado em Corbett (1991:220):

“Guajiro has two genders, one for male humans (with a few “leaks” into this gender including “sun” and “thumb”) and the other for all remaining nouns. It is this second gender which is used when the sex of a person is not known”.

Olza Zubiri & Jusayu (1986:18-19) assinalam, entretanto, alguns casos interessantes do uso de gênero masculino, parecidos com lokono:

“En guajiro, un objeto pequeño tratado con aprecio y estima es con frecuencia masculino; es decir, el género masculino tiene un valor hipocorístico o afectivo...El sol y la luna cuando son tratados como seres familiares, apreciados o amigos, son masculinos; cuando son vistos como más lejanos o indiferentes son femeninos... El masculino puede indicar más énfasis, más precisión”.

Seguem as formas dos prefixos, sufixos, demonstrativos e marcadores adjetivais em guajiro (gua) Alvarez (1990) e parauhano (par).

Tabela 7 - Prefixos e sufixos pronominais, demonstrativos e marcadores adjetivais em guajiro e parauhano.

	prefixos		sufixos		demonstrativos		marcadores adjetivais	
	gua	par	gua	par	gua	par	gua	par
masc	n-	nĩ-	-chi	-i,-shi	chi	shi	-i	-i
não-masc	h-, s-	hi-	-lũ	-ĩ,-rĩ	tũ	-tĩ	-lũ	-ĩ

4.7.2 - Palikur

Mesmo que não exista nenhum trabalho específico sobre a classificação nominal em palikur, alguns aspectos deste problema foram tratados tanto nos trabalhos gerais sobre a classificação nominal nas línguas amazônicas (Payne 1987; Derbyshire & Payne 1990), quanto nos trabalhos consagrados mais especificamente às línguas Aruák brasileiras (Derbyshire 1986) e ao próprio palikur (Green & Green 1972).

O palikur possui um sistema de três gêneros prototípicos nos marcadores de referência verbal cruzada (tanto prefixos quanto sufixos, cuja distribuição depende do aspecto verbal), pronomes pessoais e demonstrativos, com o seguinte sistema:

Tabela 8 - Prefixos, sufixos e pronomes livres em Palikur

	prefixos	sufixos	pronomes livres
3sg masc	ri-	-ri	ir
3sg fem	ru-	-ru	er
3sg neutr	a-,ni-	-ni	(veja demonstrativos)

Tabela 9 - Demonstrativos em Palikur

	próximo ao falante e ouvinte	distante do falante e próximo do ouvinte ou vice versa	distante de ambos	muito distante de ambos
masc	ne	nop	ner	netra
fem	no	nop	no	notra
neutr	inin,inakni	nop	inege	inatra

No plural, distinguem-se apenas dois gêneros - masculino e feminino (Green & Green 1972:63).

No gênero masculino são incluídos os seres do sexo masculino, no gênero feminino - os do sexo feminino. O neutro inclui os objetos inanimados em geral.

Além disso, o palikur possui um sistema de classificadores numerais. Um outro jogo de morfemas é usado para classificadores de concordância e incorporação verbal. Uma particularidade extraordinária do palikur é exatamente a coexistência de dois sistemas de classificação nominal, com morfemas e subdivisões semânticas diferentes, além da marcação cindida do gênero, contradizendo, desta maneira, uma das colocações feitas em Dixon (1982:157).

O palikur é a única língua Aruák que tem este tipo de classificação nominal “cindida”, com um sistema diferente de morfemas usados como classificadores de concordância e de incorporação verbal e de classificadores numerais. Alguns traços parecidos encontram-se, porém, nas outras línguas Aruák do Norte, tais como baniwa do Içana e tariana.

O sistema de classificadores numerais, usados com os numerais cardinais e ordinais, segundo Green & Green (1972:70), inclui os seguintes parâmetros semânticos:

- animado: masculino e feminino;
- forma: esférico, piramidal, “cesta”, oval, cilíndrico, linear, plano, pontudo;
- estrutura: partícula, agrupamento pequeno ou grande;
- qualidade: intangível, morto.

O sistema de classificação de concordância e de incorporação verbal inclui classes específicas, como “mão”, “pé”, “boca”, “olho”, “caminho”, árvores, além das mesmas oposições encontradas para os numerais, conforme abaixo. Outro jogo de classificadores, com as mesmas oposições semânticas, são usados com posposições, podendo ser considerados como classificadores intralocativos (Green & Green 1972:60).

Vejam os exemplos abaixo de diferentes classificadores usados, dependendo do tipo de determinante: adposição, número “um”, adjetivo e verbo. As formas apresentadas são as usadas com substantivo *iwvas* “laranja”, classificado como “esférico”, e substantivo *akati* “corda” classificado como “linear”.

Tabela 10 - Classificadores em Palikur: um exemplo

glosa de classificador	adposição “sobre”	um	bonito	lavar
esférico	a-pit ‘sobre (uma coisa esférica, e.g. bola)’	pah-ow ‘uma (coisa esférica)’	bagew-pit ‘(uma coisa esférica) bonita’	sukuh-pta ‘lavar (uma coisa esférica)’
linear	a-min ‘sobre (uma coisa linear, e.g. corda)’	pah-atra ‘uma (coisa linear)’	bagew-buk ‘(uma coisa linear) bonita’	sukuh-boka ‘lavar (uma coisa linear)’

Aparentemente, os classificadores numerais e os demais têm uma origem distinta (v. capítulo 5).

4.7.3 - Subgrupo Rio Branco: wapishana e mawayana

O wapishana possui um sistema de oposição de dois gêneros prototípicos nos marcadores de referência verbal cruzada (prefixos), pronomes pessoais e demonstrativos. A concordância em gênero nos grupos nominais não é obrigatória (Miriam Machado, Manoel dos Santos, comunicação pessoal 1993).

As fontes disponíveis diferem quanto às distinções de gênero (Farabee 1918, Suene 1981), o que pode ser devido às diferenças dialetais não-descritas.

Tabela 11 - Prefixos, pronomes livres e sufixos verbais de nominalizações em Wapishana.

	prefixos	pronomes livres	sufixos verbais de nominalizações
3sg masc	i-	irii	-ri*, -z**
3sg fem	u-	uruu	-ru, -zo

* Formas encontradas em Farabee (1918): *da-ri* "pai", *da-ru* "mãe"

** Suene (1981): masc., fem. *woro* "este".

O wapishana apresenta casos de composição nominal, parecidos com a incorporação, v. ex. (71), (72), (73) abaixo:

(71) win-dun "inverno" (Suene 1981)
água-estação

(72) dun-win "inverno, estação de chuva" (Farabee 1918)
chuva-estação

(73) mina-win "dar água" (Farabee 1918)
dar-líquido

O mawayana (Howard 1986) não tem oposição nem de gênero, nem de classe nominal. Esta situação pode ser devida a dois fatores: processo de “morte da língua” (Schmidt 1985; Corbett 1991, sobre a perda de gênero na morte da língua), e a influência das línguas Carib, principalmente do waiwai, já que todos os mawayana são bilíngues em waiwai (Catherine Howard, comunicação pessoal 1991).

4.7.4 - Subgrupo colombiano: yukuna, achagua, piapoko.

O achagua (Melendez 1989, Wilson 1992), yukuna (Schauer e Schauer 1978) e o piapoko (Klumpp & Burguest 1983) possuem a distinção de dois gêneros nos sistemas de referência verbal cruzada, pronomes pessoais e demonstrativos. As lacunas no esquema abaixo são devidas a falta de gramáticas completas do yukuna e do piapoko.

Tabela 12 - Prefixos e sufixos pronominais em achagua, yukuna, piapoko.

	prefixos			sufixos		
	achagua	yukuna	piapoko	achagua	yukuna	piapoko
3sg masc	li-	ri-	i-	-eži	-ri,-ni	-eri,-ni
3sg fem	ru-	ru-	u-	-ečo	-yo	-ičua

Tabela 13 - Pronomes livres e demonstrativo em achagua, yukuna, piapoko

	pronomes livres			demonstrativo “este”		
	achagua	yukuna	piapoko	achagua	yukuna	piapoko
3sg masc	liya	ricá	yái	liáni	?	yái
3sg fem	ruya	rucá	úa	ruani	?	úi

Em achagua, como também, aparentemente, em yukuna, a oposição entre prefixos e sufixos-marcadores de referência verbal cruzada- não está ligada à marcação de A/S_a e O/S_o (v. §4.0, sobre as características tipológicas das línguas Aruák). Segundo assinalado em Wilson (1992:11-12), os prefixos pessoais são obrigatórios para a marcação do sujeito no caso da ordem de

palavras OVA. Os sufixos, que marcam apenas para terceira pessoa, são usados apenas para marcar a concordância do predicado com o sujeito no caso da ordem das palavras AVO, quando o sujeito é um novo tópico (Wilson 1992:105). Como já assinalamos alhures (Aikhensvald 1995a), nas línguas Aruák a marcação de pessoa por meio de referência verbal cruzada é frequentemente ligada à organização de discurso.

A concordância em gênero é obrigatória nas construções atributivas, os sufixos pronominais sendo usados em função de marcadores de concordância, v. ex.(74)-(76).

Yukuna (Schauer & Schauer 1978):

(74) yahui	cajru-ni	“cachorro grande”
cachorro	grande-MASC	

Piapoko (Klumpp & Burguest 1983):

(75) auli	achume-eri	“cachorro pequeno”
cachorro	pequeno-MASC	

Achagua (Wilson 1992):

(76) auli	maanu-i	“cachorro grande”
cachorro	grande-MASC	

Das línguas deste subgrupo, apenas o achagua e o yukuna possuem classificadores numerais. Consequentemente, essas línguas possuem um sistema cindido de marcação de gênero.

De acordo com Wilson (1992), o achagua possui doze classificadores numerais, usados com numerais *um*, *dois*, *três*, que envolvem os seguintes parâmetros semânticos, dos quais apenas sete foram assinalados em Melendez (1989); v. ex.(77), (78), (79) apud Wilson (1992).

- forma: largo e comprido, foliforme, redondo, oblongo, grande e arredondado, cubo;
- humano;
- mamífero.

Existe uma série de classificadores específicos, a saber: recipiente, faca, mato, garrafa.

Os numerais quando se referem aos seres animados (humanos ou mamíferos) levam obrigatoriamente um marcador de concordância em gênero. Desta maneira, o classificador pode coocorrer com o marcador de gênero dentro de uma palavra gramatical (v. acima, sobre um fenômeno parecido em *campa*), e.g. ex. (78), (79).

Os exemplos abaixo são apresentados em forma subjacente.:

(77) áaba-ahi	mitáahia	“um prato”
um-CL:RECIPIENTE	prato	
(78) áaba-na-i	áuli	um cachorro”
um-CL:MAMÍFERO-MASC	cachorro	
(79) áaba-na-u	áuli	“uma cadela”
um-CL:MAMÍFERO-FEM	cachorro	

Achagua teria uma tendência de perder os classificadores. Wilson (1992:63) aponta: “Parece que los clasificadores tienden a caer en desuso. En el siguiente ejemplo, aunque el uso del clasificador *-hiža* indica una sola hoja de papel, la ausência del clasificador deja ambígua la referencia; puede referirse a una hoja o a un libro de muchas hojas:

a. áaba-hiža	káašta
uno-delgado como papel	papel
“una hoja de papel”	
b. áaba-i	káašta
uno-SG.MASC	papel
“una hoja de papel ou un libro”	

Essa observação pode ser interpretada como referente ao uso discursivamente motivado dos classificadores.

Yukuna tem oito classificadores numerais, que ocorrem com os numerais de um a três, usando os seguintes parâmetros semânticos:

- forma: redondo, cilíndrico, plano, um lado, referente simétrico, côncavo;
- animado, não-animado, pessoal.

Yukuna:

- (80) pajluhua-na yahui “um cachorro”
 um-CL:ANIM cachorro

Não há informação sobre o uso derivacional dos classificadores em achagua e yukuna.

4.7.5 - Subgrupo médio rio Negro: manao, bahwana, kawishana.

O kawishana (Hanke 1960) não tem oposição de classe nominal ou de gênero, entretanto, encontram-se alguns vestígios da oposição de gênero em alguns substantivos:

me-si “pai”, *me-lo* “mãe”.

Essa língua, além de estar em processo de extinção, sofreu uma influência forte das línguas makú (Hanke 1960); os materiais disponíveis não permitem dizer nada a respeito da regularidade da oposição de gênero nas derivações.

Manao (de Goeje 1948; Joyce 1951) é uma língua extinta da região do médio rio Negro. Os materiais disponíveis são restritos a listas de palavras (v. a bibliografia em de Goeje 1948) e um texto religioso (Joyce 1951).

Aparentemente, essa língua possui a oposição de gênero no sistema pronominal e nos marcadores de referência verbal cruzada, tanto prefixos quanto sufixos:

Tabela 14 - Prefixos e sufixos pronominais em manao.

	prefixos	sufixos
3sg masc	y-, ly-,re-,s-	-ri,-r,-di,-ly,-y
3sg fem	ru-, lu-	-ro,-ru

Os dados disponíveis não permitem estabelecer a distribuição entre os alomorfes de prefixos e sufixos. Os prefixos de referência verbal cruzada usam-se para marcar A e S_a, os sufixos - para marcar O e S_o, de acordo com o “padrão” nas línguas Aruák (Aikhenvald & Angenot 1991).

O exemplo (81) abaixo ilustra a concordância em gênero entre adjetivo e substantivo, em manao.

(81) y-nequi	caura-re	“seu coração fiel”
3sg m-coração	fiel -MASC	

O bahwana (Ramirez 1992) é uma língua em processo de extinção, cuja última falante, de idade bem avançada, mora no rio Demini, afluente do rio Negro. Essa língua apresenta várias isoglossas com manao. O bahwana não tem oposição de gênero nos marcadores de referência verbal cruzada ou demonstrativos. No entanto, em alguns nomes aparece uma oposição fossilizada de dois gêneros - feminino e masculino, e.g. *-i-Ri* “pai de alguém” vs *-ni-Ru* “mãe de alguém”; *-xu-Ri* “tio de” vs *-tsi-RU* “tia de”.

Esse processo de perda da categoria de gênero em bahwana pode ser relacionado ao processo de morte da língua. Nota-se também que os falantes do bahwana são bilíngues em nheengatu - língua geral, que não tem gênero, o que podia ter “acelerado” a perda de gênero na língua.

O bahwana possui um sistema de classificadores numerais, com, no mínimo, 26 classes. Ramirez (1992:55) aponta o caráter não exaustivo do sistema de classificadores numerais que ele apresenta, por causa das limitações de memória da informante. Os classificadores numerais usam-se com os numerais um e dois e palavras quantificadoras, v. ex. (82) - (85). São usados os seguintes parâmetros semânticos :

- animado: masculino, feminino;
- forma: objetos pontudos, alongados, arredondados, ocos, granulados, foliformes;
- quantia: pares.

Existem também classes específicas para instrumentos, edifícios, árvores, macacos, outros mamíferos, caminhos, rede, folhas, canoas etc.

- (82) a-ida-riñi nia-tsi “um piolho”
um-CL:REDONDO-um piolho-NPOSS
- (83) a-tia-riñi ꞑanici “uma casa”
um-CL:EDIFÍCIO-um casa
- (84) yaꞑa-na iꞑa
quanto-CL:ALONGADO abacaxi
“quantos abacaxis têm?”
- (85) nu-simi-ta kiRa-kuda-'a haturi janda
1sg-matar-TEMA dois-CL:MAMÍFERO-dois jacaré bom
“Matei dois bons jacarés”

O bahwana não tem incorporação do nome classificado no numeral, para marcar concordância. Os classificadores podem desempenhar o papel dos sufixos derivacionais, mas o material disponível não nos permite caracterizar a produtividade destas derivações, ex.(86).

- (86) ata -mina “árvore”
árvore-CL:ARVORE

4.7.6 - Subgrupo baniwa-yavitero

Do complexo lingüístico, ou agrupamento de dialetos incluindo o baniwa do Guainia (também conhecido como “baniwa verdadeiro”, v. Taylor 1991), yavitero, ou baniwa do Yavita (extinto) e warekena do rio Xié, consideraremos aqui exclusivamente o material do warekena do rio Xié, como um representante típico deste subgrupo, sobre os quais dispomos dos dados por nós reunidos.

Note-se que não existe nenhuma descrição gramatical da língua baniwa do Guainia, além de algumas observações gramaticais em Mosonyi (1968), Grasserie (1892). A existência da oposição de gênero em baniwa do Guainia e yavitero foi assinalada, respectivamente, em Mosonyi (1968, 1988). Mosonyi (1968: 68) aponta:

“El género de los sustantivos tiene importancia morfosintáctica, pero su determinación es sumamente fácil. Se consideran femeninos todos los nombres que se refieren a seres animados de sexo femenino, siendo masculinos todos los restantes, animados o no.

A concordância de gênero em grupos nominais com modificadores adjetivais não é obrigatória, v. ex. (89) e (90):

- | | | | |
|------|------------------|------------------------------------|--------------|
| (89) | neyawa
mulher | weduana-ŋj(-yawa)
bom-ADJ(-FEM) | ‘mulher boa’ |
| (90) | enami
homem | weduana-ŋj
bom-ADJ | ‘homem bom’ |

Como foi mencionado acima, warekena possui no mínimo duas variações dialetais, sendo uma delas - da comunidade Anamoim, e outra - das comunidades Nazaré e Campinas, no rio Xié. Em warekena do Anamoim, à diferença da outra variação, existe um sistema de seis classificadores numerais usados com os numerais cardinais *um* e *dois* (sendo que os outros numerais são empréstimos do Português).

O sistema de classificadores é baseado em seguintes traços semânticos: humano masculino vs feminino, animal, peixe, objetos curvilineares, períodos de tempo (dia, noite), conforme apresentado abaixo (Tabela 16).

Tabela 16 - Classificadores numerais em Warekena do rio Xié

<i>semântica</i>	<i>um</i>	<i>dois</i>
humano masculino	peya	e-naba
humano feminino	peya	tuwa-naba
animal	pa-miña	pamiña-naba
peixe	peleyaŋj	e.ɟe-naba
objetos curvilineares	pa-puŋjaŋjuni	e-naba
períodos de tempo	ba-buya	bu-naba

Nota-se o uso dos parâmetros semânticos animado/inanimado e forma, e a existência das classes específicas. Os classificadores diferem de acordo com o numeral *um* e *dois*. Outra particularidade importante dos classificadores numerais em warekena é o uso de morfemas prefixados tanto quanto sufixados, aos numerais.

Classificadores numerais são usados apenas em warekena do Anamoim. Às vezes, o próprio falante do warekena do Anamoim teve dúvidas quanto ao

uso do classificador. Na perda dos classificadores, usa-se a forma “humana masculina” dos numerais *um* e *dois*. Segue um exemplo de uso dos classificadores em warekena do Nazaré. Em (91) o classificador numeral “período de tempo” está sendo usado; em (92) emprega-se o classificador não-marcado “humano masculino”, no mesmo contexto. Ambos exemplos provêm das duas narrativas distintas, contadas pelo mesmo falante.

- | | | | | |
|------|---|------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|
| (91) | ni- <i>fitua-hã</i>
3pl-cortar-ENF | <i>babuya</i>
um-CL:TEMPO | <i>pepuji</i>
dia | <i>ni-napa-mia</i>
3pl-parar-PERF |
| | “Eles cortaram árvores durante um dia, e pararam” | | | |
| (92) | <i>wa</i>
assim | <i>ʃya-wa</i>
ficar-IMPF | <i>peya</i>
um:CL:MASC | <i>pepuji</i>
dia |
| | “Ele ficou (lá) um dia” | | | |

Essa variação no uso dos classificadores mostra que o sistema de classificadores numerais em warekena do Namoi está em processo de desaparecimento, devido ao processo de “morte” da língua.

Seguem alguns exemplos de uso de classificadores numerais em warekena de Anamoim:

- | | | | |
|------|------------------------------------|----------------------------------|-----------------|
| (93) | <i>peya</i>
um | <i>neyawa</i>
mulher | “uma mulher” |
| (94) | <i>tuwa-naba</i>
CL:FEM-dois | <i>neyepe</i>
mulher:PL | “duas mulheres” |
| (95) | <i>e-naba</i>
CL:MASC-dois | <i>ena-pe-mi</i>
homem-PL-AFF | “dois homens” |
| (96) | <i>pa-miñaba</i>
um-CL:ANIMAL | <i>wafi</i>
onça | “uma onça” |
| (97) | <i>mina-naba</i>
CL:ANIMAL-dois | <i>wafi</i>
onça | “duas onças” |

(98)	pa-puɕiyaɕuni um-CL:CURV	tenepu caminho	“um caminho”
(99)	e-naba CL:CURV-dois	tenepu caminho	“dois caminhos”
(100)	peɕeyaɕu um+CL:PEIXE	fimehẽ peixe	“um peixe”
(101)	eɕe-naba CL:PEIXE-dois	fimehẽ peixe	“dois peixes”
(102)	ba-buya um-CL:TEMPO	yafapua noite	“uma noite”
(103)	bu-naba CL:TEMPO-dois	yafapua noite	“duas noites”

O uso de vários classificadores pode levar a uma diferenciação semântica, como no caso dos exemplos (104) e (96). O uso do classificador da classe humana masculina, isto é da classe “geral”, em (104), implica a referência ao corpo do animal, enquanto que o uso do classificador da classe dos animais, em (96), implica a referência à animal vivo.

(104)	peya	wafi	
	um:CL:MASC	onça	
	“uma onça, isto é um corpo da onça”		

Em warekena do Nazaré (105) pode ser usado tanto no sentido do (96), quanto no do (104):

(105)	peya	wafi	“uma onça”
	um	onça	

Os marcadores de gênero podem ser usados em função derivacional. e.g. *eɕyanva* (velha+FEM) “mulher velha”. *minyɕnva* (finado+FEM) “mulher-finada”.

empréstimo do Português *pena* (variação de Campinas, Nazaré), ou por outra palavra de origem Aruák *tsape* (Anamoim). Esse último item contém, igualmente, um afixo *-pe*, etimologicamente da mesma origem do item proto-Aruák **phe* "poeira, cinza" (Payne 1991). Reflexos deste item são usados nas outras línguas Aruák do Norte com um sistema elaborado de classificadores como marcador de classe nominal dos objetos planos de espessura fina (v. para baniwa do Içana, tabela 22; para tariana, tabelas 26, 27).

As colocações acima revelam que, apesar de os classificadores numerais em warekena não serem usados como afixos derivacionais, uma análise etimológica revela o uso dos antigos itens lexicais nas palavras compostas e, subseqüentemente, em função derivacional (v. discussão em §4.6.8, §5.2).

4.7.7 - Baré

Os dados da língua baré provêm dos resultados da nossa pesquisa de campo (São Gabriel da Cachoeira, julho-agosto de 1991). Provavelmente, ainda existem duas variações dialetais do baré - o baré falado no Brasil, na região do Cucuí, que foi objeto da nossa pesquisa de campo, e o baré falado em Santa Rosa de Amanadona, descrito por Lopez Sanz (1972). O primeiro já podemos considerar extinto, depois do falecimento do último falante - Candelário da Silva, em fevereiro de 1992 (v. Aikhenvald 1995a). O segundo encontra-se em processo de extinção.

Nota-se que Lopez Sanz (1972) praticamente desconsidera a oposição de gênero que não seja nos marcadores de referência verbal cruzada, pronomes pessoais e demonstrativos, o que pode indicar as diferenças dialetais.

O baré tem a oposição entre dois gêneros - feminino e não-feminino, obrigatória nos marcadores de referência verbal cruzada (prefixos verbais), pronomes pessoais e demonstrativos, de acordo com Tabela 17 abaixo, v. ex.(106), (107).

Tabela 17 - Prefixos pronominais, pronomes livres e demonstrativo em baré

	prefixos	pronomes livres	demonstrativo “este”
3 sg masc	i-	kuhũ	asá
3 sg fem	u-	kuhu	a-u-sa

Porém, há alguns casos em baré nos quais a neutralização de gênero e pessoa no verbo é regular. Isso acontece nos casos parecidos com os de topicalização, com sujeito anteposto ao verbo, v. ex.(108); v. §4.6.8.2, sobre os casos semelhantes em baniwa do Içana. O prefixo de pessoa indefinida *a-* substitui os prefixos pessoais de referência verbal cruzada, se o agente (*A/S_a*) está sendo focalizado.

Os dados por nós coletados mostram a existência de vestígios da oposição de dois gêneros em algumas nominalizações, assim como nos adjetivos e no numeral cardinal “um”. Nestes últimos casos, a concordância de gênero entre o substantivo e o modificador não tem caráter obrigatório, v. ex.(109)-(118).

Os exemplos (109)-(112), (117)-(118) mostram a possibilidade de se usar os marcadores de gênero em função derivacional. Nas nominalizações, podem ser assinalados os seguintes sufixos de marcação de gênero: masc. *-ji* (ex.(109)), \emptyset (ex.(111), (110)), *-ni* (ex. (120)); fem. *-w* (ex.(110)), *-wa* (ex. (112)). Provavelmente, existem outros sufixos de gênero fossilizados: cf. fem. *-tʃati* em *hiñatʃati* “mulher”.

(106)	heñaʃi homem	i-kasa 3sg masc-chegar	“homem chegou”
(107)	hiñatʃati mulher	u-kasa 3sg fem-chegar	“mulher chegou”
(108)	heñaʃi/hiñatʃati homem/mulher	a-kubaha IND-adoecer	“homem/mulher adoeceu”
(109)	yaka-ʃi parente-MASC		“pai”

Para o numeral cardinal “um”, distinguem-se duas formas - masculina: *bakunaka.ji*; feminina: *bawahanaka*. Contudo, essa última é extremamente rara, sendo usada, na grande maioria dos exemplos, a forma masculina. Outros numerais cardinais de origem baré - *bikunama* “dois”, *ki.jikunama* “três” - não apresentam formas distintas para dois gêneros.

A possibilidade de se usar a forma etimologicamente “feminina” dos adjetivos no caso de neutralização e perda da oposição de gêneros pode ser interpretada como evidência, em favor do caráter não-marcado do componente “feminino”, no estágio anterior da língua baré.

A perda do gênero em baré pode ser considerada como uma das consequências do processo de extinção desta língua; (v. Corbett 1991, sobre a perda das oposições do gênero na morte da língua). Esta perda pode ter sido acelerada pelo fato de os falantes baré serem bilíngues em nheengatu.

O baré não possui sistema de classificação nominal. Porém, uma análise, tanto sincrônica-morfológica, quanto etimológica revela a presença nesta língua de alguns morfemas derivacionais tendo uma origem comum com classificadores nominais, em outras línguas Aruák do Norte.

Exemplos deste tipo são:

damakaru-ku “mato”
mato-AFF=CL:LOC; ESPAÇO

dina-bu “caminho”
caminho-AFF=CL:CAMINHO;ESPAÇO LIMITADO

a-dawi-ka-na “cadáver”
IND-morrer-DECL-AFF=CL:ALONGADO

Nota-se que todos estes “afixos” têm correspondências nos sistemas de classificadores nas línguas aparentadas (cf. tabelas 22, 26, 27). Isso indica, no mínimo, o uso de classificadores-afixos derivacionais em proto-baré (v. a discussão em §5.2 a seguir).

4.7.8 - Subgrupo Içana-Uaupés

4.7.8.1 - Guarequena

O guarequena, como foi assinalado acima, é uma língua do subgrupo Içana-Uaupés, atualmente falada na Venezuela (região de Guzman Blanco). Há

alguns falantes no rio Xié/Brasil; (Aikhenvald & Amorim 1994, Christiane Oliveira, comunicação pessoal 1994). A proximidade do guarequena (grafado, também, às vezes como warekena) ao baniwa do Içana foi assinalada por Nimuendajú (1955), Koch-Grünberg (1911). Além destas fontes que contêm apenas listas de palavras, há também uma série de artigos da autoria de Gonzalez-Nañez (1970, 1990), onde os problemas de classificação nominal ou gênero não são abordados. Já que não existe nenhuma descrição gramatical do guarequena, podemos, no escopo do presente trabalho, apenas apontar a existência, nesta língua, da oposição de dois gêneros nos pronomes pessoais e marcadores de referência verbal cruzada, de acordo com os materiais em Nimuendajú (1927) e Christiane Oliveira, comunicação pessoal 1994:

Tabela 18 - Prefixos e sufixos pronominais e pronomes livres em Guarequena

	prefixos	sufixos	pronomes livres
3sg masc	ni-	-ni	níxa
3sg fem	pa-	-pa	péxa

4.7.8.2.- Baniwa do Içana-Kurripako

Como foi comentado anteriormente (§3.1), o termo baniwa é ambíguo. O próprio termo "baniwa do Içana" é usado primordialmente como um termo geral para um "contínuo" dialetal de idiomas falados nos afluentes do rio Içana, no Brasil e Colômbia.

De acordo com uma classificação preliminar proposta em Nimuendajú (1955), o baniwa do Içana subdivide-se em baniwa do Içana propriamente dito, com aproximadamente 10 dialetos (entre os quais são waliperidakenei, ou siuci; hohôdene, ou caua; ainidakenei ou maulieni etc); kurripako, apresentando em torno de cinco dialetos (entre eles kumandene, ou kumada-minanei, ou pato-tapuya, ou ipeka-tapuya, adzanene, ou tatú-tapuya: payualiene ou pacú - tapuya) e karútana (que inclui dzawiminanei, ou yawarete-tapuya: yurupari-tapuya; wadzulidakenei ou urubú-tapuya etc) (v. também Rodrigues 1986:67). Essa classificação baseia-se em uma única isoglossa entre os dialetos - a palavra usada para negação (Taylor 1991), e teria que ser revista de acordo com critérios lingüísticos mais apropriados.

Consideraremos aqui o material proveniente dos dados de nossa pesquisa de campo em 1991 e 1994, de dois dialetos do baniwa do Içana - siuci e hohôdene. Algumas particularidades da classificação nominal e classificadores em baniwa do Içana foram igualmente apontados em Taylor (1991); a análise dele, em todo caso, não é suficiente.

De acordo com nossos resultados preliminares, outros dialetos do baniwa do Içana propriamente dito e do kurripako são muito próximos, mostrando, entre outras coisas, um sistema de classificação nominal estruturalmente parecido (Gonzalez-Ñañez 1985).

A oposição de dois gêneros (feminino/masculino) é marcada nos morfemas de referência verbal cruzada (prefixos e sufixos), pronomes pessoais e demonstrativos, de acordo com Tabela 19 abaixo.

Tabela 19 - Prefixos e sufixos pronominais, pronomes livres e demonstrativos em baniwa do Içana.

	prefixos	sufixos	pronomes	demonstrativos	
				este	aquele
3sg masc	ɰi-	-ni	hɰja	hɰjehẽ	hɰjatahã
3sg fem	ɰu-	-nu	ɰua	ɰuahã	ɰuatahã

Sobre a distribuição de dois alomorfes de prefixos pessoais de terceira pessoa: *ɰi* e *hɰi* e *ɰu* e *ɰu* respectivamente, v. Taylor (1991); Valadares (1993).

A oposição semântica entre dois gêneros pode ser definida, com mais precisão, como sendo de feminino e não-feminino, já que são considerados de gênero feminino os substantivos que se referem aos seres humanos e animais de sexo feminino. Com os demais substantivos são usadas as formas não-femininas: ex. (122)-(125).

- | | | | |
|-------|-------------------------|-----------------|-----------------|
| (122) | hɰjetahã
aquele:MASC | tɰiãɰi
homem | “aquele homem” |
| (123) | ɰuatahã
aquele:FEM | inaɰu
mulher | “aquela mulher” |

- (124) *hjetahã* *umawaꞓ* “aquela sucurujú”
aquele:MASC sucurujú
- (125) *apa-waꞓ* *pami* *pida* *apa-ma* *maduidzami*
um-CL:VEZ PART PART um-CL:FEM viúva
- ꞓu-ema* *dzama-da* *ꞓu-enipe* *i-a:pidza*
3sg fem-ficar dois-CL:GERAL 3sg fem-filho IND-com
- “Era uma vez uma viúva. ela ficou com dois filhos dela”.

Em alguns casos, a neutralização da concordância em gênero é regular; acima, um exemplo parecido, em baré; cf. Anderson (1992:114-115), sobre semelhantes fenômenos de “discordância” (“disagreement”) em outras línguas do mundo. A neutralização ocorre quando nome-núcleo é anteposto ao nome-modificador, no caso das construções possessivas, ou sujeito-substantivo é anteposto ao verbo, como é o caso no ex. (126) abaixo. Neste caso, o sujeito do verbo transitivo *-ima* “largar”, *dzawi* ‘onça’, está em foco no discurso. Ambos os casos são discursivamente marcados e ligados aos processos de ênfase e topicalização (Aikhenvald 1995a).

- (126) *hnete* *pida* *ꞓi-aku* *itꞓida* *pi-amaneta-kawa*
então PART 3sg masc-falar jabuti 2sg-enganar-REFL
- pi-awada* *pa* *nhuipa-keza* *phipa-ꞓi*
2sg-pensar que 1sg+perna-DECL+ENF 2sg-agarrar-REL
- haiku-paꞓi-za* *kamena* *dzawi* *ima-ka*
pau-raiz-ENF então onça IND+largar-DECL
- ꞓi-kawa*
3sg masc-perna

“Então o jabuti falou (para a onça, depois de que a onça pegou a perninha dele): Você está enganado, você pensa que pegou a minha perna, (mas) é a raiz do pau. Então, a onça largou a perna dele(do jabuti)”

Os marcadores de gênero feminino *-ꞓi* (*-ꞓu*) e não-feminino *-ꞓi* (que se realiza como *-ꞓi*: de acordo com as regras fonológicas formuladas em Taylor 1991; Valadares 1993) usam-se nas nominalizações, como afixos derivacionais:

nu-phe-zi “meu irmão mais velho”, *nu-phe-ʒu* “minha irmã mais velha”, *nu-e-zi* “meu sobrinho”, *nu-e-ʒu* “minha sobrinha”. O sufixo *-dua* (cf. também Taylor 1991:41) pode ser usado para formação das nominalizações de gênero feminino, como nos exemplos a seguir: *hna-dua* “minha mãe”, *hnuwe-dua* “minha irmã menor”.

Além do gênero, o baniwa do Içana apresenta um sistema de 38 classificadores numerais (Tabela 20) usados também como classificadores de incorporação verbal. Os mesmos morfemas, com pequenas modificações, usam-se como classificadores de concordância (Tabela 20). A oposição de dois gêneros - feminino/não-feminino - está integrada no sistema de classificação nominal (classes 1, 2, 4: Tabela 20). Desta maneira, baniwa do Içana pode ser considerado uma língua com a marcação de gênero parcialmente cindida.

Outras oposições semânticas dos classificadores numerais e de concordância incluem:

- estrutura: líquidos, conjuntos unificados, feixes, cachos;
- forma: objetos pontudos, longos, longos e verticais, planos e estendidos,ocos, curvilineares, objetos estendidos que podem ser dobrados, objetos limitados, objetos verticais e maciços, aberturas etc;
- ciclos abstratos: ciclos completos e fenômenos repetitivos.

Os classificadores específicos incluem rios, habitação humana, dia e noite, juntas etc (v. Tabelas 20-24).

Baniwa do Içana possui uma classe de objetos em geral (que serve, também, para marcar classe de objetos redondos).

Uma lista de exemplos de itens lexicais com classificadores encontra-se abaixo.

Quantificadores (v. Tabela 25) formam uma classe separada de afixos que combinam com numerais. À diferença dos classificadores, a ocorrência do quantificador com os substantivos independe das propriedades semânticas destes últimos.

Os classificadores, tanto quanto os quantificadores, podem ter como sua fonte itens lexicais “incorporados”, como marcadores de concordância. Isso acontece no caso dos classificadores específicos (cf. Tabela 24) (cf. classificador *-da-pana*, usado para classificar habitação humana e que contém a raiz lexical *-pana* “casa”), como em outros (cf. classificador *-hiwi* “objetos pontudos”, cf. item lexical *hiwi* “flor”).

Na maioria dos casos, usa-se o mesmo morfema para classificador numeral e de incorporação verbal e classificador de concordância. Em alguns casos usam-se morfemas um pouco diferentes (v. Tabelas 20-24), nesse caso, o classificador de concordância apresenta uma estrutura morfológica mais complexa do que o classificador numeral. O primeiro apresenta a ocorrência dos seguintes sufixos: *-y* "adjetivador", *-ji* "adjetivador masculino", *-ju* "adjetivador feminino".

Essa particularidade do baniwa do Içana é semelhante ao sistema da classificação nominal em palikur, sendo que a principal diferença entre as duas línguas reside no fato que, em baniwa do Içana, os classificadores de concordância e os classificadores numerais têm a mesma origem.

Os classificadores numerais são usados com os numerais cardinais de um a quatro, de origem baniwa, em dialeto hohôdene. Em siuci, os numerais a partir dos quatro são empréstimos do Português, e todos levam um classificador, conforme os exemplos a seguir. c.g. ex.(127)-(130):

Siuci, hohôdene:

- | | | | |
|-------|---------------------------|---------------------------|---------------|
| (127) | apa-kha
um-CL:CURV | a:pi
cobra | "uma cobra" |
| (128) | dzama-da
dois-CL:GERAL | hipa-da
pedra-CL:GERAL | "duas pedras" |

Siuci:

- | | | | |
|-------|------------------------------|---------------|-----------------|
| (129) | kwatru-kha
quatro-CL:CURV | a:pi
cobra | "quatro cobras" |
|-------|------------------------------|---------------|-----------------|

Hohôdene:

- | | | | |
|-------|---|---------------|-----------------|
| (130) | ji-kwa-kha
3sg masc-suficiente-CL:CURV | a:pi
cobra | "quatro cobras" |
|-------|---|---------------|-----------------|

Em hohôdene, o numeral *jikwadaka* “quatro” estruturalmente é uma forma fossilizada do verbo *-kwa* “ser suficiente”, com a incorporação do classificador.

Os numerais a partir de cinco são grupos nominais compostos de partes do corpo (usando lexema *pa-kapi* “mão de alguém”, para “cinco”; v. abaixo).

Os classificadores de incorporação verbal são usados obrigatoriamente com o predicado possessivo, e.g. ex. (131). Esse tipo de construção é estruturalmente parecido com o caso de classificadores genitivos discutido em Craig (1992).

- | | | | |
|-------|--------|-----------------|------------------|
| (131) | kiniki | nu-dza-phi | “a roça é minha” |
| | roça | 1sg-POSS-CL:ESP | |

Os classificadores de incorporação verbal usam-se nos predicados das frases relativas e passivas, para marcar a concordância com sujeito derivado da frase passiva ou objeto direto da frase relativa. Essa concordância não é obrigatória, dependendo da estrutura discursiva, e.g. os exemplos (140)-(143) abaixo.

Os classificadores de concordância são de uso obrigatório nas construções atributivas, quando o modificador é um adjetivo ou um pronome interrogativo, e.g. ex. (132)-(134).

Siuci, hohôdene:

- | | | | | |
|-------|----------------------------|----------------|---------------|--------|
| (132) | maka-dapana | pan̄ʃi | “casa grande” | |
| | grande-CL:CASA | casa | | |
| (133) | dzawi | maka-nay | “onça grande” | |
| | onça | grande-CL:VERT | | |
| (134) | kwama-ita | tʃiãʃi | i-nua-ʃi | dzawi? |
| | qual-CL:AN | homem | IND-matar-REL | onça |
| | “Qual homem matou a onça?” | | | |

Os classificadores podem ter o papel dêitico, como nos exemplos (135)-(136):

Hohôdene:

- (135) hnete-pida apa-da
ai-PART um-CL:GERAL
"ai está um (canto do jabuti)"

Siuci:

- (136) nu-keta-ka apa-yawa awakada-ŋiku
1sg-encontrar-ASP um -CL:BURACO mato-LOC
"Eu encontrei um (buraco) no mato"

Exemplos deste tipo encontram-se também nos outros dialetos, e.g. ex.(137) de kurripako (kumandene).

- (137) apa-kha "uma (cobra)"
um -CL:CURV

Em hohôdene, uma série de exemplos interessantes do uso anafórico dos classificadores aparece na formação dos numerais cardinais a partir de seis:

- (138) apema pakapi apada pemanakuhje "seis"
forma subjacente:
apa-ima pa-kapi apa-da
um-QUANT:LADO IMP-mão um-CL:GERAL
(a)pa-ima-naku-hje
um-QUANT:LADO-LOC SUPERF-DIR
"conjunto de dedos de uma mão, mais um lado da outra",
isto é "seis"

- (139) paita newiki dzamhewi paitanakuhje "vinte dois"
forma subjacente:
pa-ita newiki dzama-hiwi
um-CL:AN pessoa dois -CL:PONT
pa-ita-naku-hje
um-CL:AN-LOC SUPERF-DIR
"uma pessoa e dois (dedos) da outra",
isto é "vinte dois"

Os classificadores de incorporação verbal podem também ter o papel dêitico. Neste caso o classificador pode ser usado para marcar a concordância do predicado, na forma passiva, e.g. ex.(140) e (141), e na relativa, v. ex.(142) e (143), com o constituinte S ou O, de acordo com a terminologia em Dixon (1994). Usa-se o classificador apenas quando o constituinte classificado precisa ser "salientado" e vai servir de futuro tópico do discurso.

Esse tipo de construção encontra-se tanto no hohôdene, quanto no siuci, apesar de ser bastante rara.

Siuci:

(140) a:pi na-venderi-ni-kha
cobra 3pl-vender-PASS-CL:CURV
"A cobra (da qual eu estou falando) é vendida"

(141) a:pi na-venderi-ni
cobra 3pl-vender-PASS
"A cobra é vendida"

(142) a:pi nu-inua-tji-kha awakada-tjiku
cobra 1sg-matar-REL-CL:CURV mato-LOC
"A cobra (da qual estou falando) que eu matei está no mato"

(143) a:pi nu-inua-tji awakada-tjiku
cobra 1sg-matar-REL mato-LOC
"A cobra que eu matei está no mato"

Os classificadores podem ser usados como afixos derivacionais, como nos exemplos a seguir:

Hohôdene:

(144) iñaw-apu "igarapé"
rio-CL:LONGO

(145) weni-peku "rio"
água-CL:ABERTO

Siuci:

- (146) haiku-apu "vara"
pau-CL:LONGO
- (147) pa-3u-maka "cobertor"
IMP-cobrir-CL:ESTENDIDO

Siuci, hohôdene

- (148) hipa-da "pedra"
terra-CL:GERAL
- (149) i-dana-ka-ita "alguém que escreve; estudante"
IND-escrever-ASP-CL:AN

Tabela 20 - Classificadores referentes à oposição de gênero em baniwa do Içana.

tipo de classificador				glossa
numeral		concordância		
siuci	hohôdene	siuci	hohôdene	
1. -hipa	-hipa,-ita	-paɽi,daɽi	-daɽi,paɽi,ite	masculino animado
2. -ita	-	-daɽi	-daɽi	não feminino humano
3. -ita	-ita	-ite<itay	-ite<itay	animado
4. -ma	-ma	-daɽu	-daɽu	feminino animado

Tabela 21 - Classificadores referentes à semântica de estrutura em baniwa do Içana.

	tipo de classificador				glossa
	numeral		concordância		
	siuci	hohôdene	siuci	hohôdene	
1.	-puku	-puku	-puku	-puku	aglomerados, conjuntos unificados
2.	-naku	-naku	-naku	-naku	feixes
3.	-i	-i	-i	-i	cachos
4.	-ahna	-ahna	-ahnay	-ahnay	líquido; siuci: rios

Tabela 22 - Classificadores referentes à semântica de forma em baniwa do Içana.

	tipo de classificador				glossa
	numeral		concordância		
	siuci	hohôdene	siuci	hohôdene	
1.	-apu	-apu	-apu	-apu	objetos longos
2.	-hiku	-hiku	-hiku	-hiku	objetos longos verticais
3.	-ku	-ku	-ku	-ku	objetos planos e estendidos, tecidos
4.	-maka	-maka	-maka	-maka	objetos estendidos, que podem ser dobrados

CONTINUA...

Tabela 22 - CONTINUAÇÃO

tipo de classificador					glossa
numeral		concordância			
5.	-kwa	-kwa	-kwa	-kwa	objetos planos, com limites (mesa, terreno)
6.	-na	-na	-nay	-nay	objetos verticais, maciços
7.	-peku	-peku	-peku	-peku	aberturas alongadas, buracos
8.	-phe	-phe	-phe	-phe	objetos planos de espessura fina
9.	-phi	-phi	-phi	-phi	espaços grandes, abertos
10.	-pi	-pi	-pi	-pi	objetos finos, alongados
11.	-wa	-wa	-wa	-wa	espaços abertos, buracos
12.	-ya	-ya	-ya	-ya	objetos esticados
13.	-yawa	-yawa	-	-	espaços abertos, buracos
14.	-wata	-wata	-wata	-wata	objetos côncavos
15.	-	-	-ifi	-ifi	objetos redondos e pequenos
16.	-	-	-apa	-apa	objetos planos, espaços abertos
17.	-	-	-the	- the	objetos redondos maiores (frutas)
18.	-hiwi	-hiwi	-hiwi	-hiwi	objetos pontudos
19.	-pa	-pa	-pa:ji	-pa:ji	hohôdene: pássaros, siuci: objetos curvilíneos, oblongos
20.	-da	-da	-da:ji	-da:ji	objetos em geral; objetos redondos
21.	-kha	-kha	-khay	-khay	objetos curvilíneos
22.	-∅	-∅	-ya:ji	-ya:ji	objetos ocios

Tabela 23 - Classificadores referentes à semântica de ciclos abstratos em baniwa do Içana.

tipo de classificador					glossa
numeral		concordância			
siuci	hohôdene	siuci	hohôdene		
1.	-waɟi	-waɟi	-waɟi	-waɟi	fenômenos repetitivos (p.ex., estações)
2.	-waɟya	-waɟya	-waɟya	-waɟya	ciclos completos (anos)

Tabela 24 - Classificadores específicos em baniwa do Içana.

tipo de classificador					glossa
numeral		concordância			
siuci	hohôdene	siuci	hohôdene		
1.	-da-pana	-da-pana	-da-pana	-da-pana	habitação humana
2.	-fa	-fa	-fa	-fa	fezes
3.	-	-dawaka	-dawaka	-	dia, noite
4.	-tawɟe	-	-tawɟe	-	juntura
5.	-ape	-	-ape	-	cacho completo
6.	-peki	-pawani	-peki	-pawani	rio

Tabela 25 - Quantificadores em baniwa do Içana: siuci e hohôdene.

	quantificador	glossa
1.	-wa	outro, mais um
2.	-ima	um lado, um membro do par
3.	-ima-dzu	par
4.	-hipa-da	pedaço (lit. "pedra")
5.	-ida	metade
6.	-pawa	outro (longe)
7.	-wana	fatia fina
8.	-pe, -peži	plural
9.	-pena	algum

Exemplos de substantivos com classificadores nominais em baniwa do Içana (tabelas 20 - 24).

Tabela 20:

nº de classe	exemplos
1.	S <i>aphepa</i> (< <i>apa-hipa</i>) <i>tʃiã.ʃi</i> "um homem" H <i>aphepa</i> , <i>apaita tʃiã.ʃi</i> "um homem" S <i>tʃiã.ʃi makada.ʃi</i> , <i>makapa.ʃi</i> "homem grande" H <i>tʃiã.ʃi makapa.ʃi</i> , <i>makada.ʃi</i> , <i>makaite</i> "homem grande"
2.	S <i>apaita kuphe</i> "um peixe" S <i>kuphe makada.ʃi</i> "peixe grande"
3.	H <i>apaita kamui</i> "um sol" H <i>kamui itaite</i> "sol preto"
4.	S,H <i>apama inaʒu</i> "uma mulher" S,H <i>inaʒu matʃiada.ʃu</i> "mulher bonita"

Tabela 21:

n ^o de classe	exemplos
1.	S,H <i>apapuku dapi</i> "um cipó"
2.	S,H <i>apanaku lapi</i> "um feixe de lápis"
3.	S,H <i>ape</i> (< <i>apa-i</i>) <i>manakhe</i> "um cacho de açai"
4.	S,H <i>apahna u:ni</i> "uma água. um copo de água" S,H <i>u:ni matsiahnay</i> "água boa"

Tabela 22:

n ^o de classe	exemplos
1.	S,H <i>apapu</i> (< <i>apa-apu</i>) <i>haikwapu</i> "uma vara" S,H <i>haikwapu makapu</i> "vara grande"
2.	S,H <i>apheku</i> (< <i>apa-hiku</i>) <i>ji-api</i> "um osso dele" S,H <i>ji-api makheku</i> "osso dele grande"
3.	S,H <i>apa-ku pieta</i> "uma rede" S,H <i>matsiaku pieta</i> "rede bonita"
4.	S,H <i>apamaka tsaia</i> "uma roupa" S,H <i>matsiamaka tsaia</i> "roupa bonita"
5.	S,H <i>apakwa medza</i> "uma mesa"
6.	S,H <i>apana tfinu</i> "um cachorro" H <i>apana hidzapa</i> "uma montanha"
7.	S <i>apapeku haJayawa</i> "um buraco" H <i>apapeku inawapu</i> "um leito de igarapé"
8.	S,H <i>apaphe papera</i> "uma carta"
9.	S,H <i>apaphi kiniki</i> "uma roça"
10.	S,H <i>apa:pi tezu.jipi</i> "um tipiti"
11.	S,H <i>apawa haJayawa</i> "um buraco"
12.	S,H <i>apaya dzaviya</i> "uma pele de onça"
13.	S <i>apayawa haJayawa</i> "um buraco"
14.	S,H <i>apawata paJana</i> "uma banana"
15.	H <i>apefi</i> (< <i>apa-ifi</i>) <i>ifi</i> "uma semente"
16.	H <i>apapa</i> (< <i>apa-apa</i>) <i>dzakaJe</i> "um povoado"
17.	H <i>apathe haikuthe</i> "uma fruta"
18.	S,H <i>aphewi</i> (< <i>apa-hiwi</i>) <i>ieti</i> "um dente"
19.	S,H <i>apapa kepiJa</i> "um pássaro" S,H <i>kepiJa makapa.ji</i> "pássaro grande"

20.	S,H <i>apada hipada</i> “uma pedra” S,H <i>hipada makada.ʒi</i> “pedra grande”
21.	S,H <i>apakha a:pi</i> “uma cobra” S,H <i>a:pi makakhay</i> “cobra grande”
22.	S,H <i>apa ita</i> “canoa” S,H <i>ita makaya.ʒi</i> “canoa grande”

Tabela 23:

nº de classe	exemplos
1.	S,H <i>hekwapi apawa.ʒi</i> “um dia e noite”
2.	S,H <i>apawa.ʒiya hamu.ʒi</i> “um ano”

Tabela 24:

nº de classe	exemplos
1.	S,H <i>apadapana pan.ʒi</i> “uma casa”
2.	S,H <i>apafa iʃa</i> “um excremento”
3.	H <i>apadawaka de:pi</i> “uma noite”
4.	S <i>apataw.ʒe kapi</i> “uma junta de mão”
5.	S <i>apape pa.ʒana</i> “um cacho de banana”
6.	S <i>apapeki u:ni</i> “um rio” S <i>makapawani u:ni</i> “rio grande, mar”

4.7.8.3. Tariana

4.7.8.3.1. Observações gerais

O tariana é uma língua Aruák do Norte falada na região do rio Uaupés por 80 adultos aproximadamente, todos multilíngues em línguas da família Tucano Oriental (v. sobre a situação de multilinguismo obrigatório nesta região, Sorensen, 1967).

Uma primeira descrição amadora do tariana foi feita por Giacone (1962). Além disso, existem apenas listas de palavras coletadas por viajantes (v. Koch-Grünberg 1911). Os dados sobre o tariana foram coletados durante nossa pesquisa de campo, em julho-agosto de 1991 e 1994 (São Gabriel da Cachoeira-AM).

Como vai ser mostrado adiante, o tariana apresenta particularidades no sistema de concordância, assim como no sistema de classificação nominal, que permitem, ao nosso ver, explicar vários fenômenos do mesmo cunho, mais ou menos evidentes em outras línguas Aruák, principalmente as do Norte.

A coexistência de diferentes construções gramaticais nas quais são usados diferentes morfemas-classificadores para marcar a concordância, assim como o uso de diferentes tipos de concordância em uma língua, é de suma importância tanto para um melhor entendimento e interpretação do estudo sincrônico da língua em consideração, quanto para a reconstrução dos processos gramaticais no conjunto das línguas geneticamente aparentadas. Esses processos podem nos mostrar como os diferentes tipos de concordância em classe nominal e/ou classificador nas diferentes construções gramaticais, dependem, provavelmente, dos outros fatores, tais como proeminência topical e saliência discursiva dos substantivos a serem classificados. Esses fatos deram nascimento a diferentes sistemas sincrônicos de classificadores e classificação nominal de concordância.

4.6.8.3.2. Classificadores numerais em tariana

O tariana possui um sistema rico de classificadores numerais igualmente usados como os de incorporação verbal. Os classificadores têm também uso anafórico e aparecem como afixos derivacionais. Um sistema de morfemas um pouco diferente é usado como marcador de classes nominais de concordância.

O tariana tem 20 classificadores (v. Tabela 26), que envolvem as seguintes oposições semânticas:

- animado/inanimado, subdivididos em animado feminino e animado não-feminino e inanimado (sobre o sistema de gênero "parcialmente cindido" em tariana v. § 4.6.8.3.4);
- forma e estrutura: objetos longos e finos, objetos ocos, curvilineares, espaços limitados, redondos, verticais, côncavos horizontais, cachos, foliformes, líquidos, buracos e espaços abertos etc.

Os classificadores específicos incluem canoas, casas (incluindo todos os tipos de habitação humana), sementes, lagos etc.

Classe de objetos inanimados pode funcionar como classe geral. Mais adiante, vai ser discutida a possibilidade de se usar a classe geral como uma classificação "alternativa" dos substantivos, dependendo da semântica discursiva e anafórica.

Os classificadores são usados basicamente nas expressões que envolvem quantificação e quantidade - numerais de um a quatro, e.g. (150) - (153), com quantificadores, como “muito” em (154) e “quanto(s)?” em (155).

- | | | | |
|-------|---|--|---|
| (150) | pa- ita
um-CL:AN | tfinu
cachorro | “um cachorro” |
| (151) | pa-ma
um-CL:AN FEM | inaru
mulher | “uma mulher” |
| (152) | ñama-pa
dois-CL:HOR | deri
banana | “duas bananas”
- |
| (153) | mada-j-kha
três-CL:CURV | kuje-kha
linha de pesca-CL:CURV | “três linhas de pesca” |
| (154) | waha
nós
pani-si-pe
casa -NPOSS-PL | hanupe-dapana-pe
muito -CL:CASA -PL | ma-de-kade-naka
NEG-ter -NEG-PRES
“Nós não temos muitas casas” |
| (155) | kanapa-dapana -pe-hna
quanto-CL:CASA-PL-INT
di-de
3sg masc-ter | | pani-si-pe
casa-NPOSS-PL
Yawhipana
Iauarete
“Quantas casas tem Iauarete?” |

Os classificadores numerais não são usados com numerais maiores de quatro, já que os numerais a partir de cinco são, de fato, locuções nominais, tendo o item lexical “mão” como núcleo: ex.(156).

- (156) pa-kapi tfinu
 IMP-mão cachorro
 “cinco cachorros”, lit. “uma mão de cachorros”

Os classificadores se usam com os demonstrativos, e.g. ex. (157), (159), predicado possessivo e pronomes possessivos, e.g. ex. (160)-(162). Craig (1992) considera a possibilidade de estender o uso dos classificadores numerais para demonstrativos.

A forma do classificador animado masculino usado com o demonstrativo é diferente do classificador da mesma classe, usado com numerais e verbos, e.g. ex. (158). Essa ocorrência pode ser considerada um caso de supletivismo parcial.

- (157) ha-dapana pani-si-pe “esta casa”
 este-CL:CASA CASA -NPOSS
- (158) hĩ neri “este veado”
 este+CL:AN veado
- (159) hane-ma inaru “aquela mulher”
 aquele- CL:AN FEM mulher
- (160) nu-ya-whya “minha (canoa)”
 1sg-POSS-CL:CANOA
- (161) deri-pi nu-ya-pi-ka
 banana-CL:FINO.VERT 1sg-POSS-CL:FINO-DECL
 “A bananeira é minha”
- (162) eni ya-dapana-se nu-ma-ka
 tuchaua POSS-CL:CASA-LOC 1sg-dormir-DECL
 “Eu vou dormir na casa do tuchaua”

Os classificadores de incorporação verbal são usados com verbo passivo, ex. (163), (164), com formas relativas do verbo, e.g. ex. (165), (166), e, às vezes, com predicado indicador de finalidade, e.g. ex.(167). Os princípios básicos de concordância em tariana serão discutidos adiante. Nos exemplos (163), (164) o classificador marca a concordância com o sujeito intransitivo derivado do verbo passivo. Nos exemplos da frase relativa, o verbo relativizado concorda em classe nominal com o núcleo da cláusula relativa, ex.(165), (166). No ex. (167) o predicado da oração subordinada concorda com o objeto da oração principal.

- (163) ama-ku na-pita-ni-ku
rede-CL:ESPLIM 3pl-pintar-PASS-CL:ESP LIM
iri-peri
vermelho-COLL
“A rede está pintada de vermelho”
- (164) ha-phe livru Gracilianu
este-CL:FOL livro Graciliano
di-dana-ni-phe-ka
3sg-escrever-PASS-CL:FOL-DECL
“Este livro foi escrito por Graciliano”
- (165) nu-keta-ka hala-yawa u:ni
1sg-ver-DECL buraco-CL:BURACO água
ka-musu-ka-yawa
REL-sair-DECL-CL:BURACO
“Eu vi um buraco com água saindo”
- (166) ama -ku nu-tutu-ni-ku-nuku
rede-CL:ESP LIM 1sg-amarrar-PASS-CL:ESP LIM-OBJ
nu-wasa-ka
1sg-afrouxar-DECL
“Eu desamarrei a rede que eu tinha amarrado”
- (167) diha panisi di-ni-nikha
ele casa-NPOSS 3sg masc-fazer-PERF
di-ya-hyu-dapana
3sg-morar-FIN-CL:CASA
“Ele fez casa para ele morar”

Quando a oração subordinada funciona como predicativo da principal, como no exemplo (169), o verbo concorda com o sujeito. Este pode também ser interpretado como um caso do "pronomes-sombra" ("shadow" pronoun), fenômeno típico das cláusulas relativas em línguas semíticas (Aikhenvald 1990; Diakonoff 1989).

- (169) ha-puna waha wemhani-hyu-puna
 este-CL:ESP nós 1pl+andar-FIN-CL:ESP
 "Este caminho é para nós andarmos" (Lit. Este caminho é o caminho para nós andar).

De acordo com a regra geral, cada substantivo pode ser usado com um classificador só. Entretanto, apresentam-se dois tipos de exceções a esta regra.

Primeiro, o tariana possui um classificador de classe geral (v. Tabela 26, classe 3). Todos os objetos inanimados podem ser classificados de acordo com as características de estrutura, forma etc., ou como pertencentes à classe geral. O último acontece quando o substantivo não é o foco do discurso, e.g. ex.(170). No caso do uso anafórico do classificador, ele não pode ser substituído pelo classificador geral, e.g. ex.(171).

- (170) pa-∅ hinipu aja-naka "tem caminho"
 um-CL:GERAL caminho ser-PRES
- (171) naha ikuji itjida-ne na-sape-pidana
 eles cagado jabuti-COM 3pl-falar-ENF
 thuíme na-siwa kayu como
 todo: AN 3pl-REFL hinipu-pe na-ni-pidana
 3pl-fazer-DEPOIS caminho-PL 3pl-fazer-ENF
 ñama-puna na-eku-kasu
 dois-CL:ESP 3pl-correr-FUT

"Eles, cagado e jabuti, discutiam entre si sobre como eles traçariam os caminhos; traçaram dois(caminhos) para eles (jabuti e veado) correrem" (frase proveniente de uma fábula que envolve os três animais).

Esse tipo de uso do classificador é parecido com o uso dos classificadores nas línguas isolantes da Ásia do Sudeste (Craig 1986; DeLancey 1986). Os classificadores nessas línguas são usados com os substantivos para assinalar que um novo objeto foi introduzido e que ele vai ter um papel importante no futuro discurso. Função parecida, vinculada à organização do discurso, foi assinalada para os classificadores nas línguas da Amazônia em Derbyshire & Payne (1990); v. acima §4.6.8.2, sobre as funções discursivas e anafóricas dos classificadores em baniwa do Içana.

Segundo, em tariana existe uma possibilidade de “re-classificação” de alguns itens, principalmente, no caso de uma “competição” dos princípios de subcategorização. Por exemplo, o item lexical *siduana* “flecha” pode ser classificado com um objeto animado não-feminino, porque flecha pertence ao domínio de experiência dos seres humanos por excelência (v. acima, §2.; Lakoff 1986), e.g. ex. (172). Por outro lado, flecha pode ser classificada como um objeto inanimado de forma vertical, e.g. ex. (173).

(172) hĩ sidua-na hanu-ite
este+CL:AN flecha-CL:VERT grande-CL:AN
“esta flecha grande”

(173) ha sidua-na hanu-na
este+CL:INAN flecha-CL:VERT grande-CL:VERT
“esta flecha grande”

Os classificadores em tariana podem, também, ser usados como afixos derivacionais, v. ex. (165), (166), (169), (172) acima e ex. (174), (175) a seguir:

(174) episi “ferro, metal” -episi-aphi “panela de alumínio”
metal metal-CL:OCO

(175) heku-na - heku-ita > hekuta
madeira-CL:VERT - madeira-CL:AN
“árvore” - “remo”
heku-da
madeira-CL:REDONDO
“fruta de árvore”

Em alguns casos não é fácil distinguir entre um uso derivacional dos morfemas classificadores e palavras compostas, e.g. ex. (176), (177).

(176) na-rapa-ni-dapana “casa de dança”
3pl-dança-PASS-CL:CASA

(177) ka-ara-ka-why-puna “aeroporto”
REL-voar-DECL-CL:CANOA-CL:ESP

Classificadores são também usados em nominalizações, e.g.

(178) pa-dana-ni-na “caneta de escrever”
IMP-escrever-PASS-CL:VERT

Os classificadores podem ter funções anafóricas, e.g. ex. (171), (179), (180).

Pergunta:

(179) kwana i-ya-phe-nikha?
quem IND-POSS-CL:FOL -PERF
“De quem é este objeto foliforme (isto é livro)?”

Resposta:

(180) ka-bueta-ma i-ya-phe-ka
REL-ensinar-CL:ANFEM IND-POSS-CL:FOL-DECL
“É da profesora (objeto foliforme, isto é livro)”

4.7.8.3.3 - Classes de concordância em tariana

O tariana possui 24 classes de concordância (v. Tabela 27). As oposições semânticas e os morfemas usados são diferentes do sistema de classificadores numerais (v. Tabela 26).

As seguintes oposições semânticas aparecem no sistema das classes de concordância em tariana:

- animado feminino vs não-feminino;
- animado vs inanimado;
- objetos não-contáveis; pares;
- forma e estrutura: redondo, oco, vertical, longo e fino, espaços limitados, curvilíneo, líquido etc.

As classes específicas incluem: canoas, casas (incluindo todos os tipos de habitação humana), sementes, lagos, cestas, ilhas, fenômenos naturais. Esse sistema é diferente do sistema dos classificadores, já que não possui classe genérica.

Os marcadores de classe de concordância ocorrem no modificador adjetival nas locuções nominais, ex.(181), (182):

(181)	hanu-ite grande-CL:NFEM	tʃiãŋj homem	“homem grande”
(182)	hanu-dapana grande-CL:CASA	pani-si casa-NPOSS	“casa grande”

Como foi dito anteriormente, formas verbais relativas, de finalidade e passivas apresentam, também, este tipo de concordância, o que indica uma possibilidade de uma origem nominal para essas formas, e.g. ex.(163)-(169).

Cada substantivo pertence a uma classe de concordância. Entretanto, como no caso dos classificadores, os ex.(183)-(185) abaixo mostram a possível variação na atribuição da classe nominal. Vejamos o exemplo do item lexical *lama* “chama” (empréstimo do espanhol).

(183)	lama-wani chama-CL:NAT	matʃia-wani bom-CL:NAT	“chama bonita”
(184)	lama-wani chama-CL:NAT	hanipa hanu-ipa grande-CL:GRANDE/REDONDO	“chama grande, fogo grande”
(185)	lama-wani chama-CL:NAT	matʃia-syawa bom-FOGO	“a chama bonita (em questão)”

(v.a seguir, sobre incorporação, §4.6.8.3.5).

4.7.8.3.4 Concordância em tariana

O tariana possui, basicamente, dois tipos de concordância:

- concordância tipo predicado-argumento;
- concordância tipo núcleo-modificador.

Os dois tipos de concordância envolvem categorias flexionais diferentes.

O predicado concorda com o sujeito em gênero e pessoa, sendo o número uma categoria opcional. A concordância marca-se com prefixos de referência verbal cruzada (que distinguem quatro pessoas, sendo a quarta pessoa o impessoal, dois gêneros e, opcionalmente, dois números). Os mesmos prefixos são usados para marcar o possuidor pronominal dos substantivos inalienavelmente possuídos, v. ex. (190), (187).

(190)	pa-piu	nuha	hidu	du-keta-hni	miñe
	uma-vez	eu	avó	3fem sg-ver-PERF	tatu
	hinipu	pamunya			
	caminho	metade			

“Uma vez a minha avó encontrou um tatú no meio do caminho”.

Em construções tipo núcleo-modificador, em tariana, o modificador concorda com o núcleo em classe nominal (no caso dos modificadores adjetivais), ou o modificador (demonstrativo ou numeral) leva um classificador. Os modificadores podem opcionalmente concordar, em número, com o núcleo.

Nas construções tipo núcleo-modificador, o marcador de concordância (isto é classificador ou marcador de classe nominal de concordância) não aparece necessariamente no substantivo-núcleo. No entanto, existe um número substancial de substantivos que contém afixos derivacionais, usados igualmente como marcadores de concordância, no modificador. Neste caso, a concordância núcleo-modificador consiste, de fato, em um processo de “cópia” do afixo derivacional do núcleo no modificador; cf. Craig (1992), sobre o fenômeno de “repetidores” (“repeaters”) como marcadores de concordância em algumas línguas. Neste caso, também, o número das classes de concordância é, no mínimo, igual ao número de afixos derivacionais na língua.

Em tariana, como nas outras línguas Aruák do Norte (v. Aikhenvald no prelo-b), existe a seguinte restrição quanto à estrutura morfológica das raízes e dos demais morfemas: as raízes não-emprestadas normalmente contêm no máximo duas sílabas, enquanto que os afixos contêm de uma a duas sílabas. Se

em tariana o substantivo derivado contém mais do que um afixo derivacional, ambos sofrem o processo de “cópia” no modificador para marcar a concordância dentro da locução nominal, caso os dois sejam de uma sílaba, ex. (191). Caso contrário, ex.(192), repete-se apenas o último afixo derivacional.

- (191) deri-pi-na
banana-CL:VERT/FINO-CL:VERT
hanu-pi-na
big-CL:VERT/FINO-CL:VERT
“uma bananeira grande (grossa)”

- (192) ka-ara-ka-why-puna
REL-voar-DECL-CL:CANOA-CL:ESP
hanu -puna
grande-CL:ESP
“um aeroporto grande”

No caso de palavras compostas, a “repetição” da parte que se encontra mais à direita usa-se para marcar a concordância; v. acima, sobre as dificuldade de distinção entre palavras compostas e palavras derivadas, ex. (193), (194).

- (193) yarumakasi-yami hanu-yami
pano-pedaço grande-PEDAÇO
“um grande pedaço de pano”

- (194) heku-paꞑi hanu-paꞑi
madeira-raiz grande:RAIZ
“uma grande raiz de árvore”

Às vezes, o uso do afixo derivacional é opcional. A concordância não muda, e.g. ex.(195).

- (195) deri(-pa) hanu-pa “uma banana grande”
banana-CL:HOR grande-CL:HOR

Esse tipo de concordância, além de envolver processos semelhantes aos da incorporação no sentido de Mithun (1984) (v. acima, sobre a incorporação do substantivo em função de classificador nominal nas línguas Aruák como marca

de concordância e também §4.6.8.3.5), é parecido com o fenômeno de “repetição” do substantivo usado como classificador de si mesmo (v. exemplos a seguir).

4.7.8.3.5 - Incorporação e concordância em tariana

Os morfemas-marcadores de classes nominais de concordância em tariana não possuem funções anafóricas ou discursivas, à diferença dos classificadores (v. §4.6.8.3.2). No entanto, cabe à concordância em classe nominal um papel importante na organização do discurso, por meio de maneiras variáveis de marcar a concordância entre o substantivo-núcleo e o modificador.

O substantivo-núcleo da locução nominal pode ser “copiado” no modificador, ou na forma verbal (no caso das formas verbais de origem nominal que exigiriam a concordância do classificador com o substantivo, v. 4.6.8.3.4), desde que sejam idênticas as condições sintáticas do “copiamento” e as da concordância em classe nominal ou classificador. Isso somente pode acontecer se forem preenchidas algumas condições específicas de ordem pragmática: a “cópia” do núcleo, como marca de concordância, acontece caso o substantivo constitua o tópico do discurso, como mostraremos nos pares a seguir: (196) e (197); (198) e (199), (201) e (201) respectivamente. Nos ex. (196) e (198), “camisa” e “mesa” são classificados como pertencentes à classe de objetos animados não-femininos, já que eles fazem parte da experiência do ser humano por excelência (v. Lakoff 1986 sobre Princípio de domínio de experiência). O ex. (200) mostra que a concordância em classificador é opcional nas construções com a semântica de finalidade (v. acima: §4.6.8.3.2). Para este tipo de concordância via “copiamento” de constituinte, não se aplicam as restrições morfológicas discutidas acima (§4.6.8.3.4).

(196)	nu-de-naka	kamisa	hanu-ite
	1sg-ter-PRES	camisa	grande-CL:AN
	“Eu tenho uma camisa grande”		

(197)	nu-de-naka	kamisa	hanu-kamisa
	1sg-ter-PRES	camisa	grande-camisa
	“Eu tenho aquela camisa grande (da qual estamos falando)”		

Em (198), *mesa* é classificada como pertencente à classe de concordância dos seres animados, mas o classificador numeral usado com o demonstrativo é da classe geral dos objetos inanimados.

- (198) ha mesa naha
 este+CL:INAN mesa eles
 heku-na-ne na-ni-nite
 madeira-CL:VERT-COM 3pl-fazer-PASS+CL:AN
 “Esta mesa foi feita por eles de madeira”
- (199) ha mesa naha
 este+CL:INAN mesa eles
 heku-na-ne na-ni-ni-mesa
 madeira-CL:VERT-INSTR 3pl-fazer-PASS-MESA
 “Esta mesma mesa(da qual nós estamos falando) foi feita por eles de madeira”
- (200) diha di-waya-nikha hinipu-ku
 ele 3sg masc-comprar-PERF caminho-CL:ESP
 di-phani-hyu
 3sg masc-plantar-FIN
 “Ele comprou uma roça para plantar”
- (201) diha di-waya-nikha hinipu-ku
 ele 3sg masc-comprar-PERF caminho-CL:ESP
 di-phani-hinipuku-hyu
 3sg masc-plantar-ROÇA-FIN
 “Ele comprou essa mesma roça para ele plantá-la”
- (202) pani-si na-ni-ni-dapana-nikha
 casa-NPOSS 3pl-fazer-PASS-CL:CASA-PERF
 nu-phuni-ne
 1sg-amigo-INSTR
 “A casa foi feita por meu amigo”
- (203) pani-si ka-thuka-ni-panisi-se
 casa-NPOSS ATR-quebrar-PASS-CASA-JÁ
 “A casa (da qual nós estamos falando) já está quebrada”

Uma tradução literal para os exemplos como (197), (199), (201), (203) seria respectivamente “aquela camisa é a camisa grande”, “a mesa é a mesa feita por eles de madeira”, “ele comprou a roça para ele plantar a roça” e “a casa já é uma casa quebrada”. Nestes casos, como já foi apontado acima, com referência ao uso dos classificadores no predicado das construções finais (§4.6.8.3.2), o classificador, ou a incorporação do constituinte inteiro é usado da mesma maneira que os pronomes relativos de “sombra” (shadow pronouns) em línguas semíticas; cf. uma série de exemplos parecidos em Português:

eu tenho uma ótima amiga vs

eu tenho uma amiga que ela é ótima (“ela” -pronome-“sombra”)

vs

eu tenho uma amiga que essa amiga é ótima

Concordância do tipo “copiamento” pode ter funções anafóricas, e.g. ex. (204). O exemplo foi encontrado em um texto tratando das instruções de como plantar uma roça nova (Giacone 1962). A transcrição e a tradução foram revisadas com a assistência de falantes do Tariana.

- (204) di-tipi de:pita waha wa-pana
3sg masc-ramo noite+ADV nós 1pl-plantar
waʃi-kapina-se
novo-ROÇA-LOC
“Nós vamos plantar ramos dela (da mandioca) na nova (roça),
de noitinha”

Cf. um outro exemplo, (205), de concordância tipo copiamento no mesmo texto:

- (205) wafa wa-mhaita wa-kani-kaʃi-se wa-deme
embora 1pl-queimar 1pl-derrubar-REL-LOC 1pl-acabar
waʃi-kapina-se wa -teta-mhade
novo-ROÇA-LOC 1pl-preparar-FUT
diha kapina hanu-kapina-naka
ele roça grande-ROÇA-PRES
ñapirikuj di-na-ka hanupe-mhadè
Deus 3sg masc-querer-DECL muito-FUT
“Vamos queimar a derrubada, ao terminarmos, e vamos preparar uma roça nova. Essa roça é uma roça grande. Se Deus quiser, vai ter muita fartura”.

A técnica morfológica empregada nos exemplos (197), (200), (201), (204)-(205) é parecida com a da incorporação nominal. Entretanto, o processo aqui não é de incorporação do classificador, mas sim de incorporação como marca de concordância entre constituintes.

Convém lembrar que o tariana, como outras línguas Aruák do Norte, de fato possui incorporação ou composição nominal, de uso limitado, e.g. acima, ex. (193),(194).

Essa particularidade do tariana de usar o processo de copiamento, ou repetição do constituinte, para marcar concordância é único na família linguística Aruák. Entretanto, nas línguas Aruák, a repetição do substantivo-núcleo é, às vezes, usada como um procedimento sintático para colocar em foco o substantivo núcleo, como em baniwa do Içana (siuci), e.g. ex.(206).

(206)	kezi lua “lua mingunte” (lit. “lua quando está pequena lua”)	tsu-ite-kena pequena-CL:AN-GER	kezi lua
	maka-ite-ka grande-CL:AN-DECL	kezi lua	ʃi-tawiña-kawa 3sg masc-crescer-INTR “lua crescente” (lit. “lua grande, ele está crescendo”)

O uso da concordância-copiamento como um fator de marcação da organização discursiva é paralelo às restrições referentes ao uso dos classificadores nas línguas do Sudeste da Ásia (Craig 1986; DeLancey 1986), e também ao uso dêitico e anáforico dos classificadores tanto no próprio tariana (v. §4.6.8.3.2), quanto em baniwa do Içana (v. §4.6.8.2). A presença da incorporação do constituinte como marca de concordância pode ser considerada um caso extremo de “copiamento”, no sentido de Anderson (1992:112) e Craig (1992). Esse fato levanta uma série de problemas relevantes para os procedimentos de atribuição de classe nominal a substantivo, status teórico dos classificadores e classes nominais em tariana, assim como a gênese da classificação e da concordância tanto em tariana, quanto em outras línguas Aruák.

4.7.8.3.6 - Atribuição de classe e concordância em tariana

Como foi mostrado acima, a cada substantivo atribui-se, no mínimo, duas classes de concordância: uma, cuja concordância é marcada por um morfema de classe nominal, ou repetição de sufixo derivacional; outra marcada pelo “copiamento” do núcleo no modificador ou predicado.

As classes são distribuídas de acordo com o papel discursivo do substantivo, que corresponde a uma categoria gramatical de substantivo que chamaremos de “focalidade”.

Alguns casos, porém, escapam à regra geral.

Os exemplos (207) e (208) abaixo e os exemplos (183)-(185) acima mostram que, às vezes, um outro substantivo pode ser “incorporado” no modificador, para marcar a concordância com o substantivo-núcleo em foco.

(207)	ke:ri sol	hanu-ite grande-CL:AN	“sol grande”
(208)	keri sol	hanu-ehkwapi grande-DIA	“aquele sol muito grande”

Esses exemplos mostram que o sistema de classificação nominal e de concordância em tariana ainda não está fossilizado. Esses exemplos ilustram a passagem da concordância via “copiamento” dos substantivos em foco, para um tipo de sistema de classificação de concordância, ainda em processo de gramaticalização. Nestes casos, um substantivo de semântica mais genérica, isto é em (208), “chama” em (183), é usado da mesma maneira como os classificadores incorporados são usados nas línguas com a incorporação de tipo IY (“incorporação de classificador”) tratadas em Mithun (1984), e mais tarde Rosen (1989).

A relação entre dois tipos de classificação nominal em tariana - um marcado por meio de morfemas classificadores que constituem um sistema gramatical fechado, e outro, marcado por meio de concordância de tipo “copiamento” do substantivo núcleo ao modificador ou predicado tem aspecto particularmente dramático, quando se trata de uso da mesma raiz lexical, em duas funções diferentes. É o caso do classificador nominal - *da-pana* (v. Tabelas 26, 27; ex.(202)) etimologicamente ligado à raiz lexical *pani-* “casa, habitação humana”, sendo que a mesma raiz, que aparece no item lexical *pani-si* “casa”, pode igualmente ser usada para marcar a concordância do substantivo em foco, e.g. ex.(203).

Os fatos do tariana levam a várias perguntas tanto de cunho teórico quanto, também, de cunho histórico-comparativo e da possível gênese de classificação nominal e concordância em tariana e nas línguas Aruák em geral.

Como foi assinalado acima (v. também Payne 1990:cap.5), nas línguas da Amazônia classificadores nominais podem ter dupla função, tanto a de

marcadores flexionais, quanto a de morfemas derivacionais. Os marcadores de gênero nas línguas Aruák desempenham também essa dupla função (já que se usam tanto como marcadores de concordância, quanto de nominalizações). Os classificadores nominais, quando desempenham a função flexional, são usados para marcar relações morfo-sintáticas; (v. os principais parâmetros para distinção da derivação e flexão em Anderson 1992; Payne 1990), isto é servem como marcas de concordância nas locuções. Os classificadores, tendo uma função derivacional, formam novas entradas lexicais. Ao nosso ver, uma explicação adequada deste *status* aparentemente ambíguo dos classificadores, foi proposta por Payne (1990). Os classificadores, então, vêm considerados como o resultado da existência de um conjunto de relações de mapeamento entre traços semânticos e a forma fonológica que serve para exercer duas funções prototípicas - a de flexão e a de derivação. O comportamento dos classificadores nominais tanto em tariana quanto em baniwa do Içana se encaixa neste quadro teórico. No entanto, a diferença entre o baniwa do Içana e o tariana é que, em tariana, qualquer afixo derivacional, sem exceção, pode preencher as duas funções, isto é ser usado para formação de novas entradas lexicais e como marcador de concordância. Além disso, o maior interesse do sistema de classificação nominal e de concordância em tariana é devido ao fato de que qualquer item lexical pode ser, também, usado tanto na função de nominação independente, quanto para marcar a concordância consigo mesmo quando está em foco do discurso. Neste ponto convém salientar que na maioria das línguas Aruák, inclusive em baniwa do Içana, os marcadores de classes nominais específicos, tanto quanto os classificadores numerais específicos têm, como origem, itens lexicais; cf., por exemplo, a “incorporação” dos nomes de partes de corpo nas línguas Aruák do Sul, a saber, terêna, bauré, ignaciano, para fins de classificação nominal. À guisa de exemplo, podemos citar aqui os seguintes classificadores em baniwa do Içana: CL:HABITAÇÃO HUMANA: *-da-pana*: cf. *pan̄i* “casa”; CL:DIA: *-dawaka*: cf. verbo *dawa* “clarear o dia” +*-ka* “aspecto declarativo”; CL:FEZES: *-fa*; substantivo *-fa* “fezes”.

Tanto em tariana, quanto nas outras línguas Aruák, às vezes, é difícil estabelecer a distinção entre derivação e composição de itens lexicais.

As colocações acima permitem formular a seguinte hipótese: que, de fato, existem três, e não apenas duas, funções prototípicas, no sentido de Payne (1990), para os itens, que seriam: flexionais, derivacionais e de nominação independente. A possibilidade em tariana de se usar qualquer item lexical nessas três funções, assim como a ligação etimológica entre itens lexicais e classificadores - morfemas derivacionais e flexionais ao mesmo tempo - nas outras

línguas da família - deixa estabelecer uma “ponte” entre estes três extremos, que formariam, de fato, um contínuo. Então, a distribuição complementar entre item lexical “incorporado” ou “copiado” usado como marcador de concordância e os classificadores como classe fechada, dependendo da saliência, ou focalidade discursiva do substantivo pode ser explicada em termos de diferença em status referencial do próprio item lexical e classificador (este último está mais gramaticalizado e, portanto, menos marcado no discurso).

Esta colocação poderá, provavelmente, oferecer explicações sobre os exemplos da passagem de itens lexicais para afixos - derivacionais ou flexionais - que ocorre nas línguas de outras famílias; cf. também os exemplos de ligação entre afixos flexionais e derivacionais nas línguas Bantu e Indo-européias em Payne (1990:cap.5). Um exemplo da passagem de um item lexical para afixo derivacional seria o caso do afixo adverbial *-mente* em Português, *-weise* “de modo” em alemão. Um exemplo da passagem de um item lexical ao afixo flexional de modo verbal seria o húngaro *-hat-* “marcador do modo potencial”, proveniente do verbo *hat-ni* “influenciar, poder fazer”. O uso do afixo derivacional “*ismo*” como item lexical independente encontra-se em várias línguas européias.

Quanto à possível gênese do sistema de classificação nominal em tariana, podemos propor dois cenários.

- A. O jogo de classificadores e marcadores de classe nominal como classe fechada de concordância proveniente de morfemas derivacionais (v. §4.6.8.3.2 acima) surgiu como resultado do processo de “repetição”, ou “copiamento” de elemento final, mono- ou dissilábico, do substantivo-núcleo ao modificador. Em seguida ocorreu a gramaticalização dos marcadores, em cujo processo foram gramaticalizados alguns morfemas de origem derivacional como marcadores de classes nominais de concordância ou classificadores *par excellence*, adquirindo uma especificação semântica.
- B. O jogo de classificadores e marcadores de classes de concordância provenientes de itens lexicais surgiu como resultado do processo de “copiamento”, ou “repetição” e incorporação subsequente ao modificador do item substantival.

Na maioria das línguas Aruák que possuem um sistema de classes nominais e classificadores, estes dois cenários levaram ao mesmo resultado de sistema de classificação nominal gramaticalizado. Os itens podem, às vezes, ser identificados como provenientes dos lexemas ou afixos derivacionais apenas

através de uma análise etimológica. O sistema peculiar encontrado em *tariana* fornece-nos um “elo perdido”, mostrando como o contínuo - de item lexical independente até um morfema-classificador gramaticalizado - pode funcionar em uma língua.

As demais conclusões referentes à origem dos sistemas de classificadores e classificação nominal, de um lado, e de gênero, de outro, nas línguas da família Aruák, para as quais o material do *tariana* é de importância fundamental, serão discutidos em §5.1 e §5.2.

Tabela 26 - Classificadores em *tariana*

classificador	glossa	exemplos
1. -ita	animado/não-feminino	<i>tfiã.ĩ</i> “homem” <i>tfinu</i> “cachorro” <i>keri</i> “lua, sol”
2. -ma	feminino animado	<i>inaru</i> “mulher” <i>kabuetama</i> “professora”
3. -∅	inanimado	<i>iwi</i> “sal”, <i>kapi</i> “mão”
4. -pi	longo, fino, vertical	<i>hirina</i> “tipiti”, <i>deripi</i> “bananeira”
5. -phi	pequeno, oco	<i>surupephi</i> “panela de barro”
6. -puna	espaço	<i>hinipu</i> “caminho”
7. -da	pequeno, redondo	<i>mawina</i> “abacaxi”, <i>hekuda</i> “fruta”
8. -na	longo, vertical	<i>hekuna</i> “árvore”
10. -pa	côncavo horizontal	<i>hawaya</i> “ingá”, <i>deri, deripa</i> “banana”
11. -itfi	cacho	<i>manaketfi</i> “cacho de açaí”, <i>deritfi</i> “cacho de banana”
12. -phe	foliforme	<i>dinaphe</i> “pena”, <i>livru</i> “livro”
13. -pua	rio, líquido	<i>uni</i> “rio, água”, <i>ñapu</i> “igarapé”

CONTINUA...

Tabela 26 - CONTINUAÇÃO

classificador	glossa	exemplos
14. -kha	curvilínear	<i>kulekha</i> "linha de pesca", <i>ihyakha</i> "intestinos"
15. -yawa	buraco	<i>halayawa</i> "buraco", <i>ithakuyawa</i> "narina"
16. -ku	espaço limitado	<i>amaku</i> "rede"
17. -whya	canoa	<i>itawhya</i> "canoa"
18. -dapana	casa	<i>panisi</i> "casa"
19. -nai	lago	<i>uninai</i> "lago", <i>makanai</i> "poço"
20. -ithe	pequenas partículas (tipo semente)	<i>ithe</i> "semente" <i>iwi</i> "partícula de sal"

Tabela 27 - Classes nominais de concordância em tariana

morfema de concordância	glossa	exemplos
1. -ite	não-feminino animado e determinantes	<i>tʃiã.ŋ</i> "homem", <i>tʃinu</i> "cachorro" <i>keri</i> "lua, sol", <i>kapi</i> "mão"
2. -ma	feminino, pares	<i>inaru</i> "mulher", <i>iphema</i> "asa", <i>kabuetama</i> "professora"
3. -peri	não-contável, coletivo	<i>iwi</i> "sal", <i>isa</i> "fumaça"

CONTINUA...

Tabela 27 - CONTINUAÇÃO

	morfema de concordância	glossa	exemplos
4.	-ipa	redondo, oco	<i>si.ju.ʃi</i> “panela de barro”, <i>yupitʃi</i> “peneira”
5.	-pi	longo, fino, vertical	<i>hirina</i> “tipiti” <i>deripi</i> “bananeira”
6.	-phi	pequeno, oco	<i>surupephi</i> “panela de barro”
7.	-puna	espaço	<i>hinipu</i> “caminho”
8.	-da	pequeno, redondo	<i>mawina</i> “abacaxi”, <i>hekuda</i> “fruta”
9.	-na	longo vertical	<i>hekuna</i> “árvore”
10.	-pa	côncavo horizontal	<i>hawaya</i> “ingá”, <i>deri, deripa</i> “banana”
11.	-itʃi	cacho	<i>manaketʃi</i> “cacho de açai”, <i>deritʃi</i> “cacho de banana”
12.	-phe	foliforme	<i>dinaphe</i> “pena”, <i>livru</i> “livro”
13.	-pua	rio, líquido	<i>uni</i> “água, rio”, <i>ñapu</i> “igarapé”
14.	-kha	curvilíneo	<i>kulekha</i> “linha de pesca”, <i>ihyakha</i> “intestinos”
15.	-yawa	buraco	<i>halayawa</i> “buraco” <i>ithakuyawa</i> “narina”
16.	-ku	espaço limitado	<i>amaku</i> “rede”

CONTINUA...

Tabela 27 - CONTINUAÇÃO

morfema de concordância	glossa	exemplos
17. -whya	canoa	<i>itawhya</i> "canoa"
18. -dapana	casa	<i>panisi</i> "casa"
19. -nai	lago	<i>uninaï</i> "lago", <i>makanaï</i> "poço"
20. -ithe	semente, partículas	<i>ithe</i> "semente", <i>iwi</i> "sal"
21. -pukwi	redondo, oco	<i>ãpa</i> "cesta"
22. -kyere	ilha	<i>makakyere</i> "ilha"
23. -wani	fenômenos de natureza	<i>iya</i> "chuva" <i>ka.ɣe</i> "vento"
24. -kwema	plano, redondo	<i>mesa</i> "mesa"

4.8 - DISTRIBUIÇÃO DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL E DE GÊNERO NAS LÍNGUAS ARUÁK

Na tabela 28 abaixo encontra-se uma síntese da distribuição dos sistemas de classificação nominal e de gênero nas línguas Aruák por nós consideradas.

Abreviações usadas na tabela 28:

CN - classificadores numerais; GC - sistema de marcação cindida de gênero; GPC - sistema de marcação parcialmente cindida de gênero; CC - classificadores vs classes nominais de concordância; CIV - classificadores de incorporação verbal; D - uso de classificadores como afixos derivacionais.

Tabela 28 - Sistemas de classificação nominal e de gênero nas línguas Aruák

	CN	GC	GPC	CC	CIV	D
<i>Aruák</i>						
<i>do Sul</i>						
1. Terêna	-	-	-	+	+	+
2. Bauré	-	+	-	-	+	+
3. Ignaciano	+	+	-	+	+	+
<i>Pareci-Xingu</i>						
4. Pareci	-	+	-	-	+	+
5. Waurá, Mehinaku	+	-	+	+	+	+
6. Yawalapiti	-	+	-	+	+	+
<i>Preandino</i>						
7. Piro	-	-	+	-	-	+
8. Apuriña	-	-	+	-	-	+
9. Campa	+	+	-	+	+	+
<i>Amuesha</i>						
10. Amuesha	+	-	+	+	+	+
<i>Resígaro</i>						
11. Resígaro	+	+	-	+	+	+
<i>Aruak do Norte</i>						
<i>Ta-Aruák</i>						
12. Lokono	-	-	+	-	-	-
13. Garífuna	-	-	+	-	-	-
14. Guajiro	-	-	+	-	-	-
15. Parauhano	-	-	+	-	-	-
<i>Palikur</i>						
16. Palikur	+	-	+	+	+	+
<i>Wapishana</i>						
<i>-mawayana</i>						
17. Wapishana	-	-	+	-	-	+
18. Mawayana	-	-	-	-	-	-

CONTINUA...

Tabela 28 - CONTINUAÇÃO

	CN	GC	GPC	CC	CIV	D
<i>Subgrupo Colombiano</i>						
19.Achágua	+	+	-	-	-	-
20.Yukuna	+	+	-	-	-	-
21.Piapoko	-	-	+	-	-	-
<i>Médio Rio Negro</i>						
22.Kawishana	-	+	-	-	-	-
23.Manao	-	-	+	-	-	-
24.Bahwana	+	+	-	-	-	+
<i>Baniwa-yavítero</i>						
25.Warekena do Xié	+	-	+	-	-	-
<i>Baré</i>						
26.Baré	-	-	+	-	-	-
<i>Içana - Uaupés</i>						
27.Baniwa do Içana	+	-	+	+	+	+
28.Tariana	+	-	+	+	+	+

5 - CARATERÍSTICAS TIPOLÓGICAS E ORIGEM DA CLASSIFICAÇÃO NOMINAL E DE GÊNERO NAS LÍNGUAS ARUÁK

5.1 - AS CARATERÍSTICAS GERAIS DA CLASSIFICAÇÃO NOMINAL E DE GÊNERO NAS LÍNGUAS ARUÁK

A análise das caraterísticas sincrônico-tipológicas dos sistemas de classificação nominal e de gênero nas línguas Aruák por nós considerados permite formular as seguintes particularidades das línguas Aruák.

- A. O gênero como categoria gramatical de concordância tem caráter Aruák comum, já que essa categoria se encontra em, praticamente, todas as línguas da família.

- B.** A maioria das línguas possui uma oposição de dois gêneros prototípicos (no sentido de Corbett 1991): masculino e feminino, sendo o último não-marcado semanticamente. A exceção constituem as línguas ignaciano (Aruák do Sul) e palikur (Aruák do Norte), onde se apresentam três gêneros, como resultado da integração de duas oposições semânticas: animado vs inanimado e masculino vs feminino. O terceiro gênero, o “neutro”, em ambos os casos, inclui objetos inanimados; a oposição masculino/feminino restringe-se aos seres animados. A origem secundária do terceiro gênero, ou seja, da oposição de três gêneros em vez de dois, confirma-se através do fato de que nas línguas que a apresentam, apenas a oposição de dois gêneros - masculino e feminino - aparece na marcação parcialmente cindida do gênero.
- C.** Nas línguas Aruák que, sincronicamente, não possuem a oposição de gênero, há evidência de que este último foi perdido; em algumas línguas, e.g. amuesha, conservam-se os traços da antiga oposição de dois gêneros.

Assim, terêna (Aruák do Sul) transformou a oposição de gênero em uma oposição animado/inanimado. A oposição de dois gêneros conserva-se, nas nominalizações e na derivação nominal, na grande maioria das línguas que perderam ou estão perdendo a oposição obrigatória de dois gêneros. Esse é o caso do amuesha, pareci, bahwana, kawishana, baré. Nesta última língua, a perda gradual de gênero deve-se aos processos de morte da língua.

Os argumentos a seguir corroboram a existência da categoria de gênero como uma categoria independente da classificação nominal (v. abaixo, sobre a possibilidade de se integrar as oposições maculino-feminino, animado/inanimado, no sistema de classificação nominal, caso ele exista).

Os sistemas com a marcação cindida de gênero - quando a marcação de gênero somente é obrigatória para um certo tipo de construções sintáticas e constituintes, entre as quais encontram-se marcadores de referência verbal cruzada, pronomes pessoais e demonstrativos - mostram uma certa independência entre o gênero e outras categorias de substantivos nas línguas Aruák. Nas línguas que apresentam a marcação cindida de gênero, o gênero e a classe nominal encontram-se em relação de distribuição complementar, dependendo do tipo de locução e/ou modificador (como em warekena do Xié e outras línguas Aruák com estas características).

Os sistemas com a marcação de gênero parcialmente cindida, ou seja, nos quais a oposição de gênero está parcialmente integrada no sistema de marcação de classificação nominal, mostram uma ligação que existe entre o gênero

(oposição: masculino/feminino) e os demais tipos de classificação nominal, como integrantes de um sistema completo de subcategorização na língua. Contudo, nas línguas que apresentam estas características, ainda existe uma "cisão", ou uma distribuição complementar entre gênero e demais meios de subcategorização, já que o gênero, como categoria gramatical, continua obrigatório nos marcadores de referência verbal cruzada, pronomes pessoais (tariana) e demonstrativos (palikur, baniwa do Içana etc).

D. Algumas línguas permitem uma marcação simultânea (isto é, dentro de uma palavra gramatical) do gênero e classe nominal, o que apresenta mais uma evidência em favor da independência de gênero (achagua, campá).

E. Existem línguas Aruák que possuem a categoria gramatical de gênero, sem ter sistema de classificação nominal. Esse é o caso das línguas do subgrupo Ta-Aruák (Aruák do Norte) lokono, garífuna, guajiro, parauhano; subgrupo piro-apuriña das línguas pré-andinas, wapishana e baré. Observa-se, porém, que pelo menos em algumas dessas línguas existem afixos de caráter derivacional provenientes dos mesmos morfemas que deram origem aos classificadores e marcadores de classe nominal em outras línguas Aruák.

Existem, também, línguas Aruák que têm classificadores e classes nominais, sem a oposição de gênero no plano da sincronia, como é o caso do terêna, amuesha, bahwana, pareci. Contudo, é evidente que estas línguas perderam a oposição de gênero, já que apresentam vestígios do gênero nas derivações nominais e nominalizações.

Essas colocações corroboram a nossa hipótese inicial, de acordo com a qual o gênero, com a oposição de dois gêneros prototípicos - masculino e feminino - sendo o último o termo não-marcado, teria origem proto-Aruák.

Os seguintes morfemas-marcadores de gênero podem ser reconstruídos para o proto-Aruák. Eles podem ser usados tanto como prefixos, quanto como sufixos (por exemplo, quando marcadores de referência verbal cruzada: v. §4.0 acima).

1. masc **ʃi*, fem **thu* (Payne 1991:376) (ou fem **ʃu*, de acordo com nossa proposta de reconstrução de fricativas e oclusivas em proto-Aruák; v. Aikhenvald no prelo a);
2. masc **i/∅*, fem **u/w*.

Os morfemas-marcadores de gênero, além da função de marcadores de concordância, podem exercer a função derivacional.

A classificação nominal apresenta-se como uma característica comum à grande maioria das línguas Aruák. Porém os sistemas, nas diferentes línguas Aruák, são variados, o que dificulta uma reconstrução sistemática dos morfemas classificadores na protolíngua.

Uma série de línguas Aruák do Norte apresentam apenas classificadores numerais, como é o caso do achagua, yukuna, bahwana e warekena do rio Xié. Outras línguas apresentam apenas classes de concordância e classificadores com a incorporação verbal, como é o caso do terêna, yawalapiti. Algumas línguas usam o mesmo conjunto de morfemas-classificadores como classificadores numerais, de concordância e de incorporação verbal, como é o caso do campá, amuesha, resigaró. A possibilidade de se usar um conjunto diferente de morfemas classificadores empregados nas distintas construções sintáticas, a saber: numerais, de concordância e de incorporação verbal, aparece em algumas línguas Aruák do Norte. Um conjunto de morfemas pouco distinto usa-se para classificadores numerais e de incorporação verbal, de um lado, e para classificadores de concordância, do outro, em baniwa do Içana. Esses morfemas são mais diferentes ainda, e apresentam uma organização semântica distinta, em tariana. O palikur possui sistemas totalmente diferentes de ponto de vista da forma e da semântica para classificadores numerais, de concordância, intralocativos e de incorporação verbal.

Categorialmente os classificadores são sufixos na maioria das línguas Aruák, de acordo com o caráter predominantemente sufixal destas línguas.

Essa distribuição de tipos de classificadores nas línguas Aruák indica que, apesar do caráter Aruák comum dos sistemas de classificação nominal e de classificadores como tal, o uso de classificadores em construções sintáticas diferentes poderia ter surgido em momentos diferentes em cada subgrupo Aruák.

Essa circunstância dificulta a reconstrução do conjunto de classificadores para o proto-Aruák. Por outro lado, uma tentativa destas se torna desnecessária, uma vez que partimos do pressuposto de que cada sistema concreto de classificadores foi elaborado apenas no nível de subgrupos das línguas Aruák, e não na protolíngua.

Quanto a sua semântica, classificadores e classes nominais nas línguas Aruák seguem os princípios universais. Destacam-se as oposições semânticas de animado/inanimado, com a possível inclusão da oposição de dois gêneros - feminino e masculino (v. acima, sobre a marcação cindida de gênero); forma (redondo, alongado etc), estrutura (líquido, contendo partículas etc), quantia (par; contável vs não-contável). As línguas normalmente possuem um número

bastante elevado de classificadores específicos, que se referem a objetos importantes em cada cultura, como cestas, canoas, casas, às vezes, partes de corpo etc. Algumas línguas têm uma classe “geral”, ou do “resto”.

Praticamente em todas as línguas Aruák com classificadores, estes últimos possuem uma dupla função - tanto flexional quanto derivacional. Mostrou-se acima (cf. especialmente §4.6.6, sobre warekena do rio Xié, e §4.6.7, sobre baré) que o uso derivacional dos morfemas-classificadores e até itens lexicais que correspondem aos classificadores em outras línguas Aruák são um traço comum, que se encontra mesmo nas línguas sem a classificação nominal, no plano sincrônico, ou no uso restrito dos classificadores.

Também, os classificadores desempenham papel anafórico e dêitico no discurso.

Os classificadores, por sua vez, “coincidem” com afixos derivacionais. Por outro lado, especialmente os das classes “específicas”, que incluem as classes de objetos culturalmente importantes (Craig 1986b), provém dos itens lexicais “incorporados”. A técnica de “incorporação” de classificadores, parecida com o fenômeno de “repetição” de classificadores no item, com o qual ocorre a concordância, é comum nas línguas Aruák.

Essas colocações corroboram a hipótese segundo a qual a classificação nominal, assim como a incorporação são um traço do proto-Aruák. Apresentaremos um esquema hipotético da gênese dos classificadores em proto-Aruák, com exemplos, em §5.2.

5.1.1 - As características geográficas da distribuição de classificação nominal e de gênero nas línguas Aruák

Podemos fazer as seguintes conclusões quanto à distribuição geográfica dos classificadores nos subgrupos da família lingüística Aruák.

A existência de classificadores de distintos tipos aparece como um traço comum às línguas Aruák do Sul (terêna, bauré, ignaciano) e pareci-xingu (pareci, waurá-mehinaku, yawalapiti). Nota-se que nestes casos, a existência dos classificadores dificilmente pode ser considerada como um traço devido a uma difusão geográfica deste padrão gramatical, uma vez que a localização geográfica destas línguas está fora do “foco” (cf. termo proposto por Nichols 1992: “hotbed”) da difusão dos padrões de classificação nominal da Amazônia.

A existência dos classificadores nominais nas línguas pré-andinas do Peru - complexo lingüístico campa, assim como outras línguas Aruák peruanas -

resígaro e amuesha - pode ser considerada como uma característica geográfica, já que esta região é conhecida por sua concentração de línguas com classificação nominal e classificadores (v. Derbyshire & Payne 1990). As línguas da região, mesmo que não sejam linguisticamente aparentadas (como é o caso das línguas harakmbet, yágua, Aruák), apresentam uma série de características tipológicas em comum nos sistemas de classificação nominal. Nossa hipótese, então, é que a presença de outras línguas com a classificação nominal, na região, "fortaleceu" o desenvolvimento convergente dos sistemas de classificação nominal das línguas Aruák.

Piro e apuriña, línguas pré-andinas, apresentam um outro caso: não têm classificação nominal, o que também pode ser devido aos padrões de difusão da região onde as línguas são faladas.

Das línguas Aruák do norte, as línguas Ta-Aruák (lokono, garífuna, *island carib*, guajiro, parauhano) não possuem classificação nominal, tendo apenas a oposição de dois gêneros.

A mesma característica revela-se para as seguintes línguas Aruák do Norte: wapishana, manao, baré, piapoko. Os traços de gênero, conservados principalmente em nominalizações, mostram que o gênero pode ser considerado uma característica das línguas do Médio Rio Negro.

A presença de sistemas bastante desenvolvidos de classificadores numerais, e de outros tipos de sistemas de classificação nominal, foi assinalada para o palikur - uma língua Aruák do Norte, falada na parte Leste do Norte (Brasil: v. mapa 1), assim como achagua e yukuna do subgrupo colombiano. A existência apenas de classificadores numerais foi atestada em warekena do Xié (subgrupo baniwa-yavitero) e bahwana (subgrupo Médio Rio Negro). As línguas Aruák do Içana e Uaupés (baniwa do Içana/kurripako e tariana) demonstram um riquíssimo sistema de classificação nominal e de classificadores.

Nota-se que as línguas Aruák da Colômbia, assim como as do Médio Rio Negro e baré encontram-se, basicamente, no ambiente da língua geral, sendo que, até os falantes das ditas línguas Aruák, são, no mínimo, bilíngues em língua geral. Neste caso, a "sobrevivência", ou existência da classificação nominal nestas línguas, não recebe "apoio" das línguas de contato e línguas vizinhas. Da mesma maneira, a ausência de classificação nominal em wapishana e o enfraquecimento da concordância em gênero, e até a perda do gênero, isto é, o único meio de subcategorização nominal, em mawayana, pode, até um certo ponto, ser devido aos contatos com as línguas carib, às quais aquelas outras línguas estão diretamente expostas.

No entanto, as línguas Aruák do Içana e Uaupés convivem no ambiente das línguas com sistemas variados de classificação nominal - como as línguas da família lingüística tukano. Dispomos dos dados sobre mudança de língua entre os baniwa do Içana, alguns dos quais passaram a adotar línguas tukano, como era, provavelmente, o caso dos desana (Nimuendajú 1955; Koch-Grünberg 1911). Alguns dos baniwa do Içana são bilíngues em línguas tukano. O polílinguismo, isto é o conhecimento de mais do que uma língua da família tukano, é obrigatório na região do rio Uaupés, sendo condicionado pelas características etno-culturais (Sorensen 1967, Rodrigues 1986). Podemos assinalar que os sistemas de classificação nominal em tukano (cf. um estudo em Brüzzi 1977) e tuyuca (Barnes 1990) (ambas da família lingüística tukano) apresentam, ao nosso ver, muitas características em comum, apesar da necessidade de se executar um estudo mais aprofundado dos sistemas em tukano e em outras línguas da família, sendo que, por enquanto, apenas para o tuyuca dispomos de uma análise lingüística profissional do sistema de classificação nominal (Barnes 1990).

Conseqüentemente, a existência de um sistema rico de classificação nominal na região do rio Içana e Uaupés pode ser considerada, além do mais, como um traço de difusão, ou característica geográfica desta área lingüística.

Note-se, ainda, que praticamente todas as línguas Aruák do Norte, mesmo as que não têm classificação nominal, possuem morfemas etimologicamente iguais aos que se usam como classificadores nas outras línguas, usados como afixos derivacionais e/ou itens lexicais independentes.

A distribuição de classificação nominal, bastante variável nas línguas Aruák de Norte, permite formular a seguinte hipótese quanto à existência deste traço morfológico em proto-Aruák de Norte. É provável, que o proto-Aruák do Norte, mesmo não tendo o sistema de classificação nominal bem elaborado, já usasse os morfemas correspondentes como afixos derivacionais. O próprio sistema de classificação nominal estava apenas num processo de elaboração, tendo ele se desenvolvido apenas nos agrupamentos separados. Evidentemente, a existência das áreas lingüísticas com outras línguas possuindo sistemas de classificação nominal servia para fortalecer o desenvolvimento dos sistemas de classificação nominal nas línguas Aruák e se dava, também, via difusão dos padrões de classificação nominal, como um traço geográfico. Isso deve ter acontecido, entre outras, na área lingüística Içana-Uaupés.

Entretanto, em alguns agrupamentos das línguas Aruák de Norte o sistema de classificação nominal, tipologicamente único, se desenvolveu sem nenhum "apoio" de línguas de contato, como foi o caso do palikur.

A mesma hipótese poderia ser válida para o proto-Aruák em geral. Nota-se que, em alguns agrupamentos, o sistema de classificação nominal é característico para a proto-língua. Isso deve ser o caso do proto-Aruák do Sul (terêna, bauré, ignaciano); proto-Xingu (waurá-mehinaku e yawalapiti: cf. Seki & Aikhenvald 1993) e provavelmente, proto-Xingu-pareci.

Há, no entanto, uma dificuldade de reconstruir um sistema de classificação nominal - tanto padrões tipológicos, quanto morfemas-classificadores - para o proto-Aruák, devido ao fato de que as línguas, mesmo próximas (cf. baniwa do Içana e tariana; yukuna e achagua) às vezes usam morfemas diferentes para o mesmo (ou parecido) agrupamento semântico, e que, também, os agrupamentos semânticos apresentam uma variedade bastante grande. Neste ponto, os sistemas de classificação nominal nas línguas Aruák diferem da oposição de gênero: como foi mostrado acima, a oposição gramatical de dois gêneros - masculino e feminino - tanto quanto os marcadores de ambos, facilmente podem ser reconstruídos para o proto-Aruák.

A nossa sugestão, então, é que os sistemas de classificação nominal apareceram e se gramaticalizam de um modo independente em cada proto-língua dos distintos agrupamentos, ou mesmo no nível dos distintos agrupamentos - como é o caso dos subgrupos do Aruák do Norte. Isso explica a diferença tanto em padrões tipológicos empregados, quanto em uso de morfemas e oposições semânticas distintas. O desenvolvimento de sistemas de classificação nominal, em cada caso, podia ter sofrido um "fortalecimento" ou "enfraquecimento" devido aos padrões de difusão linguística em cada região.

O grau de gramaticalização dos classificadores e sistemas de classificação nominal varia nas várias línguas e subgrupos Aruák, o que também pode servir de evidência do seu caráter relativamente recente como um padrão gramatical da língua.

No entanto, o fato de várias línguas da mesma família compartilharem a característica de terem sistemas de classificação nominal, herdados da proto-língua, ou elaborados posteriormente, junto com o fato de diferentes línguas Aruák empregarem alguns morfemas como afixos derivacionais, ou, originalmente, partes de palavras compostas, que depois, independentemente, transformaram-se em classificadores-marcadores de classes nominais, leva a sugerir que, pelo menos, o uso destes morfemas (cf. §5.2.) como partes dos nomes compostos e afixos derivacionais teria caráter proto-Aruák. A tendência comum para o proto-Aruák, gramaticalizada como tal de uma maneira independente nos diferentes dialetos do proto-Aruák, era de usar estes elementos como

marcadores de concordância, como “repetidores” (“repeaters”: Craig 1992) ou marcando concordância tipo “cópia”. Essa última transformava-se em concordância gramaticalizada tipo “registro” (Anderson 1992) no nível dos diferentes subgrupos de status taxonômico variado (isto é, tanto maiores e mais antigos, como proto-xingu, quanto menores e mais recentes como Içana-Uaupés). O processo de “repetição”, ou “cópia” para focalizar um constituinte, ou até indicar a concordância, podia ter existido no nível do proto-Aruák como um processo sintático, como em baniwa do Içana, e.g. ex.(206).

Do acima exposto fica evidente como um exemplo da análise dos padrões gramaticais nas línguas Aruák nos mostra uma interdependência e interação dos diferentes fatores atuando nos processos de desenvolvimento e mudança em uma família lingüística - a saber, genéticos, tipológicos e de difusão geográfica.

5.2 - ORIGEM DOS SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO NOMINAL E DA CONCORDÂNCIA EM PROTO-ARUÁK

De acordo com as conclusões acima (§5.1.2), o próprio sistema ou sistemas de classificação nominal não possui caráter proto-Aruák, sendo elaborado como sistema gramatical independentemente em cada agrupamento de línguas.

Contudo, diferentes línguas Aruák mostram que a origem dos sistemas de classificação nominal como uma tendência pode ser traçada ao nível da proto-língua.

Tariana, uma língua Aruák arcaica, fornece evidências únicas quanto a uma origem primordialmente sintática da classificação nominal e classificadores. Essa língua apresenta também uma distinção gramaticalizada entre os dois tipos de concordância: “cópia”, usado para marcar a concordância com um constituinte em foco, ou para preencher funções anafóricas e/ou dêiticas, e “registro”, usado nos demais casos. Os dois tipos de concordância ocorrem em distribuição complementar, dependendo das características semânticas do constituinte nominal. Esses dois tipos de concordância, segundo nossa hipótese, de fato refletiriam estágios diferentes na criação e desenvolvimento das classes nominais, no nível do proto-Aruák.

Foram apresentados acima, em §4.6.8.6, os dois cenários básicos do surgimento da classificação nominal em tariana: a partir (i) da gramaticalização do processo de “repetição”, ou “cópia” de elemento final, mono- ou dissilábico, do substantivo-núcleo ao modificador e (ii) do processo de “cópia”, ou

“repetição” e incorporação subsequente ao modificador do item substantival. Esses cenários podem ser estendidos para o proto-Aruák, com uma única ressalva.

Conforme mostrado acima, nem sempre é fácil distinguir entre morfemas derivacionais, classificadores (isto é marcadores “repetidos” de concordância usados, igualmente, para formação de novas entradas lexicais) e itens lexicais independentes (usados, por exemplo, na composição de itens lexicais - formação de palavras compostas), em línguas Aruák. Do ponto de vista de *status* teórico dos classificadores, foi demonstrada, acima, a possibilidade de cada item nas línguas Aruák, ou, melhor, especialmente no nível da proto-língua, preencher três funções prototípicas - flexional (isto é de concordância), derivação e nominação independente. Isso explica o número excessivamente grande, nas línguas Aruák, dos morfemas sistematicamente usados nessas três funções.

Esse procedimento é corroborado pelas restrições de caráter fonotático, ou morfofonotático, no nível do proto-Aruák.

Como mostramos anteriormente (v. Aikhenvald s.d.a), existem as seguintes restrições, quanto ao número de sílabas em morfemas proto-Aruák:

Tabela 29 - Número de sílabas em morfemas proto-Aruák

tipo de morfema	número de sílabas
raiz lexical	1 - 2
afixo	1 (raramente duas)

Nota-se que as raízes que contêm mais que duas sílabas, ou são morfologicamente compostas, ou são empréstimos. Os afixos de mais que uma sílaba são, normalmente, ou compostos fossilizados, ou raízes gramaticalizadas nas funções derivacional vs flexional.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos de classificadores vs itens lexicais em proto-Aruák.

Classificador: *-*ph i* “objetos alongados, finos”

AM	- p y
CHA	- p i
PAR	- h i
WAU	- p i
BAU	- p i
TER	- h i “fio”
BIç	- p i
TAR	- p i
BHW	- i
GUAR	- p i “mato”
WX	- p i “afixo derivacional: objetos alongados”
MND	- h i (cf. <i>numa-hi</i> “labio”: <i>numa</i> “boca”, <i>-hi</i> “afixo derivacional”)
KWS	- p i (<i>nawe-pi</i> “pescoço”)

Cf. *-*ph i* “pescoço”: (Payne 1991:414)

Classificador *-*(a)p u* “caminho; espaço limitado”

BIç	- (a)p u
GUAR	-p u (afixo derivacional)
WX	-p u (afixo derivacional)
BHW	-u a (afixo derivacional)
BR	- b u (afixo derivacional)
GUINAU	-b o (afixo derivacional)

Cf. *-*a p u* “caminho”: (Payne 1991:415)

Classificador *-*p a n a* “folha; objetos foliformes”

BIç	- p a n a
WAU	- p a n a
YAW	- p a n a
BR	- b a n a (afixo derivacional)
WX	- p a n a (afixo derivacional)

Cf. *-*p a n a* “folha”: (Payne 1991:410)

Classificador * - *ph e* “objetos finos, de espessura fina”

Blç - *ph e*

TAR - *ph e*

WX - *p e*

MND - *p i*

BR - *b e* (afixo derivacional)

BHW - *b i*

Cf. **ph a/e* “poeira, cinza”: (Payne 1991:401)

Outros exemplos são:

PAR. **pholi* “coxa”: WX -*pa-ja* “afixo derivacional de partes de corpo”

PAR. **itika* “fezes”: Blç -*(i)sa* “fezes” (item lexical, classificador)

PAR. **pana* “casa”: Blç -*da-pana*, Tar -*da-pana* “classificador de casas”

PAR. **aki* “semente”: Blç -*ji* “semente (item lexical), classificador de objetos com partículas pequenas”

PAR. **mina* “pesado”: BHW -*mina* “classificador de objetos volumosos”,

WX -*mina* “classificador de objetos”

PAR. **dewi* “flor”: Blç -*hiwi* “classificador de objetos pontudos”, *iwi* “flor”

PAR. **khiba* “pedra”: Blç -*hipa-da* “quantificador: pedaço”.

PAR. *(*a*)*maka* “rede” (p.ex., tariana *amaka* “rede”): Blç, tariana -*maka* “classificador dos objetos estendidos”.

Nota-se que o elemento de origem dêitica **a-* é usado para “acrescentar” uma sílaba aos itens usados como itens lexicais independentes, à diferença de morfemas-classificadores (como em exemplos proto-Aruák **a-pi*, **a-pu*, **a-ki*, **a-maka* acima).

Como um grande número dos morfemas derivacionais e classificadores nas línguas Aruák coincide com os itens lexicais independentes, os dois tipos de cenários de desenvolvimento dos sistemas de classificação nominal nas línguas Aruák, como um processo de origem sintática podem ser considerados como dois lados de um só do processo de gramaticalização gradual da concordância tipo cópia de representantes de um continuum - dos itens lexicais independentes a marcadores de concordância fixos. Os processos morfológicos

que ocorreram envolvem, sem dúvida, os processos de incorporação e passagem da incorporação a derivação de vários itens. Outro processo que necessariamente deve ter ocorrido, principalmente na passagem dos classificadores a marcadores de concordância, isto é, classificação nominal, assim como na passagem dos itens lexicais repetidos sintaticamente aos marcadores de concordância propriamente ditos - morfemas “presos”, ou semi-presos, é o processo de cliticização dos morfemas correspondentes e transformação dos itens lexicais em clíticos e, depois, em afixos. Esse tipo de processo é conhecido na história de várias línguas; v. Anderson (1992), Payne (1990); com a referência específica ao desenvolvimento de um sistema de classificação nominal de concordância a partir de classificadores v. Noonan (1993).

Essa explicação da gênese das classes nominais e classificadores nas línguas Aruák permite dar conta do fato da existência de línguas com número de classificadores e classes de concordância bastante elevado, (como é o caso do terêna, bem como o de línguas das outras famílias lingüísticas), e de transformação de processos sintáticos em processos morfológicos no decorrer da história de uma família lingüística, cf. tratamento da incorporação como “um processo mais sintático de todos os processos morfológicos” em Mithun (1986), Anderson (1992).

AGRADECIMENTOS

A R.M.W.Dixon, Aryon Dall’Igna Rodrigues, Lucy Seki, Rute Amorim, Cândida Barros e Christiane Cunha de Oliveira pelas discussões e incentivo.

Aos meus professores das línguas Aruák do Alto Rio Negro - Humberto Baltazar e Pedro Angelo Tomas (Warekena do rio Xié), Graciliano, Juvino, José e Cândido Brito (Tariana), Candelário da Silva (Baré), Marcília Fontes Rodrigues e Alfonso Fontes (Baniwa do Içana, Hohôdene), Celestino Benjamim da Silva (Baniwa do Içana, Siuci), Januário Paiva (Baniwa do Içana, Dzawi-nai).

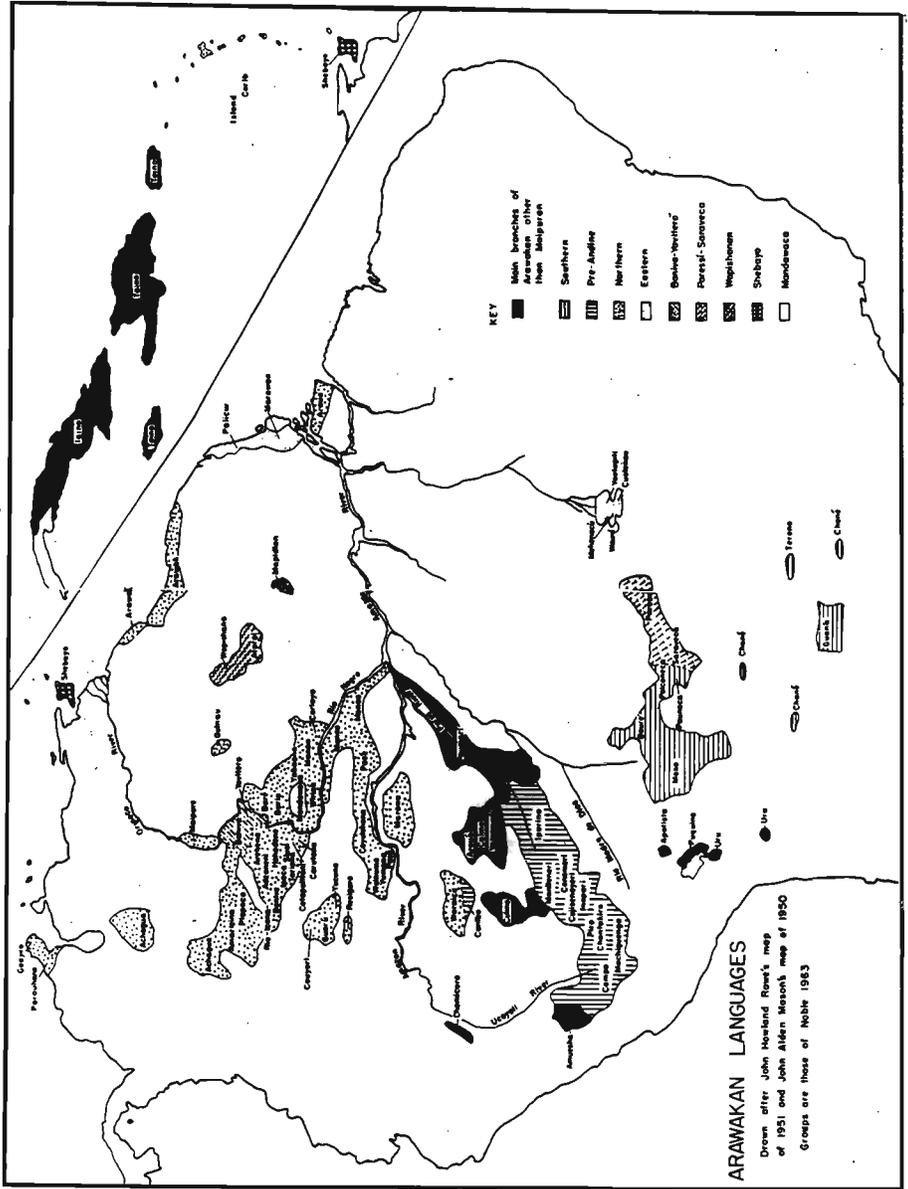
A José Alvarez, Charlotte Emmerich, Mary R.Key, Henri Ramirez, Helga Weiss, Mary Ruth Wise, Lilia Guimarães Weldon e Instituto Lingüístico de Verano (Colômbia), pela ajuda na procura do material bibliográfico.

Aos meus pais e amigos, pelo apoio e confiança.

LISTA DE ABREVIATURAS

1 - primeira pessoa	EDIF - edifício	NOM - nominalizador
2 - segunda pessoa	ENF - ênfase	NPOSS - não-possuído
3- terceira pessoa	EP - epentético	OBJ - objeto
ADJ - adjetivo	ESP - espaço	PAr. - Proto-Aruák
ADV - advérbio	ESP LIM - espaço limitado	PAR - pareci
AFF - afixo	FEM - feminino	PART - partícula
ALONG - alongado	FIN - finalidade	PAS - tempo passado
AM - amuesa	FLEX - flexível	PASS - passivo
AN - animado	FOL - foliforme	PERF - perfectivo
APL - aplicativo	FUT - futuro	PESS - pessoa
ART - artigo	GER - gerúndio	PL - plural
ASP - aspecto	GUAR - guarequena	PONT - pontiagudo
ATR - atributivo	HOR - horizontal	POSS - possuído
AUG - aumentativo	IMP - impessoal	PRES - presente
BAU - bauré	IMPF - imperfeito	PROGR - progressivo
BHW - bahwana	INAN - inanimado	QUANT - quantificador
BIç - baniwa do Içana	IND - indefinido	RECIP - recíproco
BR- baré	INSTR - instrumento	REFL - reflexivo
cap. - capítulo	INTR - intransitivo	REL - relativizador
CAUS - causativo	INT - interrogativo	SG - singular
CHA - chamicuro	KWS - kawishana	SUPERF - superficial
CL - classe	LIN - linear	TAR - tariana
COLL - coletivo	LIQ - líquido	TER - terêna
COM - comitativo	LOC - locativo	VB - verbalizador
CURV - curvilíneo	MAM - mamífero	VERT - vertical
DECL - declarativo	MASC - masculino	WAU - waurá
DEM - demonstrativo	MND - mandawaka	WX - warekena do Xié
DERIV - derivacional	NAT - fenômenos naturais	YAW - yawalapiti.
DIM - diminutivo	NEG - negação	
DIR - direcional	NFEM - não-feminino	

Mapa 1 - Distribuição geográfica das línguas Aruák (Key, 1979)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, L. & LECLERC. 1880. *Arte de la lengua de los indios Baurés de la Provincia de los Mojos*. Paris.
- ADAM, L. 1890a. Trois familles linguistiques des bassins de l'Amazonie et de l'Orénoque. *Congres International des Américanistes. Annales*: 489-97.
- ADAM, L. 1890b. *Arte de la lengua de los indios Antis o Campas*. Paris. (Bibliothèque Linguistique Américaine, 13).
- ADELAAR, W. 1992. Endangered languages of South America. In: ROBINS, R. & UHLENBECK, E. (eds). *Endangered Languages*. Mouton, p. 45-92.
- AIKHNEVALD, A.Y. 1984. *A Structural and Typological Classification of Berber Languages*. Moscow, Institute of Oriental Studies. Tese de doutorado.
- AIKHNEVALD, A.Y. 1990. *Modern Hebrew*. Moscow, Nauka.
- AIKHNEVALD, A.Y. & ANGENOT, J.P. 1991. Split ergativity in Arawak. *Congresso Internacional de Americanistas*, 47. New Orleans.
- AIKHNEVALD, A.Y. & MILITAREV A.Y. 1991. Berber-Lybic Languages (Berbero-livijskie yazyki). In: *Languages of Asia and Africa* (Yazyki Azii i Afriki), v.4b. Moscow, Nauka, p. 148-267.
- AIKHNEVALD, A.Y. & AMORIM, R.M.C. 1992. Mudança de código lingüístico na migração de Warekena. *Lume*. Florianópolis, UDESC, p. 1-10.
- AIKHNEVALD, A.Y. & AMORIM, R.M.C. 1994. Warekena in Brazil. *Congresso Internacional de Americanistas*. 48. Paper. Estocolmo.
- AIKHNEVALD, A.Y. & VEGINI, V. 1992. Análise lexico-estatística das línguas Arawak do Sul. *Seminário do GEL. Estudos lingüísticos*, 21. Anais. Jaú. 2:61-69.
- AIKHNEVALD, A.Y. 1994a. Classifiers in Tariana. *Anthrop. Linguistics*, 4(36): 405-465.
- AIKHNEVALD, A.Y. 1994b. Grammatical relations in Tariana. *Nord. J. Linguistics*, 17(2): 201-218.
- AIKHNEVALD, A.Y. 1995a. *Bare Lincom Europa 100*. Munich. no prelo.
- AIKHNEVALD, A.Y. 1995b. Person-marking and discourse in North-Arawak languages. *Studia Linguistica*, 42(2):152-195.
- AIKHNEVALD, A.Y. (s.d.a). Words, phrases and boundaries: evidence from South American Indian languages. *Stud. Language*. no prelo.
- AIKHNEVALD, A.Y. (s.d.b). Classifiers in Baniwa. *Linguistic Journal*. Moscow. no prelo.
- AIKHNEVALD, A.Y. (S.D.C.). *Topic-advancing voice in Baniwa of Içana and Tariana*. manuscrito.

- ALLAN, K. 1977. Classifiers. *Language* 53:284-310.
- ALLIN, T. 1976a. *A Grammar of Resígaro*. University of St Andrews. Tese de doutorado.
- ALLIN, T. 1976b. The numeral hierarchy in Resígaro. Center for Latin American Linguistic Studies. University of St. Andrews, 1. *Working Papers* 7:1-13.
- ALVAREZ, J.R. 1990. La oposición analítica/sintética en la conjugación Guajira. *ALFAL*. paper. Campinas.
- ANDERSON, S.R. 1985. Inflectional Morphology. In: Shopen, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*. v.3. Cambridge University Press, p. 150-201.
- ANDERSON, S. R. 1992. *A-Morphous Morphology*. Cambridge University Press.
- ANDERSON, R. 1991. Perceived Campa Dialect Differences. Congresso de Americanistas, 47. paper. New Orleans.
- BAPTISTA P. & WALLIN, R. 1967. Bauré. In: Matteson, E. (ed.). *Bolivian Indian Grammars 1*. Oklahoma, SIL, p. 27-84.
- BARNES, J. 1990. Classifiers in Tuyuca. In: Payne, D.L. (ed.). *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Indian Languages*. Austin, University of Texas Press, p.273-292.
- BRINTON, D.G. 1971. The Arawak language of Guiana in its linguistic and ethnological relations. *Trans. Am. Phil. Soc.* Philadelphia, 14(4):427-444.
- BRINTON, D.G. 1891. *The American Race; a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South America*. New York.
- BRINTON, D.G. 1892. Studies in South American Native Languages. *Proc. Am. Phil. Soc.*, 30: 45-105. Philadelphia.
- BRÜZZI, A.S. 1977. *A civilização indígena do Uaupés*. Las-Roma.
- CAPTAIN, D. 1991. Proto-Lokono-Guajiro (Arawakan). Congresso de Americanistas, 47. paper. New Orleans.
- CHAFFANJON, J. 1889 *L'Orénoque et le Caúra: relation de voyages exécutés en 1886 et 1887*. Paris, Librairie Hachette e Cie.
- CHAMBERLAIN, A.F. 1913. Nomenclature and distribution of the principal tribes and sub-tribes of the Arawakan linguistic stock of South America. *J. Soc. Am.* Paris, 10:473-95.
- CHAPMAN, S. & D. DERBYSHIRE. 1991. Paumari. In: Derbyshire, D.C. & Pullum, G.K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. v.3. Berlin, Mouton-de Gruyter. p. 161-354.
- COLLINS, I.V. 1962. *Meinaco*. Rio de Janeiro, Museu Nacional. manuscrito.
- CORBETT, G. 1991. *Gender*. Cambridge University Press.

- CRAIG, C. (ed.). 1986a. *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company. Typological Studies in Language, 7.
- CRAIG, C. 1986b. Jacalteco noun classifiers: a study in language and culture. In: Craig, C. (ed.) *Noun Classes and Categorization*. p. 263-294.
- CRAIG, C. 1990. Chibchan nominal classification. American Anthropological Association. paper.
- CRAIG, C. 1992. Classifiers in a functional perspective. In: Fortescue, M. et al. (ed.). *Layered structure and reference in a functional perspective*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, p. 277-301.
- CRÉQUI-MONTFORT, G. & RIVET, P. 1913a. Linguistique bolivienne. La langue Lapaccu ou Apolista. *Z. Ethnol.*, 45:512-531.
- CRÉQUI-MONTFORT, G. & RIVET, P. 1913b. Linguistique bolivienne. La langue Saraveka. *Z. Ethnol.*, 10: 497-540.
- CRÉVAUX, J.; SAGOT, P. & ADAM, L. 1882. *Grammaires et vocabulaires roucouyenne, arrouaque, piapoco, et d'autres langues de la région des Guyanes*. Paris, (Bibliothèque Linguistique Américaine, 8).
- CROFT, W. 1990. *Typology and Universals*, Cambridge University Press.
- DELANCEY, S. 1986. Towards a history of Thai classifier system. In: Craig, C. (ed.). *Noun Classes and Categorization*, p. 437-452.
- DEMUTH, K; FARACLAS, N. & MARCHESE, L. 1986. NIGER-CONGO NOUN CLASS AND AGREEMENT SYSTEMS IN LANGUAGE ACQUISITION AND HISTORICAL CHANGE. IN: CRAIG, C. (ED.), P. 453-471.
- DENNY, P. 1976. What are Noun Classifiers good for? *Linguistic Society*. Chicago, 12:122-132.
- DENNY, P. & CREIDER, C.A. 1986. Semantics of noun classes in Proto-Bantu. In: Craig, C. (ed.), p. 217-40.
- DERBYSHIRE, D.C. 1986. Comparative survey of morphology and syntax in Brazilian Arawakan. In: Derbyshire, D.C. & Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. v.1. Berlin, Mouton-de Gruyter, p.469-566.
- DERBYSHIRE, D.C. & PAYNE, D.L. 1990. Noun classification systems of Amazonian languages. In: Payne, D.L. (ed.). *Amazonian Linguistics*, p. 243-272.
- DIAKONOFF, I.M. 1989. *Afrasian Languages*. Moscow. Nauka.
- DIXON, R.M.W. 1972. *The Dyirbal Language of North Queensland*. Cambridge University Press
- DIXON, R.M.W. 1979. Ergativity. *Language* 55:59-138.

- DIXON, R.M.W. 1982. *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. Mouton.
- DIXON, R.M.W. 1986. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: Craig, C. (ed), p. 105-112.
- DIXON, R.M.W. 1994. *Ergativity*. Cambridge University Press.
- DORIAN, N. 1978. The fate of morphological complexity in language death. *Language* 54:590-609.
- DORIAN, N. (ed.). 1989. *Investigating obsolescence. Studies in language contraction and death*. Cambridge University Press.
- EKDAHL, N. & BUTLER, N. 1979. *Aprenda Terêna*. v.1. Brasília. SIL.
- EHRENREICH, P. 1897. Materialien zur Spracherkunde Brasiliens: Vokabuläre von Purus-Stämmen. *Z. Ethnol.*, 24:59-71.
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA (1984). *South American Indian languages* I, 17:105-112.
- FACUNDES, S. (s.d.). *Split case-marking in Apuriña*.
- FARABEE, W.C. 1918. *Central Arawaks*. University of Pennsylvania.
- FOLEY, W.A. 1986. *The Papuan languages of New Guinea*. Cambridge. Cambridge University Press.
- GAMA MALCHER, J. 1962. *Índios*. Rio de Janeiro.
- GIACONE, P.A. 1962. *Pequena Gramática e Dicionário da língua Taliaseri, ou Tariana*. Salvador, Escola Tipográfica Salesiana.
- GILIJ, F.S. 1782. *Saggi di storia americana*. v.1-4. Roma.
- GOEJE, C.H. 1928. *The Arawak Language of Guiana*. Amsterdam.
- GOEJE, C.H. 1948. La langue Manao. Congrès des Américanistes, 28. Actes. Paris, p. 157-172.
- GONÇALVES, C.H.R.C. 1987. *Concordância em Mundurucu*. Campinas, Editora da Unicamp.
- GONZALEZ ÑAÑEZ, O. 1970. Lengua y cultura del grupo Guarequena (familia Arahua) del territorio Federal Amazonas. *Econ. Cienci. Soc., Universidad Central de Venezuela*. 12:111-118.
- GONZALEZ ÑAÑEZ, O. 1985. Los numerales en un dialecto curripaco. *Boletín de Lingüística*, 5: 5-28.
- GONZALEZ ÑAÑEZ, O. 1990. *El orden de palabras en Guarequena (Arawak) y las funciones sintácticas*". manuscrito.
- GRASSERIE, R. 1892. *Esquisse d'une grammaire e d'un vocabulaire Baniva*. Congrès Internacional des américanistes, 8. Paris: 616-641.

- GREEN, D. & GREEN, H. 1972. *Surface Grammar of Palikur*. Brasília, SIL.
- GREENBERG, J.H. 1960. The general classification of Central and South American languages. In: Wallace, A. (ed.). *Men and Cultures*. International Congress of Anthropological Sciences, 5. University of Pennsylvania Press: 791-794.
- GREENBERG, J.H. 1963. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: Greenberg, J.H. (ed.). *Universals of Language*. MIT Press: 73-113.
- GREENBERG, J.H. 1987. *Language in the Americas*. Stanford University Press.
- GRIMES, B. (ed). 1988. *Languages of the World: Ethnologue*. 11 ed. Dallas, SIL.
- HANKE, W. 1960. Die Sprache der Kaishana am Lago Mapari. *Z.Ethnol.*, 85: 54-81.
- HOCK, H.H. 1991. *Principles of Historical Linguistics*. Mouton-de Gruyter.
- HOFF, B.J. 1955. The languages of the Indians of Surinam and the comparative study of the Carib and Arawak languages. *Bijdragen tot de taal-, land- en volkenkund*. Deel 111: 324-355.
- HOWARD, C. 1986. *Mawayana: formulário dos vocabulários padrões do Museu Nacional*. Manuscrito.
- HUBER, R.Q. & REED R.B. 1992. *Vocabulario Comparativo. Palabras selectas de lenguas indígenas de Colombia*. Bogotá, SIL.
- HURD, C. 1977. Nasioi projectives. *Oceanic Linguist.*, 16: 111-78.
- JAKOBSON, R.O. 1978. Os estudos tipológicos e sua contribuição para a lingüística histórico-comparativa. v.2. *Fonema e Fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro, p. 87-99.
- JACKSON, E. 1966. *Waurá: formulário dos vocabulários padrões do Museu Nacional*. SIL.
- JACKSON, E. & RICHARDS, J. 1966. Waurá tentative phonemic statement. *Arquivos lingüísticos do SIL*. Brasília, 104p.
- JOYCE, M.L. 1951. Caderno da doutrina pella lingoa dos Manaos. *Bol. USP*, 136: 1-98.
- KAUFMAN, T. 1989. *South American Indian languages and their genetic groupings*. Berkeley, SAILDP.
- KAUFMAN, T. 1990. Language history in South America: what we know and how to know more. In: Payne, D. (ed.) a p.13-74.
- KEY, M.R. 1979. *The Grouping of South American Indian languages*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.
- KIBRIK, A.E. 1977. *Methods in Field Linguistics*, Mouton
- KIBRIK, A.E. 1990. As linguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral. *Cad. estud. lingüíst.*, 18:15-36.
- KLUMPP, J. & BURGUEST, D.A. 1983. La clausula relativa del Piapoco. *Artículos en lingüística y campos afines*, 7, p. 43-73.

- KLUMPP, J.; KLUMPP, D. & LEVINSOHN, S. 1983. Continuidad en la situación y anti-tópico en la narrativa Piapoco. Lomalinda. *Artículos en Lingüística y Campos Afines*, 12, p. 3-32.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1906. Die Indianer-Stämme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprachliche Zugehörigkeit. *Z. Ethnol.*, 38: 167-205.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1909/10. *Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nordwest-Brasilien. 1903-1905*. 2 v. Berlin.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1911. Aruak-sprachen Nordwestbrasilien und der angrenzenden Gebiete. *Mitt. Wiener anthrop. Ges.*: 33-153, 203-282.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1913. Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, mit besonderer Berücksichtigung der von mir besuchten Indianer-stämme. *Z. Ethnol.*, 45:448-74.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1922. Die Völkergruppierung Rio Branco, Orinoco, Rio Negro und Yapura. *Festschrift Eduard Seler*: 205-66. Stuttgart.
- KOCH-GRÜNBERG, T. 1928. *Von Roroima zum Orinoco*. Stuttgart. v.1-4.
- LAKOFF, G. 1986. Classifiers as a reflection of mind. In: Craig, C. (ed.), p. 13-52.
- LÓPEZ SANZ, R. 1972. *El Bare: estudio lingüístico*. Caracas.
- LOUKOTKA, C. 1935. Clasificación de las lenguas Sudamericanas. Prague (*Lingüística Sudamericana*, 1).
- LOUKOTKA, C. 1942. Klassifikation der Sudamerikanischen Sprachen. *Z. Ethnol.*, 74:1-69.
- LOUKOTKA, C. 1968. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles, University of California.
- MALONE, T. 1991. Chimila: Chibchan, Chocoan, Carib, Arawakan? Congreso Internacional de Americanistas, 47. paper. New Orleans.
- MARTIUS, VON C.F. 1867. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Americas, zumal Brasiliens*. 2v., Stuttgart.
- MASON, J.A. 1950. The languages of South American Indians. *Handb. South Am. Indians*, 6:157-317.
- MATOSO CÂMARA, J.J. 1977. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, Livro Técnico.
- MATTENSON, E. 1965. *THE PIRO (ARAWAKAN) LANGUAGE*. BERKELEY.
- MATTESON, E. 1972. Proto-Arawakan. In: Matteson, E. et al. (ed.). *Comparative studies in Amerindian Languages*. Paris, Mouton, p.160-242.
- MEDEIROS, M.C. I. 1990. Formação do possessivo em Mehinacu. *ALFAL*. paper. Campinas.
- MELENDEZ, M.A. 1989. El nominal en Achagua. *Lenguas aborígenas de Colombia. Descripciones*, 4. Bogotá, Universidad de los Andes, p. 3-35.

- MELO, A. 1942. *Esboço gramatical do idioma Pareci*. São Paulo.
- MIGLIAZZA, E. 1985. Languages of the Orinoco-Amazon region: current status. In: Klein, H.M. & Stark, L. (eds.). *South American Indian Languages: retrospect and prospect*. Austin, University of Texas Press, p. 17-139..
- MITHUN, M. 1984. The evolution of noun incorporation. *Language*, 60:847-94.
- MITHUN, M. 1986. The Convergence of Noun Classification systems. In: Craig, C. (ed.), p. 379-398.
- MONTAÑO, A. 1987. *Guia etnográfico lingüístico de Bolivia. Tribus de la selva*. v.1. La Paz, Don Bosco.
- MOSONYI, E. 1968. Introducción al analisis intraestructural del idioma Baniva. *Econ. y cienc. soc.*, 10(3): 65-70.
- MOSONYI, E. 1988. Alguns problemas de la classificacion de las lenguas Arawak. *Not. cult.* Bogotá, 34:20-2.
- MOSONYI, J. 1987. *El idioma Yavitero: ensayo de gramática y dicionário*. Universidad Central de Venezuela. Tese de doutorado.
- MUJICA, M.I.O. 1992. *Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)*. Campinas, Unicamp. Tese de mestrado.
- NICHOLS, J. 1992. *Linguistic diversity in space and time*. Chicago, University Press.
- NIMUENDAJÚ, C. 1955. Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupes, março a julho de 1927. Apontamentos lingüísticos, 2 parte. *J. Soc. Am.* Paris, 44:149-178.
- NIMUENDAJÚ, C. 1982. *Textos indigenistas*. São Paulo, Loyola.
- NOBLE, G.K. 1965. Proto-Arawakan and its descendants. *Int. J. Am. Lang.*, 31(3): 2.
- NOONAN, M. 1993. A preliminary survey of the noun class system of Kabre. *Milwaukee Stud. Lang.* 7: 132-142.
- OLIVER, J.R. 1989. *The Archaeological, Linguistics and Ethnohistorical Evidence for the expansion of Arawakan into Northwestern Venezuela and Northeastern Colombia*. University of Illinois at Urbana-Champaign. Tese de doutorado.
- OLZA ZUBIRI, J. & JUSAYÚ, M.A. 1986. *Gramática de la lengua Guajira*. San Cristobal.
- OTT, W. & OTT, R. 1965. Ignaciano. *Gramaticas estructurales de lengua Bolivianas*, v.3., p. 99-180. Beni, SIL.
- OTT, W. & OTT, R. 1983. *Diccionario ignaciano y castellano com apuntes gramaticales*. Cochabamba, SIL.
- PARKER, S. 1991. The sonority grid in Chamicuro phonology. Congresso Internacional de Americanistas, 47. paper. New Orleans.
- PARKER, S. 1991. Estudios sobre la fonología del Chamicuro. Lima, SIL (*Serie lingüística peruana*, 30).

- PATTE, M.F. 1989. *Estudio descriptivo de la lengua Añun (Parauhano)*. San Cristobal.
- PAYNE, D.L. 1978. *Phonology and Morphology of Aximinca (Apurucayali, Campa)*. Austin, University of Texas. Tese de doutorado.
- PAYNE, D.L. 1985. The genetic classification of Resígaro. *Int. J. Am.Lang.*, 51: 222-231.
- PAYNE, D.L. 1987. Some morphological elements of Maipuran Arawakan: agreement affixes and the genitive construction. In: Key, M.R. (ed.). *Language Sciences* 9(1):57-75.
- PAYNE, D.L. 1988. Una vision panorámica de la familia lingüística Arawak. *Not. cult.*, 34. Bogotá, 16-19.
- PAYNE, D.L. 1991a. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: Derbyshire & Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, v.3., p. 355-499.
- PAYNE, D.L. 1991b. La interacción de la fonología, la gramática y el léxico en la investigación comparativa del maipuran. *Revta. latinoam. estud. etnol. Lingüíst. Arawaka*. Lima: 241-258.
- PAYNE, D.L. 1991c. Apolista (Lapachu) as a Maipuran (Arawakan) language. Congresso Internacional de Americanistas. 47. paper. New Orleans.
- PAYNE, D.L. 1987. Noun classification in the Western Amazon. In: Key, M.R. (ed.). *Language Sciences* 9(1):21-44.
- PAYNE, D.L. 1990. *The Pragmatics of Word Order. Typological Dimensions of Verb Initial Languages*. Mouton de Gruyter.
- PAYNE, D.L. (ed.). 1990. *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Indian Languages*. University of Texas Press. Austin.
- PAYNE, J. 1989. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Asheninca*. Pucalpa. (Serie Lingüística Peruana 28).
- PET, W.J.A. 1987. *Lokono (Dian), the Arawak language of Suriname: a grammatical sketch of its grammatical structure and lexicon*. Cornell University. Tese de doutorado.
- PICKERING, W. 1973. Command in Apuriña. Brasília, SIL. *Arquivos lingüísticos*, 6.
- PICKERING, W. 1977. Relativização em Apuriña. *Sér. lingüíst.* 9(2): 127-140.
- PICKERING, W. & PICKERING, I.L. 1964. Apuriña morphology. Brasília, SIL. *Arquivos lingüísticos*, 7.
- POLINSKAYA, M.O. 1989. Object initiality: OSV. *Linguistics* 27:257-303.
- RAMIREZ, H. 1992. Bahuana. Une nouvelle langue de la famille Arawak. *Amerindia*, Paris.
- RICHARDS, J. 1973. Dificuldades na análise de possessão nominal em Waurá. *Sér. lingüíst.* 1:11-29.

- RICHARDS, J. 1988. A estrutura verbal Waurá. *Sér. lingüíst.* 9 (2):197-218.
- RIVET, P. & REINBURG, P. 1921. Les indiens Marawan. *J. Soc. Am. Paris*, 13:103-18.
- RIVET, P. 1924. Langues de l'Amérique du Sud et ds Antilles. In: Meillet, A. & Cohen, M. (ed.). *Les langues du monde*. Paris, p.639-712.
- RIVET, P. & TASTEVIN, C.1919-21. Les tribus indiennes des bassins du Purús, du Juruá et des régions limitrophes. *La Géographie*, 35: 449-82.
- RIVET, P. & WAVRIN, R. 1951. Un nouveau dialecte Arawak: le Resigaro. *J. Soc. Am. Paris*, 40:203-38.
- RIVET, P. & WAVRIN, R. 1952. Les indiens Parawgwan. *J. Soc. Am. Paris*, 41(2):235-8.
- RODRIGUES, A.D. 1970. Línguas ameríndias. In: Enciclopédia Delta-Larousse. Rio de Janeiro, Delta, p. 4034-4036.
- RODRIGUES, A.D. 1986. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo. Loyola.
- RODRIGUES, A.D.1992. *Diversidade lingüística na Amazônia*. manuscrito.
- RONDON, G.M.S. & FARIA, J.B.1948. *Esboço gramatical, vocabulário, lendas e canticos dos índios Aliti (Parici)*. Rio de Janeiro.
- ROSEN, S. 1989. Two types of noun incorporation: a lexical analysis. *Language* 65(2):294-317.
- ROWAN, O. & BURGESS, E. 1979. Gramática parecis. Brasília, SIL. *Arquivos Lingüísticos*.
- ROWAN, O. & ROWAN, P. 1978. *Dicionário Parecis-Português e Português-Parecis*. Brasília, SIL.
- RUHLEN, M. 1988. *Guide to the World's Languages*. Stanford, University of California Press.
- SCHAUER, S. & SCHAUER, J.1978. Una gramática del Yucuna. *Artigos em lingüística e campos afines*, 5:1-52.
- SCHMIDT, A. 1985. *Young People's Dyirbal. An example of language death from Australia*. Cambridge University Press.
- SCHMIDT, M. 1903. Guaná. *Z. Ethnol.*, 35:324-336, 560-604.
- SCHMIDT, W. 1926. *Die Sprachfamilien und Sprachkreise der Erde*. Leipzig.
- SCHULLER, R.R. 1911. Las lenguas indígenas de la Cuenca del Amazonas y del Orinoco. *Revta. Am.*, Separata da 1 part.: 25-84.
- SCHULLER, R.R. 1912. *Yñerre, o Stammvater dos Índios Maynas. Esboço etnológico-lingüístico*. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Bibliotheca Nacional.
- SEKI, L. 1991. *História e conhecimento dos povos do Parque Indígena Xingu*. Projeto integrado de pesquisa. CNPq/Fapesp.

- SEKI, L. & AIKHENVALD A.Y. 1993. *Proto-Arawakan of Xingu: a reconstruction*. manuscrito.
- SHAFFER, R. 1956. Algumas equações fonéticas em Arawakan. *Anthropos*, 54:542-562.
- SHOPEN, T. (ed.). 1985. *Language Typology and Syntactic Description*. 3v. Cambridge University Press.
- SORENSEN, A. 1967. Multilingualism in the Northwest Amazon. *Am. Anthrop.*, 69:670-684.
- SOUZA MELO, A.A. 1992. *Vocabulário da língua Baniwa do Içana (Siuci)*. manuscrito.
- SUENE J. 1981. *Dicionário wapishana-portugues e portugues-wapishana*. Boa Vista
- STEINEN, K. VON DEN. 1886. *Durch Zentralbraslien*. Leipzig.
- SWIFT, K. 1982. *Morfologia del Caquinte*. Pucalpa.
- TAUNAY, A. 1875. Vocabulário da lingua Guanã ou chané, provincia de Matto Grosso. *Rev. Trimensal Inst. Hist. Geográfico Brasileiro*. 38, 2 parte: 145-162.
- TAVERA-ACOSTA. 1907. *En el Sur. Dialectos indigenas de Venezuela*. Ciudad Bolivar.
- TAYLOR, D.M. 1951a. *The Black Carib of Honduras*. (Viking Fund Publications in Anthropology, 17).
- TAYLOR, D.M. 1951b. Morphophonemics of Island Carib (Central American Dialect). *Int. J. Am. Ling.*, 17:224-34.
- TAYLOR, D.M. 1952. Sameness and difference in two Island Carib dialects. *Int. J. Am. Ling.*, 18:223-230.
- TAYLOR, D.M. 1953. A note on the identification of some Island Carib affixes. *Int. J. Am. Ling.*, 19-3:195-205.
- TAYLOR, D.M. 1956. Island Carib morphology. *Int. J. Am. Ling.*, 22:138-151.
- TAYLOR, D.M. 1961. Review of "Algumas equações fonéticas em Arawakan" by Robert Shafer. *Int. J. Am. Ling.*, 27:273-278.
- TAYLOR, D.M. 1977a. A note on Palikur and Northern Arawak. *Int. J. Am. Ling.*, 43:58-60.
- TAYLOR, D.M. 1977b. *Language of the West Indies*. Baltimore. John Hopkins University Press.
- TAYLOR, D.M. & HOFF, B.J. 1966. Review of Proto-Arawakan and its descendants by G.K.Noble. *Int. J. Am. Ling.*, 32:303-308.
- TAYLOR, G. 1991. *Introdução à língua Baniwa do Içana*. Campinas. Editora Unicamp.
- TOVAR, A. 1986. *Las lenguas arahuacas: hacia una delimitación y clasificación más precisa de la familia arahuaca*. Bogotá. Instituto Caro y Cuervo (Thesaurus, 41).
- TOVAR, A. & TOVAR, C.L. 1984. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Madrid.

- VALADARES, S.M.B. 1993. *Aspectos da língua Kurripako (Kumandene)*. Florianópolis. Tese de mestrado.
- VALENTI, D. 1986. *A Reconstruction of the Proto-Arawakan Consonantal System*. University of New York. Tese de doutorado.
- VALENZUELA, P. 1991. Comprobación del lugar de la lengua ñapari dentro de la rama preandina de la familia arawak. *Rev. latinoam. estud. etnoling. Lingüíst. Aravaka*. Lima, p.209-240.
- VINOGRADOV, V.A. 1982. Critérios tipológico-funcionais e relações genéticas das línguas. In: *Fundamentos teóricos para a classificação das línguas do mundo (Teoreticheskie osnovy klassifikacii yazykov mira)*. Moscow, Nauka, p. 258-312.
- VOEGELIN, C.F. & VOEGELIN, F.M. 1977. *Classification and Index of the World's Languages*. New York, Elsevier.
- WALLACE, A.R. 1853. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. London.
- WILSON, P.J. 1992. *Gramática del Achagua (Arawak)*. Colombia, Instituto Lingüístico del Verano.
- WISE, M.R. 1986. Grammatical characteristics of Preandine Arawakan languages of Peru. In: Derbyshire, D.C. & Pullum, G.K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, v.1. Berlin, Mouton de Gruyter, p. 567-642.
- WISE, M.R. 1990. Valence-changing affixes in Maipuran Arawakan languages. In: Payne, D.L. (ed). p. 89-116.
- WISE, M.R. 1991a. Un estudio comparativo de las formas pronominales y sus funciones en las lenguas arawakas norteñas. *Revta. latinoam. estud. etnol. Lingüíst. Aravaka*. Lima, p. 183-200.
- WISE, M.R. 1991b. Morfosintaxis comparativa y subagrupaciones de las lenguas arawakas maipuran. *Revta. latinoam. estud. etnol. Lingüíst. Aravaka*. Lima, p. 259-282.
- ZALIZNIAK, A.A. 1967. *Russian Nominal Inflection (Russkoje imennoje slovoizmenenije)*. Moscow, Nauka.
- ZUBIN, D. & KÖPCKE, K.M. 1986. Gender and folk taxonomy: the indexical relation between grammatical and lexical categorization. Craig, C. (ed.), p.139-180.

Recebido em 28.09.94

Aprovado em 21.05.95